

DO TEXTO À PARÁFRASE

COMO ESTUDAR A BÍBLIA

Bryan Jay Bost

e

Álvaro César Pestana



DO TEXTO À PARÁFRASE
COMO ESTUDAR
A
BÍBLIA

Bryan Jay Bost

e

Álvaro César Pestana



Álvaro, Linda, Lucas e Gabriela

15/01/93

Título original :

Do Texto à Paráfrase: Como estudar a Bíblia

Primeira edição, 1992

Todos os direitos reservados pela

EDITORA VIDA CRISTÃ

Caixa Postal 8153

01065-970 São Paulo - SP

É proibida a reprodução total ou parcial
sem permissão escrita dos editores.

Digitação e composição:

Solution Graphics

Solução Gráfica Comercial Ltda.

São Bernardo do Campo - SP

Impresso no Brasil

DEDICATÓRIA

A

Jacqueline Foster Bost

e

Linda Siokmey Tjhio César Pestana.

**Fiéis cooperadoras
no ministério da palavra.**

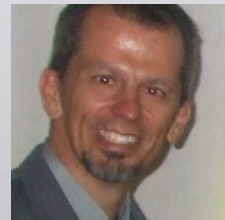


Escola de Teologia em Casa

TEOLOGIA NO CONTEXTO DA VIDA

Curso Livre de Teologia por meio de EaD - moodle®

www.teologiaemcasa.com.br



Álvaro César Pestana
Professor de Teologia da
Escola de Teologia em
Casa e do Seminário
EBNESR.



“Muitos são chamados, mas poucos conseguem ir”.

Esta não é exatamente a frase de Jesus, mas descreve a situação da demanda por educação teológica bíblica.

Muitos discípulos de Cristo sentem a necessidade de um estudo bíblico-teológico mais aprofundado e que responda às questões que nosso ambiente pós-moderno nos propõe.

Contudo, somente uns poucos conseguem deixar as casas, os trabalhos, os ministérios e a cidade em que moram para procurar um seminário.

A **Escola de Teologia em Casa** oferece uma possibilidade de reverter esta situação fazendo com que “mais e mais chamados sejam capacitados” para o ministério cristão em suas próprias casas.

A Tecnologia da Informação já mudou nossa vida e é apontada como o grande caminho para a Educação do futuro e para o futuro da Educação.

Acreditamos que a capacitação teológica obtida “em casa” ficará muito mais próxima das reais necessidades do discípulo de Cristo que aprenderá e aplicará a Escritura no seu contexto de vida. Estude na **Escola de Teologia em Casa** e viva **TEOLOGIA NO CONTEXTO DA VIDA**.

ÍNDICE

1. Prefácio	4
2. Introdução ao estudo bíblico	5
3. Visão panorâmica da metodologia	16
4. O TEXTO	21
5. O CONTEXTO (I)	31
6. O CONTEXTO (II)	47
7. AS PALAVRAS	60
8. AS IDÉIAS	74
9. A PARÁFRASE	96

Apêndices

I - Roteiro para o uso de ferramentas de estudo bíblico	108
II - Biblioteca do estudante da Bíblia	110
III - Exemplo de folha de trabalho	114

ABREVIACÕES.

- ARA - A Bíblia Sagrada - Versão de João Ferreira de Almeida, revista e atualizada no Brasil.
- ARC - A Bíblia Sagrada - Versão de João Ferreira de Almeida, revista e corrigida.
- Nestle-Aland²⁵ - "Novum Testamentum Graece" de Eberhard Nestle, reelaborado por Erwin Nestle e Kurt Aland. Vigésima quinta edição.
- Nestle-Aland²⁶ - "Novum Testamentum Graece" de Eberhard e Erwin Nestle, com aparato crítico reelaborado por Kurt e Barbara Aland com a cooperação do Comitê Editorial das Sociedades Bíblicas Unidas. Vigésima sexta edição.
- UBS³ - The Greek New Testament publicado pelas Sociedades Bíblicas Unidas (United Bible Societies). A terceira edição corrigida tem o mesmo texto grego que Nestle-Aland²⁶.
- MS - A Bíblia Sagrada - Versão de Matos Soares, feita da Vulgata.
- BJ - A Bíblia de Jerusalém.
- BLH - A Bíblia na Linguagem de Hoje.
- VR - A Bíblia Sagrada - Versão revisada, baseada na tradução de João Ferreira de Almeida, de acordo com os melhores textos originais.
- BAM - Bíblia Sagrada - Traduzida dos originais mediante a versão dos Monges de Maredsous, publicada pela Editora Ave Maria.

1

PREFÁCIO

O método de estudo bíblico proposto neste livro surgiu em fevereiro de 1977, apresentado no formato de um curso denominado COMO ESTUDAR A BÍBLIA, sendo Bryan J. Bost o professor e Alvaro C. Pestana um dos alunos.

A partir de então, os dois têm trabalhado com esta metodologia no preparo de aulas, sermões e publicações, além de ensinarem a outros a sua utilização.

O material nele contido foi testado por quase quinze anos em teoria e prática, tendo resultados tão positivos que a sua publicação em forma de livro irá certamente ser de grande utilidade para os interessados em aprender a estudar e ensinar a Bíblia.

O propósito deste trabalho é ensinar o estudo da Bíblia por si mesmo e obter resultados verdadeiros. Sem desvalorizar os estudos feitos por outros, esta obra incentiva o estudante a começar com a Bíblia. O estudo bíblico independente é a única forma de chegar à verdade de Deus, sem a distorção dos erros alheios. Por outro lado, estudar independentemente não permitirá a autenticação de erros pessoais, visto que um estudo honesto evitará dar ao texto um sentido que ele não tem, além de aceitar a correção e as sugestões de outros que já o estudaram antes.

O desejo dos autores é que a presente obra estimule o estudo bíblico honesto e profundo por parte de todos os servos de Deus, especialmente aqueles incumbidos do ministério da palavra. E que a Deus seja dada a glória e a honra, hoje e sempre.

Outubro, 1992

2

INTRODUÇÃO AO ESTUDO BÍBLICO

Um estudo bíblico inaugurou o ministério terrestre de Jesus, e com um estudo bíblico ele o encerrou. Esta é a ênfase do evangelho segundo Lucas (Lc 4.14-22; 24.27,32,44). Lucas é o livro bíblico que chama Jesus de Mestre o maior número de vezes. Jesus pressupunha que o homem só pode aproximar-se de Deus por meio da sua revelação. O estudo bíblico é o modo de conhecer a revelação de Deus.

O estudo bíblico foi um meio utilizado pela igreja primitiva na divulgação do evangelho e no fortalecimento da fé dos convertidos (At 8.35; 17.2-3,11; 18.27-28). Eles seguiam os passos de Jesus e acreditavam, como ele, que a pesquisa das Escrituras levaria os homens ao encontro de Deus.

O próprio evangelho de Lucas é o resultado do estudo bíblico de evangelhos anteriormente escritos, conforme declara o autor no prefácio da obra (Lc 1.1-4). A leitura do Novo Testamento certamente confirma a tese de que o estudo bíblico era uma das principais atividades desenvolvidas pela igreja nascente e missionária, no primeiro século.

Estas poucas observações bastam para ressaltar nosso dever de estudar a Bíblia. É um dever e não uma opção, visto que este era o proceder de nosso Mestre, da igreja antiga e dos próprios escritores inspirados. O que conhecemos de Jesus está na forma de um livro que necessita ser estudado para obter dele uma plena compreensão da sua obra e pessoa.

Metodologia e estudo bíblico.

Este livro pressupõe que os cristãos irão estudar a Bíblia, e procura dar uma orientação metodológica a este trabalho.

Todos os que se aproximam da Bíblia, utilizam-se de um método de estudo da mesma, consciente ou inconscientemente. Não há problema em ter um método de estudo bíblico, desde que ele seja válido e nos conduza a resultados verdadeiros.

É necessário verificar se o método que utilizamos para estudar a Bíblia é bom. Mesmo aqueles grupos que afirmam não estudar a Bíblia, têm seu modo especial de basear nela os seus pensamentos. Outros, mais conscientes da necessidade de estudo, utilizam-se de comentários, livros de estudo dirigido e de outras obras, para obter maior compreensão do texto bíblico. Ouvir palestras, aulas e pregações é para a maior parte das pessoas o único método de estudar a Bíblia que conhecem.

Esta obra quer incentivar o estudo independente da Bíblia. Esta independência não diz respeito a Deus, e sim ao homem. Grande parte do povo de Deus tem-se tornado erradamente dependente de outros para compreender a Bíblia. Acreditamos que o conhecimento e divulgação de um bom método de estudar independentemente a Bíblia é o melhor modo de promover um retorno sadio aos ensinamentos da Escritura.

A razão de estudar a Bíblia por si mesmo

Alguém pode perguntar: Porque devo estudar a Bíblia por mim mesmo? Uma infinidade de pessoas já não fez esse estudo? Qual a razão de tentar fazer isto de novo?

1. A primeira razão para estudar a Bíblia por si mesmo é simples: **não devemos absorver a "teologia" dos que nos rodeiam.** Esta sempre foi a causa da apostasia e idolatria de Israel. Usaremos, porém, um exemplo moderno para ilustrar esse ponto: Os primeiros missionários de determinada denominação batizavam para a remissão de pecados. Hoje em dia, porém, a prática mais comum desta denominação não é esta. Qual a razão? Simples: como os primeiros obreiros diziam não ter necessidade de estudar a Bíblia (mas pregavam "inspirados" pelo Espírito, sem preparo prévio), com o tempo, esta denominação foi absorvendo a teologia evangélica mais forte no país que ensinava a não essencialidade do batismo. Moral da história: quem não estuda para aprender o que é certo, vai aprender de muitos modos o que é errado.

2. Outra razão para fazer um estudo bíblico independente é a **má exegese encontrada na literatura sobre a Bíblia.** Se um professor da escola dominical preparar suas aulas consultando comentários, vai acabar ensinando mentiras em nome de Deus. Por exemplo: num conceituado comentário, a

parábola do fermento é alegorizada e a lição que o autor procura transmitir é que a "a falsa doutrina se infiltra em todas as partes do reino". O autor usa muitas referências e parece ter avaliado a opinião contrária. Como saber se ele está certo? Precisamos fazer um estudo próprio, caso contrário seremos induzidos a pensar como o comentarista quer que pensemos. Muitos exemplos deste tipo poderiam ser usados, mas o ponto é que não podemos ensinar opinião humana. Temos a obrigação de verificar tudo, e o melhor meio de fazê-lo é estudar sem influência alheia.

3. Um motivo importante para o estudo bíblico é o fato de **não possuímos um "intérprete oficial" da Bíblia** como a Igreja Romana, ou como os Russelitas. Cada cristão e cada geração cristã tem o dever de estudar e determinar o que a Bíblia está dizendo. Se não fizermos isto, estamos endossando alguma forma de "credo oral", que substitui as Escrituras como critério da verdade.

4. Um estudo honesto e independente das Escrituras ajuda a tirar os textos bíblicos do seu "sentido comum". Chamamos de sentido comum aquele sentido que sempre demos ao texto até o dia em que aprendemos o que realmente o texto queria dizer. Quando um católico lê a palavra "batismo", o sentido comum associado a esta palavra evoca a imagem de um sacerdote jogando água na testa de um nenê. Um estudo sério e independente mostra que este sentido comum está errado. O estudo bíblico independente faz com que tiremos os "óculos" que sempre nos faziam ver as coisas com uma determinada cor: a cor das idéias preconcebidas ou pré-conhecidas.

5. Estudar a Bíblia faz com que **deixemos de usar os textos como "textos-prova" de doutrinas**, e busquemos a mensagem íntegra que o Espírito Santo quis transmitir através do escritor do texto sagrado.

6. Um estudo bíblico renovado **impede aquela tendência de ser eclético e dar ao texto bíblico vários sentidos**. Um estudo sério leva em conta o fato do escritor original ter tido em mente algo que precisamos saber. Não adianta somar tudo o que se diz sobre um texto; precisamos determinar o que o texto diz.

7. Por último, cremos que a razão mais importante para um estudo bíblico sério é **a vontade de Deus**. Deus quer que nos apropriemos da sua vontade. A Bíblia é o registro dela. Logo, é essencial que estudemos a palavra de Deus e procuremos compreendê-la. Não existe conselho mais repetido nas Escrituras, direta e indiretamente. Deus é eternamente sábio. Se ele, nesta sabedoria, deixou sua vontade revelada em um livro, então temos

a certeza de que é possível compreender a vontade dele pelo estudo deste livro. Se não o fizermos ou desistirmos da tarefa, estaremos blasfemando contra a sabedoria de Deus.

O método histórico-crítico.

Iremos neste curso estudar o texto sagrado usando o método histórico-crítico!

O que chamamos de método histórico-crítico é o método de estudo e pesquisa bíblica que procura levar em conta o contexto histórico que envolve o texto, fazendo uma avaliação acurada (crítica) de todas as relações desta informação com o sentido do texto. Uma ênfase quanto ao sentido gramatical e histórico do relato bíblico é o alvo deste método. Realiza-se a tarefa de um historiador, que avalia um documento antigo com o alvo de compreendê-lo. Isto revela pouco sobre como vamos trabalhar, já que esta metodologia é largamente empregada por "teólogos" que não creem na inspiração plena das Escrituras. Apesar do mau uso do método por alguns, queremos empregar o método histórico-crítico na exegese por acreditarmos que ele fornece o significado original do texto. Usaremos este método orientados pela fé que já temos na absoluta inspiração e autoridade das Escrituras. Também acreditamos ser a humildade a maior virtude de um exegeta.

É um método histórico porque leva em conta a época e a situação original em que o texto foi escrito. A Bíblia é a palavra de Deus dada através das palavras de pessoas históricas (Hb 1.1-2). Assim, **o trabalho de entender a Bíblia é o trabalho de um historiador. A história é uma ferramenta de trabalho.** O próprio texto bíblico no geral contém elemento histórico suficiente para dar uma idéia da situação original, dispensando-nos do uso de muito material estranho. É necessário ser prudente ao utilizar "ajudas" externas.

* Dois elementos precisam ser levados em conta quando tratamos da Palavra de Deus: sua particularidade histórica contrabalançada por sua validade eterna. A particularidade histórica diz respeito ao que estava acontecendo na situação original. Por exemplo, Paulo escreveu o livro de Gálatas para combater doutrinas judaizantes que se infiltravam na igreja. A relevância eterna leva em conta que mesmo em uma situação diferente, a mensagem de Gálatas tem importância para cada geração de cristãos.

Em último lugar, usaremos o método histórico na tentativa de entender cada texto da Bíblia na situação, pensamento e época da própria Bíblia.

Nosso método também é um método crítico porque requer o uso de nossas faculdades mentais em raciocínios, julgamentos, estudos e esforços. A eterna inteligência e bom senso de Deus estão refletidos no seu livro. É necessário que usemos a inteligência que ele nos deu para compreendê-lo. A palavra crítico tem geralmente uma coloração negativa. Não queremos usá-la desta forma. O método é crítico em avaliar os resultados obtidos e em pesá-los. Nunca deve tornar-se crítico contra a Bíblia.

O uso da razão deve ser subordinado à fé na revelação. Não podemos chegar a Deus com a razão; Deus é quem chega a nós com a revelação de sua razão, Jesus Cristo, o logos eterno (logos: palavra grega que pode significar razão).

Exegese e hermenêutica.

Nossa tarefa é dupla: Primeiro, descobrir o que o texto significava originalmente, esta tarefa é chamada **exegese**; em segundo lugar, devemos aprender a discernir esse mesmo significado na variedade de contextos novos ou diferentes dos nossos próprios dias, esta é a tarefa da **hermenêutica**. Em definições clássicas a hermenêutica abrange ambas as tarefas, mas em tratados recentes a tendência tem sido separar as duas.

Para nós, exegese é ler e explicar os textos em empatia (e simpatia) com os escritores bíblicos. O exegeta é primeiramente um historiador que analisa os documentos. Todavia, ele tem de ir além da análise impessoal: é necessário assumir a fé que o escritor possuía para entender seus escritos. A exegese é um trabalho literário-espiritual.

A hermenêutica é necessária para a exegese. Exegese é uma palavra que vem da língua grega, sendo composta da preposição **EK** (de) e da forma substantiva do verbo **HĒGEOMAI** (ir, guiar, conduzir) e significa “conduzir para fora” o sentido original de um texto. Na exegese procuramos entrar no texto (**EIS**), e ficar nele (**EN**), para então sairmos dele (**EK**) tirando lições para nós. Hermenêutica é a síntese dos resultados da exegese, tornando-a relevante para o leitor, ou auditório.

Pressuposições.

Pressuposições são idéias, hipóteses ou fatos que aceitamos ou carregamos conosco antes de iniciar nossa análise de um texto. O bom exegeta procura libertar-se ao máximo deles para que a sua compreensão do texto não seja distorcida pela sua pré-compreensão. Um exemplo prático ajuda a ver a importância das pressuposições. Se um exegeta pressupõe que “milagres não podem acontecer”, todo seu estudo dos evangelhos e de Atos vai

revelar ceticismo quanto aos fatos narrados e vai procurar explicá-los por meio de causas naturais, ignorância do povo, erro do escritor, etc. As pressuposições vão guiar nossa capacidade de entender e explicar o texto.

Por outro lado, as pressuposições existem e sempre existirão. O que importa é a sua validade. O critério da validade de uma pressuposição é a sua base **cristológica**, que Jesus Cristo é o filho de Deus. Devemos ler a história do Novo Testamento com a pressuposição cristológica revelada pelos escritores. Esta é uma pressuposição básica para entender o Novo Testamento, e até mesmo o Velho, tomadas as devidas precauções. A pressuposição cristológica é válida para sempre.

Quando as nossas pressuposições são iguais às pressuposições dos escritores do Texto Sagrado, temos as melhores condições possíveis para entender o que eles estão falando e escrevendo. Não há um raciocínio em círculo aqui. A fé em Cristo, mantida pelos escritores do Novo Testamento, precedeu a obra escrita que produziram sob a influência do Espírito Santo. Logo, para que possamos acompanhar o pensamento desses homens, precisamos participar da fé que tiveram.

Ver o texto como o autor o viu é o nosso alvo. Buscando as pressuposições do autor, não entraremos em choque com ele. Encontrar as pressuposições do escritor pode ser a chave para não introduzir nossas idéias no texto. Cristo é o princípio de unidade e da verdade na interpretação da Bíblia.

Os resultados de um bom estudo bíblico.

Muito poderia ser dito sobre as vantagens e os bons resultados obtidos pelo estudo cuidadoso das Escrituras. Nesta altura de nosso estudo queremos enfatizar apenas algumas idéias para aumentar nossa motivação.

1. **Teremos mais fé.** A fé vem por ouvir a palavra (Rm 10.17). A mesma palavra reforça a nossa certeza e convicção (Hb 11.1; Lc 1.4). O modo de crescer na fé e até mesmo de falar com convicção é ter grande intimidade com a fonte de toda a autoridade para o cristão em sua conduta e pensamento.

2. **Teremos mais o que dizer.** Pregar por vinte minutos é diferente de “tentar” pregar por vinte minutos. O que queremos dizer com isto é que o pregador despreparado vai “encher lingüiça” para ocupar o tempo designado para a sua exposição. Por outro lado, o pregador que estudou tem algo a dizer. O pregador ou professor que não estudou não sabe como acabar a aula ou o sermão, e por isto geralmente se alonga além do tempo normal.

O pregador ou professor preparado já selecionou o essencial do texto bíblico, e vai passar isto ao público objetivamente.

Professores de homilética costumam dizer que o estudo bíblico assemelha-se a encher um copo com água; a pregação é a água que transborda do copo. O único modo de ensinar, tendo algo para dizer, é portanto pelo estudo bíblico.

3. **Teremos a certeza de ensinar a sã doutrina.** A maior garantia da verdade é o bom estudo bíblico, honesto, cuidadoso e respeitoso à autoridade das Escrituras. Não devemos ensinar o que não sabemos, nem aquilo sobre o que não temos plena certeza. Na maior parte das heresias da história, o estudo deficiente das Escrituras se faz sentir.

4. **Teremos mais condições de prosseguir.** Estudo gera estudo. Saber atrai mais saber. A disciplina adquirida vai levar-nos adiante e preparar-nos para um progresso cada vez maior. Todo estudo realizado torna-se a base para outros estudos, e a prática e obediência aos mandamentos de Deus fica cada vez mais clara.

5. **Teremos mais influência do Espírito Santo sobre nós.** Sendo a Bíblia um produto da ação do Espírito Santo sobre homens de Deus (2 Pe 1.20-21), o contato constante e deliberado com ela nos coloca sob a influência do mesmo Espírito. Podemos compreender assim por que a expressão em Efésios 5.18, que corresponde à **palavra de Cristo** em Colossenses 3.16, é o **Espírito**. De fato, “a espada do Espírito” é a “palavra de Deus” (Ef 6.17). Certamente não iremos restringir a atuação do Espírito à atuação da Palavra, mas devemos lembrar que esta é um dos meios mais importantes pelas quais o Espírito age.

Perigos envolvidos nos estudos.

Talvez não seja este o ponto para falar sobre os perigos de estudar muito. Por outro lado, é importante ponderar bem o incentivo ao estudo com algumas advertências contra os excessos. Há vários riscos no muito estudar: vamos agora chamar atenção para alguns deles.

1. **Perder a fé.** Isto pode parecer uma contradição do que foi dito acima, mas não é. Se a atitude correta for mantida, o estudo robustecerá a fé. Por outro lado, alguns, pelo seu muito estudo, acabam por julgar-se mais inteligentes do que os escritores inspirados; e, no fim, julgam-se mais inteligentes do que Deus. Existem muitos eruditos que sabem “mais” sobre Jesus do que os apóstolos (ou pelo menos pensam que sabem), e por isto começam a julgar as Escrituras, dizendo o que está certo e o que está errado. Este é

um caminho pelo qual não queremos que ninguém palmilhe. É a Bíblia que deve nos julgar e nunca nós a ela.

2. **Ser inútil.** O estudo em demasia tem levado alguns a saber muito e fazer pouco. Outros ficam se preparando a vida toda, e nunca estão prontos para agir. Não podemos nos dar ao luxo de estudar a palavra sem obediência. No mundo moderno, e especialmente no acadêmico, as pessoas “especializam-se cada vez mais em menos e menos”. Nosso estudo não pode estar sempre comprometido com um propósito predeterminado: é necessário fazer estudos que explorem áreas nas quais ainda não sabemos quais os lucros que iremos auferir. Por outro lado, nossos estudos devem levar geralmente a propósitos de aprendizado, ensino, evangelização e, sobretudo obediência.

3. **Ficar orgulhoso.** A seita dos gnósticos que tanto atormentou os discípulos no segundo século, nada mais era do que um grupinho de intelectuais. Assim também, devemos tomar cuidado para que o estudo não “suba à nossa cabeça” e comecemos a julgar-nos melhores que os outros. Quando isto ocorre, o orgulhoso não gosta de ouvir os “irmãos mais simples” falando, e passa a ser um juiz do conhecimento alheio, ao invés de acolher a palavra de Deus.

4. **Querer ser original demais.** É muito comum ver alguém querendo marcar época na igreja por ensinar algo completamente novo. Cautela! O estudo bíblico, trará sem dúvida novos conhecimentos, mas o amor da novidade para engrandecimento pessoal ou para levantar polêmica é sempre pernicioso. Infelizmente, quase todas as “grandes novidades” não passam de ressurreições de velhas heresias.

“Demais, filho meu, atenta: não há limite para fazer livros, e o muito estudar é enfado da carne. De tudo o que se tem ouvido, a suma é: Teme a Deus, e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem” (Ec 12.12-13).

A qualidade dos estudos bíblicos.

O obreiro deve gastar-se até a extenuação (se for necessário) para que Deus o considere testado e aprovado a cada momento. Como ser um obreiro em que não há nada reprovável? O modo correto deste obreiro lidar com a revelação divina (a palavra da verdade) é o critério principal para averiguar a qualidade dele. O texto de 2 Timóteo 2.15, que estamos parafraseando acima, diz que o obreiro deve **manejar bem** a palavra da verdade. “Manejar bem” é a principal qualidade do obreiro que Deus quer desenvol-

ver entre o seu povo. No original, esta expressão é oriunda da palavra ORTHOTOMEŌ: uma palavra rica e difícil de traduzir. A palavra é usada na Septuaginta em Provérbios 3.6 e 11.5 com respeito a abrir um caminho reto. Etimologicamente traz a idéia de cortar (TEMNŌ) reto (ORTHOS). As traduções sugeridas pelos lexicógrafos são: “guiar por uma estrada reta”; “ensinar corretamente”; “expor de maneira sadia”; “pregar destemidamente”; “dividir ou dispensar corretamente”. O contexto mostra como “manejar mal” a palavra nos versos 14, 16-18 e 23. “Manejar bem” está descrito em 15,21,24-27.

Assim, o nosso alvo deve ser o de dar o melhor de nós mesmos no estudo escriturístico, para que possamos “conduzir os ouvintes (e a nós mesmos) pelo caminho reto”.

Três verbos definem o dever do estudo das Escrituras Sagradas. (Taylor, W.C. - “Introdução ao Estudo do N.T. Grego”, Rio de Janeiro, 1977, 5ª Edição pag. 219). Eles são: ANAKRINŌ, ERAUNAŌ, EXERAUNAŌ. O primeiro ocorre em Atos 17.11 e fala da atitude nobre dos bereanos: examinar as Escrituras. Este primeiro verbo era usado como termo forense relativo ao exame de um réu ou uma testemunha. Assim, nosso estudo da Bíblia deve ser tão minucioso quanto uma investigação jurídica em busca da verdade.

ἀνακρίνω ἐραυνῶ ἐξεραυνῶ

Os outros dois verbos são sinônimos e indicam “um exame minucioso e penetrante” das Escrituras. Jesus disse que os judeus tinham o costume de examinar as Escrituras (Jo 5.39). Embora os estudos fossem minuciosos e buscassem a vida eterna, muitas vezes eram prejudicados pelos preconceitos contra o centro do Velho Testamento: Jesus (Jo 7.52). Por outro lado, foi através do estudo cuidadoso que os profetas buscaram compreender a vontade revelada de Deus (1 Pe 1.10,11).

O trabalho de estudar a Bíblia é um grande projeto. Deve ser conduzido com todo cuidado e perseverança. Excelência e compenetração é o mínimo que se pode almejar no estudo do livro inspirado pelo Deus Altíssimo.

Nosso trabalho para o Senhor Deus deve ser caracterizado pela alta qualidade. Na exposição e ensino de sua palavra, esta alta qualidade só é atingida com empenho e a ajuda do próprio Espírito Santo. O lema de um dos maiores expositores de todos os tempos também deve ser o nosso: “**Aplica-te totalmente ao texto: aplica-o totalmente a ti**” (J. A. Bengel - no prefácio de sua edição manual do N. T. grego / 1734).

A Palavra de Deus e a nossa palavra

A Escritura é inspirada por Deus (2 Tm 3.16-17); nossos escritos não. Ou dizemos: "Assim diz o Senhor..." ou é melhor não dizer nada, menos ainda dizer "Eu acho...". A Escritura é inspirada por Deus e por causa disto é útil. Nossa palavra não é útil para substituir a de Deus.

São as palavras da Bíblia que transmitem esperança (Rm 15.4). Nossa palavra não produz o mesmo efeito. O pregador ou professor não pode pensar que sua palavra irá converter alguém: só a Palavra de Deus produz uma autêntica conversão (Rm 10.17). Nem os ensinamentos de um homem vindo do mundo dos mortos, ainda que ressuscitasse dentre os mortos, poderiam suplantam o poder da Palavra Escrita (Lc 16.27-31). Quanto menos poder tem a palavra de homens como nós, ainda ignorantes sobre o mundo do além!

A maior parte dos desvios da verdade está na confusão entre a palavra dos homens e a Palavra de Deus. Pelo estudo bíblico devemos nos assegurar de transmitir a mais pura vontade divina, e não apenas nossa opinião sobre ela.

"A Escritura não pode falhar..." é um dos pressupostos de Jesus (Jo 10.35). Que nós aprendamos a pensar assim também.

Incertezas e inescrutabilidades.

Existem coisas que não saberemos nunca (Dt 29.29). Submissão piedosa é necessária ao lidar com o que não é claramente revelado na Bíblia. Conjecturar e construir suposições sobre textos e assuntos obscuros é como construir na areia (usando uma ilustração predileta de Jesus). Muitas coisas foram guardadas sob o conhecimento apenas de Deus (At 1.7 por exemplo), e é bom não procurar falar o que Deus não disse. Quando estudamos seriamente a vontade revelada de Deus devemos, no final, declarar a doxologia de Romanos 11.33-36 (abra sua Bíblia e leia), como fez Paulo.

* Assuntos difíceis são usados pelos que não querem submeter-se a Deus, para tentar assumir ares de verdade na mentira em que vivem. Tomemos todo o cuidado para não sermos atraídos para aqueles textos difíceis com o propósito de obter deles a justificação de um pensamento preconcebido (2 Pe 3.14-18).

É interessante notar que a maioria dos ignorantes prefere escrever comentários sobre o Apocalipse do que sobre qualquer outra parte da Bíblia. As seitas mais despreparadas para um estudo bíblico sério são geralmente

as que produzem mais literatura sobre este livro tão diferente. A razão deste fenômeno, entre outras, está no fato de ser mais fácil torcer um livro simbólico do que textos mais literais e diretos.

Não devemos fugir de nenhuma parte da Bíblia: fácil ou difícil, ela foi escolhida pelo Espírito para nossa instrução. Por outro lado, qualquer teimeridade no tratamento da mesma pode conduzir à condenação.

A orientação divina no estudo.

Deus quer ajudar-nos no estudo da sua Palavra. Sem essa ajuda o trabalho seria impossível. Tiago 1.5-6 diz que devemos pedir sabedoria a Deus (no contexto, é sabedoria para entender o aspecto positivo das provações). Paulo pede que Timóteo medite sobre um assunto e promete que Deus lhe dará condições de entender (2 Tm 2.7). É a iluminação divina que faz a diferença maior para o estudante (Ef 1.17-18; 3.18-19), no sentido de que ele entenda o que Deus disse.

Isto não quer dizer que vamos ter visões e revelações independentes da Bíblia. Também não significa que não precisamos estudar. Mas, sim, que é impossível tentar entender a Palavra de Deus sem a ajuda dEle (1 Co 2.12-16).

Nossa tarefa e compromisso.

O que se exige de nós é um trabalho de três etapas: ler, compreender e explicar o livro de Deus. Na conversão do eunuco (At 8) podemos notar estes três elementos: a Escritura estava sendo lida (v.28), mas não estava sendo compreendida (v. 30-31). Filipe, entrando em contato com o etíope, leu, compreendeu (já compreendia) e explicou o texto (e muito mais) (v. 32-36).

O etíope não entendeu o texto apesar de fazer a pergunta correta: "A quem se refere o profeta?" (v. 34). Faltava-lhe informações históricas e textuais; de fato, faltava-lhe uma visão maior do plano de Deus, ou seja, do Evangelho.

Filipe leu o texto com ele, e como já entendia o texto (de estudos anteriores?), explicou o texto, possivelmente abordou outras passagens, adicionou os fatos históricos sobre Jesus que eram o coração da pregação apostólica, e, finalmente, falou da conversão (batismo).

Leia, compreenda e explique!

3

VISÃO PANORÂMICA DA METODOLOGIA

O grande perigo de esboçar uma metodologia é levar alguém a pensar que cada item é independente dos outros. Na verdade todos os itens do método proposto são interdependentes e formam um conjunto inseparável. Por outro lado, há uma certa ordem de trabalho a ser seguida, especialmente quanto ao momento adequado de consultar certas “ferramentas” de estudo. Algumas destas “ferramentas” devem ser usadas no início da pesquisa e outras no fim. Uma visão global no início dos estudos não tem o propósito de explicar tudo, mas apenas mostrar ao estudante o caminho pelo qual ele vai caminhar. Cremos que a visão do roteiro completo é o único modo de fazer com que haja uma aplicação consciente de cada etapa do mesmo.

Usaremos o livro de Colossenses como “laboratório” de estudos. Isto quer dizer que aplicaremos ao livro de Colossenses os princípios de exegese que vamos aprender. Colossenses será o exemplo principal de nosso estudo, mas ocasionalmente usaremos outros livros bíblicos para mencionar e exemplificar aquilo que não é fácil (e muitas vezes não é possível) fazer usando só o de Colossenses.

Cinco palavras-chave resumem o método:

TEXTO

CONTEXTO

PALAVRAS

IDÉIAS

PARÁFRASE

Decorar estas palavras e recitá-las ao começar o estudo de uma passagem bíblica é o melhor meio de não se desviar do método proposto. Fazendo assim, a busca das informações fundamentais para a compreensão da Palavra de Deus logo será automática.

TEXTO.

O primeiro passo é estabelecer o texto. É preciso ler com cuidado a passagem, notando quaisquer dificuldades textuais, palavras desconhecidas e estruturas gramaticais. Também é necessário observar o gênero literário (epístola, narrativa, poesia, alegoria, parábola, etc.). Aqueles que sabem ler grego ou hebraico têm grande vantagem: podem verificar todos esses detalhes no texto original. Os demais podem ler a passagem várias vezes nas traduções portuguesas que existem hoje. O fato de estabelecer o texto, assegura uma base firme sobre a qual edificar a interpretação certa.

Estabelecendo o texto certo, iremos entender a razão da diferença entre as traduções Almeida Revista e Atualizada (ARA) e Almeida Revista e Corrigida (ARC) em Colossenses 1.14. Teremos condições de ser cautelosos sobre os colchetes encontrados em Colossenses 3.6 (ARA). Aprenderemos que o gênero literário de Colossenses 1.15-20 é poético, enquanto 3.18-4.1 é uma "lista de conselhos domésticos". Tudo isto é primordial para compreender bem a passagem em foco.

CONTEXTO.

O segundo passo do método de estudo, é determinar o contexto. O contexto é a garantia da verdade. Fora do seu contexto, as palavras da Bíblia podem ser usadas para dizer qualquer coisa; mas, dentro do seu contexto, ensinam sempre a verdade pretendida por Deus. O contexto, refere-se, naturalmente, ao ambiente do texto, ao seu posicionamento histórico e literário.

Uma brincadeira mostra a função do contexto. Em Colossenses 3.23, lemos a frase: "tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração". Fora do contexto, alguém poderia dizer que o homicídio, o roubo e a mentira são atividades aprovadas por Deus, quando feitas de todo o coração. Como é natural, o contexto desfaz tal interpretação errônea.

Os detalhes da chamada "introdução" do livro e o trecho estudado, fazem parte do contexto. Estes fatos básicos colocam o estudo bíblico no rumo certo. Quem eram o autor e leitores originais? Quando foi escrito e onde? Qual é o gênero de literatura e o propósito do livro? Em outras

palavras, as respostas às perguntas: QUEM? PARA QUEM? QUANDO? ONDE? QUE? e POR QUE?, são necessárias.

O contexto também situa o trecho na Bíblia. Assim, devemos notar qual o testamento da Bíblia em que ele se encontra, o livro individual do testamento, o capítulo do livro, o parágrafo do capítulo. Com todos estes dados, o estudo do contexto dá condições de interpretar a passagem no seu próprio ambiente. A interpretação se manterá fiel à situação original e conservará a verdade pretendida pelo autor inspirado.

PALAVRAS.

Depois de determinar o contexto, o passo seguinte é o estudo de **palavras-chave**. Certas palavras, em cada versículo ou passagem, são as chaves que abrem a porta para o entendimento. O significado bíblico dessas palavras é, pois, de suma importância. O sentido bíblico de um termo é que tem valor e não a sua simples definição no dicionário. Os dicionários contêm as definições atuais das palavras. O alvo do estudante da Bíblia é pesquisar o uso das mesmas na própria Escritura, formulando assim uma definição bíblica.

Um bom exemplo da necessidade de definir as palavras biblicamente, é o termo "batismo" (Cl 2.12). No Novo Testamento, o batismo é sempre por imersão. Os dicionários, porém, refletem costumes eclesiásticos atuais e definem o batismo como ablução, imersão ou aspersão. Por isso, torna-se necessário voltar sempre à fonte da verdade, a Palavra de Deus, para estudar as palavras-chave do trecho.

O estudo de palavras se faz por meio de uma concordância bíblica, chamada também de chave bíblica na versão abreviada. Esse livro indica todas as vezes que uma determinada palavra aparece na Bíblia. Um estudo cuidadoso dos versículos, comparando o emprego da palavra em todos eles, dá a definição bíblica da mesma, revelando também, muitas vezes, a ligação da palavra com assuntos específicos (ex.: "cruz" [Cl 1.20; 2.14] - quase sempre refere-se à morte de Jesus). Desta maneira, os segredos das palavras-chave ficam sendo conhecidos.

É claro que os dicionários também são úteis nesse terceiro passo, mas é preciso não esquecer: os dicionários não são as fontes primárias de informação, e sim a Bíblia. Três são os tipos de dicionário que ajudam nessa tarefa: português, grego e bíblico. O dicionário português explica o significado atual do verbete e oferece sinônimos. O dicionário grego mostra o uso da palavra na língua original, muitas vezes diferente do termo na língua portuguesa. O dicionário bíblico discute certas palavras mais importantes e

mostra seu emprego na Escritura, comentando o significado da palavra em relação à fé cristã.

IDÉIAS.

A seleção das palavras-chave estudadas muitas vezes decorre de sua relação com a idéia (ou idéias) principais ensinadas no texto. O estudo das idéias é feito através do pensamento principal que surge na passagem. Essas idéias, geralmente chamadas doutrinas, aparecem em outras passagens; e, mediante o estudo de todas, uma boa interpretação pode ser feita, baseando-se também em outros versículos paralelos ou explicativos. Existe nas Escrituras uma perfeita harmonia de pensamento. Por essa razão, outros trechos servem para esclarecer a passagem estudada. A Bíblia torna-se, portanto, seu próprio comentário: uns trechos explicando outros. De fato, o melhor comentário da Bíblia é a própria Bíblia.

O estudo das idéias se faz por meio de referências bíblicas. Essas referências são indicadas ao pé da página, nas margens do texto, etc., das Bíblias atuais. Também o próprio aluno pode usar sua memória. De todas estas fontes são colhidas referências a serem estudadas e avaliadas para auxiliarem na explicação do texto focalizado. O uso da concordância bíblica durante este passo é também muito indicado, buscando passagens onde a idéia em estudo seja apresentada.

Este quarto passo do método de estudo bíblico apóia-se igualmente nos dicionários e comentários bíblicos. Os dicionários bíblicos e teológicos contêm artigos sobre as principais doutrinas. Os comentários trazem discussões de todos os versículos, e muitas vezes tratam das doutrinas neles encontradas. É preciso notar que a consulta a comentários se faz no fim da pesquisa e não no início. Assim, o estudante da Bíblia tem mais condições de julgar a interpretação dada, e não aceitará possíveis equívocos do comentarista.

PARÁFRASE.

O quinto e último passo é fazer a **paráfrase** do trecho. Parafrasear é explicar nas palavras do próprio estudante as idéias contidas na passagem. É aplicar a passagem às necessidades de hoje. A paráfrase é, muitas vezes, chamada de sermão ou aula bíblica. Essa é a prova de que o método de estudo funciona, dando plenas condições de entender o trecho estudado. A paráfrase mostra que o estudante realmente compreendeu a mensagem do

mesmo, porque teve capacidade suficiente para colocá-la em suas próprias palavras, adaptando-a à sua situação pessoal.

Texto - Contexto - Palavras - Idéias - Paráfrase.

Estes cinco passos constituem um bom meio de estudar a Bíblia, facilitando a descoberta da verdade e servindo de proteção contra erros e falsas interpretações. Aquele que praticá-los, colherá bons resultados e honrará sempre o nome de Deus.

Apresentaremos, no apêndice, o que seria a folha de trabalho de alguém que usou o método acima. Nesta folha, o estudante só anotou algumas coisas, e boa parte do que aprendeu fica em sua mente. O papel é como um esboço de estudo. Também esta folha não mostra as reflexões e sínteses que o estudante realizou em cada passo de seu estudo.

(Adaptado do artigo "Como Resolver Passagens Bíblicas Difíceis", publicado na revista "Ministério Cristão", vol.1, nº 9, de Abril de 1983, publicada pela Editora Vida Cristã. O artigo é de autoria de Bryan J. Bost).

4

O TEXTO

Já ouvimos diversos estudantes da Bíblia relatarem uma história parecida com esta: "Eu estava decidido a fazer um bom estudo sobre aquele trecho bíblico. Fui à minha biblioteca e peguei uma pilha de livros relativos ao assunto. Tinha um bloco de anotações à mão e até uma garrafa de café. Sentei-me na escrivaninha, abri vários comentários no texto escolhido e comecei a ler uma monografia de um autor famoso ... De repente, notei que estava sem a Bíblia! Levantei-me, e fui buscá-la".

Isto já aconteceu no seu estudo? Esperamos que não. Mas, infelizmente isto é mais comum do que se imagina. O pior de tudo é que às vezes o "estudante" nem percebe que estava faltando algum livro na sua escrivaninha!

O estudo bíblico deve começar no texto da Bíblia. Os comentários serão os últimos livros a serem consultados. Isto não quer dizer que menosprezamos a obra dos comentaristas. De modo algum, antes é por amor à Palavra de Deus que devemos dar a ela a primeira posição nos estudos bíblicos. Todo estudo bíblico se inicia com a Bíblia aberta e com a mente aberta para ela.

Definição.

Texto é a passagem ou trecho bíblico que vai ser estudado. "O vocábulo **texto** deriva do latim *texere*, que significa tecer, e que figuradamente quer dizer reunir, construir, compor e expressar o pensamento em contínuo discurso ou escrita. O substantivo *textus* indica então o produto do ato de tecer, o tecido, a trama, e, assim, no uso literário, a trama do pensamento de alguém, uma composição contínua. (J.A.BROADUS, "O SERMÃO E O

Etapas de Trabalho.

Neste ponto da nossa metodologia, o trabalho resume-se em etapas básicas: estabelecer o texto certo, verificar a estrutura do texto e obter uma compreensão preliminar do texto.

1. **Estabelecer o texto certo**, é descobrir o texto (em português) que melhor representa o conteúdo da mensagem que o escritor bíblico quis transmitir. A necessidade deste passo pode ser entendida quando lembramos que as nossas Bíblias em português são traduções e não a mensagem nas palavras literais dos escritores inspirados. Uma tradução já é, em alguns sentidos, uma interpretação do texto. Por causa disto, logo no início de nosso estudo, devemos conferir a fidelidade da tradução que estamos lendo. Se pudermos ler as línguas originais dos documentos bíblicos, excelente; caso contrário, ainda temos a responsabilidade de verificar "se as coisas são de fato assim".

Além dos problemas de tradução, temos de estabelecer o texto certo no que diz respeito a variações e diferenças encontradas nos manuscritos. É necessário lembrar que antes do aparecimento da imprensa, a Bíblia foi preservada em cópias manuscritas. Os autógrafos originais de Paulo, Pedro, Moisés, Esdras, etc., estão perdidos: não resistiram aos anos. Assim, no processo de transmissão do texto, alguns erros entraram nos manuscritos. Não devemos imaginar que estes erros sejam grande coisa, pois na verdade a ciência-arte da crítica textual, que estuda estes fenômenos, afirma que temos na Bíblia, e especialmente no Novo Testamento, os melhores e mais bem conservados livros da antigüidade.

O estudo do Novo Testamento é iniciado com uma consulta ao texto grego. O texto de Nestle-Aland²⁶ ou o texto das Sociedades Bíblicas Unidas (UBS³) são os melhores para verificar variações textuais. O primeiro menciona abreviadamente a maior parte das variações, e o último menciona extensamente apenas as variações de maior importância ou interesse para o tradutor. Mesmo para aqueles com um conhecimento mínimo do idioma do Novo Testamento esta pesquisa pode ser útil. No caso de Colossenses 1.14, mencionado anteriormente, esta pesquisa será importante. A expressão "pelo seu sangue" encontrada em ARC (e na versão de Matos Soares - MS) é original ou adição posterior? Um principiante em estudos bíblicos não deve certamente "sair por aí" emitindo julgamentos críticos-textuais. Por outro lado, uma consulta ao aparato crítico de Nestle-Aland²⁶ mostra que esta

leitura tem muito fraca atestação entre os melhores e mais antigos manuscritos e que provavelmente foi absorvida de Efésios 1.7.

Os colchetes de Colossenses 3.6 são um problema difícil até para os críticos especializados. Neste último caso, a evidência manuscrita e considerações relativas ao contexto levaram os editores do texto da UBS³ a incluir a expressão entre colchetes para indicar as dúvidas sobre a questão.

Um estudo honesto dos textos tem que levar em conta estes detalhes antes de passar adiante. Situações embaraçosas podem surgir quando isto não é observado. Alguém pode pregar um sermão sobre a doutrina da trindade usando 1 João 5.7-8, e só mais tarde descobrir que não esteve pregando um texto bíblico, mas provavelmente a palavra de algum homem da antiguidade. Um professor pode ensinar a parábola dos dois filhos (Mt 21.28-32) e não entender por que seus alunos insistem em dizer que o primeiro obedeceu o pai, enquanto ele está lendo claramente em sua Bíblia que o segundo é que obedeceu. Se ele tivesse tomado conhecimento dos problemas crítico-textuais envolvidos neste texto, não seria apanhado de surpresa. A resolução deste enigma é que o professor está usando a Almeida Revista e Atualizada (ARA) e os alunos a versão de Almeida Revista e Corrigida (ARC).

Um bom modo de procurar estabelecer o texto certo, mesmo quando não se tem acesso ou condições de consultar um texto original com aparato crítico, é consultar muitas versões do texto bíblico. Ler e comparar várias traduções pode mostrar variações devidas a problemas textuais (manuscritos), ou mudanças de entendimento na tradução do original. É importante lembrar que a maior parte das diferenças entre as traduções é devida a este segundo fator. Entretanto, há casos em que um estudo minucioso comparando as diversas traduções ajuda a ver as diferenças devidas a problemas de transmissão do texto.

A leitura de Colossenses 3.4 em várias versões mostra que há uma possível divergência de origem crítico-textual sobre qual o pronome certo que deve ser colocado ali: nossa (apoiado por ARA, ARC) ou vossa (apoiado pela Bíblia de Jerusalém (BJ), Bíblia na Linguagem de Hoje (BLH), (MS), e pela versão revisada de Almeida (VR).). Neste caso a divergência tem pouca importância para o sentido geral do texto (como a maior parte das variações textuais da Bíblia), mas é bom saber usar as traduções para encontrar estas variações. E, uma vez encontradas, elas são um alerta para prestar maior atenção.

Antes de continuar, é importante dar uma palavra sobre as versões bíblicas. A ARC é geralmente a mais problemática nas questões crítico-textuais, por basear-se num texto grego preparado antes do desenvolvimento da crítica-textual. Ela foi baseada no chamado Texto Recebido. Versões católicas como BJ e a Bíblia Editora Ave Maria (BAM) são úteis por usarem textos críticos mais modernos. Porém é necessária uma palavra de cuidado: as versões católicas são sempre influenciadas pela Vulgata Latina; e, por isso, muitas de suas decisões crítico-textuais não são imparciais. Sobre a BJ é necessário dizer algo mais: o espírito não ortodoxo de alguns comentários textuais aconselha o uso da mesma com reservas. A BLH e a VR parecem ser as mais atualizadas no que diz respeito às variações dos textos, assim mesmo, parece que a BLH tem a tendência de emendar muito o texto do Velho Testamento. A ARA é boa, embora não tão atualizada quanto estas últimas. A MS serve para ver o que diz a Vulgata, já que não é uma tradução dos originais, mas da famosa versão de Jerônimo. Estas palavras sobre as versões são gerais, havendo necessidade de avaliar, em cada leitura, os méritos de cada uma delas.

Em Colossenses 2.2 vemos que a BJ segue um texto inferior ao seguido por ARC, ARA, BAM, BLH e VR. Como era de se esperar MS segue a Vulgata. Assim, cada leitura das versões merece análise cuidadosa. No caso de Mateus 21.28-32, anteriormente citado, o texto da ARC é melhor do que o da ARA e VR.

A leitura de várias versões contribui, como já dissemos, para a compreensão do texto, apresentando as diferentes maneiras de traduzir o original para o português. Geralmente as traduções convergem para um mesmo sentido, usando palavras diferentes. Isto já explica muitas coisas para o estudante. Ocasionalmente, haverá divergências de sentido entre elas: nestes casos é necessário um estudo mais detalhado.

O texto de Colossenses 2.15 apresenta uma pequena dificuldade de tradução percebida pelos que não podem ler o original, na comparação das traduções. ARC diz "... triunfou em si mesmo." enquanto ARA (e também VR, BJ, BLH, BAM) diz "... triunfando ... na cruz.". A diferença de sentido não é grande, mas há uma diferença. Neste caso as duas traduções são possíveis, mas a última é a melhor, pela gramática e pelo contexto. Entretanto, àqueles que não podem ler o texto grego resta apenas constatar o problema e aguardar auxílio externo para resolver a questão. De qualquer forma, é bom sempre antecipar os problemas, ficando atentos às possíveis contribuições na sua resolução.

É importante não usar versões esquisitas ou contaminadas como a dos auto-denominados "Testemunhas de Jeová". Se tiver uma, veja a adulteração flagrante do texto em Colossenses 1.15-20 em favor de sua blasfêmia da "criação" de Jesus. Versões deste tipo só atrapalham. Além de não terem sido feitas com base nos originais (são traduções de traduções), elas só podem nos fazer incorrer nos erros incorporados ao texto dessas "versões".

Um pouco deste cuidado deve ser usado com respeito a todo tipo de Bíblia com notas e auxílios nas margens e rodapés. A Bíblia de Scofield é uma destas que não se recomenda a quem quer fazer um estudo sério. O sistema de notas empregado direciona o intérprete a um sistema teológico completamente estranho ao dos escritores inspirados. A Bíblia Vida Nova é menos culpável de direcionamento doutrinário do que a de Scofield, mas também não escapa. Não deve ser usada como ferramenta inicial de trabalho. Se o aluno quiser, pode usar a Bíblia Vida Nova no momento que for consultar os comentários: neste ponto ela é uma fonte útil de informação e esclarecimentos. O mesmo conselho se estende às versões católicas com anotações.

Não consideramos a Bíblia Viva como uma versão bíblica; pois, na verdade, ela é uma paráfrase. É quase um comentário, e sendo assim, é melhor utilizá-la mais tarde, nos estudos.

Uma vez estabelecido o texto certo pela consulta do texto grego e de várias traduções, ficamos prontos para a segunda etapa do tratamento do texto.

2. Estabelecer a estrutura do texto, é compreender que tipo de material escrito temos em mãos e qual a forma de sua apresentação. É neste momento que devemos compreender as relações gramaticais e sintáticas do texto. Também é o momento de avaliar os recursos literários de que o autor lançou mão.

A simples divisão dos capítulos e dos versículos não pode ser usada como base para a estruturação do texto bíblico. A divisão em capítulos do Novo Testamento foi feita em 1206 por Stephan Langton (posteriormente arcebispo da Cantuária); a divisão em versículos é de 1551, feita por Roberto Estevão (Stephanus), impressor parisiense. "Tem sido dito freqüentemente que Stephanus fez sua divisão em versos enquanto andava a cavalo e ao sabor do balanço do animal, o que, embora não se possa provar, parece ser verdade, pois há lugares onde a divisão é inteiramente arbitrária". (Bitten-

court, B.P.- "O Novo Testamento - Língua - Cânon - Texto" - São Paulo - ASTE, 1965 - 1ª Edição - pág.172,173).

A divisão em parágrafos já constitui melhor ajuda para o estudante.

As margens internas do texto de Nestle-Aland²⁵ contêm mais informação neste aspecto do que a última edição. As divisões de parágrafos dos textos gregos e das versões devem ser examinadas e comparadas entre si.

Em Colossenses 4.1 temos o exemplo de uma divisão de capítulos infeliz. O problema se agrava em versões como a ARA que transformam 4.1 em um parágrafo novo, destacado de 3.18-25. 3.18-4.1 é uma estrutura literária única e deve ser tratada como tal. É possível dividi-la em "sub-parágrafos" como faz a BLH, mas, mesmo assim, deve ficar claro que todos eles formam uma "tábua de conselhos domésticos".

Os livros bíblicos podem ser encarados como representantes de diferentes tipos de literatura. As epístolas são comparáveis a cartas, enquanto o livro de Apocalipse já pertence a outro gênero literário (apocalíptico). Isaías tem características completamente diferentes dos evangelhos. Um excelente livro sobre exegese e hermenêutica que procura abordar cada tipo de gênero literário é "Entendes o que Lês?" de G.D. Fee e D. Stuart - Edições Vida Nova. É absolutamente certo interpretar literaturas diferentes com cuidados diferentes. Isto não quer dizer que não haja regras gerais que se apliquem a qualquer tipo de livro. O certo é que a caracterização do tipo de literatura é essencial para a compreensão da sua mensagem.

Neste estudo, nosso paradigma é Colossenses, que anteriormente chamamos de "livro", e que na verdade é uma epístola. Faz parte de uma comunicação que Paulo manteve com a igreja em Colossos, cidade da Ásia Menor (atual Turquia). Isto certamente deve ajudar e orientar o entendimento da estrutura e da ordem do material nela encontrado. O modo de iniciar (1.1-2), a oração (1.3-12), e os detalhes finais (4.7-18) fica bem claro, à luz da forma literária deste documento. Era assim também que as pessoas do primeiro século escreviam cartas.

O entendimento do tipo ou natureza de literatura não deve abranger apenas o aspecto global do livro, mas também o trecho específico que estamos estudando. Os gêneros literários podem variar muito dentro de um mesmo documento. Nos evangelhos (que são um gênero literário incomparável) temos discursos, narrativas, parábolas, citações do Velho Testamento, milagres e sumários. No livro de Daniel, metade do livro é composta de narrativas e a outra metade de visões e interpretações das mesmas.

Devemos então especificar a natureza literária do texto que estamos tratando em particular.

Podemos ter oração a Deus, exortação, discurso profético, citação do Velho Testamento, narrativa, alegoria, discurso didático, polêmica, citação de um documento histórico, explicação editorial, sumário ou resumo, cântico ou poesia, simbolismo, parábola, relato de milagre, etc. Uma variedade enorme de gêneros e tipos pode compor um único documento. Não devemos ser absolutamente técnicos na classificação destes gêneros, mas é preciso aprender a diferenciá-los e entendê-los.

Voltando a Colossenses, observamos que o texto de 1.15-18 é entendido como poético por Nestle-Aland²⁶. Já a BJ considera poético o texto até o verso 20. Esta sugestão merece análise e estudo. Uma vez confirmada esta sugestão, a estrutura do texto será reconstruída em função das características de uma poesia e devemos interpretar o texto como poesia e não como prosa. Também surgirão auxílios interpretativos pelo fato do texto ser poesia: o paralelismo (característico da poesia hebraica) pode estar presente, ajudando grandemente a compreensão de frases inteiras.

Colossenses 1.3-8 é um período só no original (na ARA também). A frase é uma oração de ações de graça. Já o texto de 1.9-20 começa com a descrição das orações de Paulo pelos colossenses e ao redor do versículo 12 transforma-se numa descrição da obra de Deus em Cristo. Temos, portanto, neste último texto, uma mistura de gêneros literários, cujo fim e início não é bem definido. Na consulta aos textos gregos ou às versões, o estudante notará uma grande diversidade de divisões (ou falta de divisão) neste texto.

Colossenses, como outras cartas paulinas, tem sido dividida em duas partes: doutrinária e parenética (ou prática). Embora esta classificação seja primária, é, em geral, verdadeira. Saber situar um texto em uma ou outra destas "partes" da carta está incluído no processo de caracterizar o tipo de texto que estamos estudando.

Sem dúvida o texto de 4.7-17 pode ser classificado como "notícias", notas pessoais, recados e saudações. O importante é notar que tem características próprias em relação ao resto do livro.

Um dos melhores métodos para determinar a estrutura de um texto é fazer uma análise sintática do mesmo. Para o texto grego, recomendamos o modo de diagramar a análise do texto proposto na gramática de W. S. LaSor (Gramática Sintática do Grego do Novo Testamento - Ed. Vida Nova) no parágrafo 10.6. A diagramação da análise sintática força o pesquisador a

identificar o papel de cada palavra e de cada frase no período. Para os que dependem do texto em português a análise sintática ainda é muito útil, mas deve ser encarada com cuidado, pois sua "autoridade" para afirmar o sentido original depende da fidelidade da tradução.

A observação de partículas como: "portanto", "porque", "pois" e "ora" é muito importante. Elas mostram o relacionamento de subordinação ou coordenação de frases ou de seções inteiras da carta. Em Colossenses 3.5 a palavra **pois** liga o que segue com o que foi dito anteriormente. Os colossenses deviam "fazer morrer a natureza terrena" por participarem das coisas do alto (3.1-4). A palavra "pois" está ligando os pensamentos. Está marcando a transição da causa para os efeitos.

Observar os recursos literários que o autor empregou em sua obra é também parte da boa observação da estrutura do texto. Recomendamos que o estudante saiba identificar figuras de linguagem no texto (figuras de palavras, de construção, e de pensamento). É útil recordar este assunto em uma gramática. Esta compreensão ajuda a não perder a mensagem do escritor por não entender o veículo que ele utiliza para transmiti-la.

"Língua dos Anjos" em 1 Coríntios 13.1 é uma hipérbole: um exagero. Há uma fina ironia na palavra "justos" em Marcos 2.17. A designação de Cristo como "cabeça" da igreja, o "corpo", é uma metáfora (Ef 5.22-33). A expressão "carne e sangue" em Gálatas 1.16 substitui a idéia de pessoas, sendo portanto uma sinédoque. Mais importante do que saber nomear estas figuras de linguagem ou modos de falar, é identificá-las.

"Produzindo fruto" em Colossenses 1.6 é uma destas figuras (metáfora) e é facilmente entendida como tal, mas o que dizer de "toda criatura debaixo do céu" em 1.23: é literal (impossível), é sinédoque (criaturas - homens), ou é uma hipérbole (exagero)? Neste último caso a compreensão fica muito alterada, conforme a figura que identifiquemos. "Luta" em 2.1 é uma bela metáfora para descrever o ministério cristão! E assim, a estrutura e natureza do texto ficam cada vez mais claras.

Enfim, mesmo sem buscar termos técnicos para definir o que está vendo, o estudante da Bíblia deve ficar atento a todo tipo de padrão ou estrutura que o ajude a entender a direção que o texto está tomando.

3. O dicionário português é uma das primeiras necessidades do leitor da Bíblia. A linguagem da Escritura é nobre, e muitas vezes a dificuldade de compreensão começa a nível de entendimento dos vocábulos. Os exemplos são muitos: o que são "chocarrices" em Efésios 5.4? Poucas pessoas

sabem o que quer dizer esta palavra em “português normal”. O que é “dolo”? Talvez os advogados conheçam bem o termo, mas não as pessoas comuns. O que é o “geco” (Pv 30.28)? Há bons dicionários que não definem este termo, quanto mais os que não conhecem este regionalismo. O uso do dicionário português, nestes casos, é essencial.

Neste momento do estudo, procura-se ter uma compreensão inicial do que o texto estaria dizendo. Será uma compreensão provisória, mas importante como alicerce do trabalho posterior. Não é possível ir até as próximas etapas se não conseguirmos ler o que o texto pode estar dizendo.

O dicionário português não será usado apenas para palavras que não entendemos, mas para todas aquelas que julgarmos necessário estudar. Isto é recomendável, pois a função do bom dicionário é definir o sentido das palavras no uso cotidiano. Precisamos saber todas as possíveis significações atuais do vocábulo, para buscar, posteriormente, a que mais se adapta ao sentido bíblico naquele texto e contexto. O dicionário, portanto, não está errado em definir “batizar” como “pôr nome, alconha ou epíteto a”, entre outras coisas: ele está mostrando como as pessoas usam e compreendem este verbo na atualidade. Este não é o significado bíblico do termo, mas é como muitos entendem erroneamente o texto bíblico. Torna-se então, importante saber como o dicionário classifica e ressalta o uso comum de um termo para saber explicar o que realmente a palavra de Deus quer dizer com ele.

Todo cuidado é pouco no uso do dicionário português. Ele se assemelha a uma pesquisa de mercado: não emite juízos sobre o certo ou o errado, mas apenas diz qual o uso popular do termo. O dicionário define palavras pelo uso que se faz delas, logo o dicionário em português não basta em nosso estudo. De forma alguma ele deve ser considerado um “juiz” para resolver os dilemas do significado.

Em boa parte dos casos o dicionário português nos dá sinônimos da palavra, o que é muito útil no entendimento e transmissão do seu significado a outros. A paráfrase (que é um item final do estudo) utilizará muitos destes significados paralelos ou sinonímicos, se eles forem corretos.

Sumário.

Estabelecer o texto certo e estabelecer a estrutura do texto são as primeiras tarefas do intérprete. A partir de então há segurança para uma análise do contexto, a estrutura maior aonde o nosso texto está inserido. Este trabalho se faz por meio de leituras repetidas do texto, inclusive de

versões diferentes. O exegeta conhece bem o texto antes de fazer seu estudo mais detalhado.

5

O CONTEXTO (I)

O hábito de abrir a Bíblia ao acaso e ler a mensagem que está ali como ordem específica de Deus ao leitor não é coisa nova. Em suas "Confissões", Agostinho diz que sua conversão ocorreu motivada pela leitura de Romanos 13.13-14. Ele estava passando por uma crise espiritual relativa à decisão de converter-se a Cristo. De repente ouviu umas crianças repetindo continuamente a canção que dizia: "Toma e lê, toma e lê". Agostinho voltou ao livro (de Romanos) que havia abandonado, pegou-o, abriu-o e leu o primeiro trecho que lhe caiu aos olhos, no caso, 13.13-14 (relato em Confissões, Livro VIII,29).

Não querendo emitir juízos sobre a conversão de Agostinho, imagine o que teria acontecido se ele tivesse lido 16.22? E se a leitura fosse 13.7? Será que o texto de 14.21 teria gerado um bom efeito? Talvez Agostinho tivesse morrido pagão! É possível que um dos maiores teólogos da antiguidade nunca tivesse nascido para a Verdade de Deus. Para o bem de Agostinho, o texto que ele leu foi bom, no sentido de levá-lo a uma decisão, mas podia não ter sido. Alguém pode afirmar que a providência divina atuou naquele momento, e o texto apropriado veio a ser escolhido. Não sabemos se isto é certo. Mas conhecemos muitas pessoas que até hoje não seguem a Cristo, por abrirem suas Bíblias ao acaso, lerem e não entenderem nada.

O manuseio honesto do texto no contexto é a maior ajuda que alguém pode dar a si mesmo, no sentido de compreender a mensagem da Bíblia. Confiar em acaso, sorte, destino ou qualquer "ajuda extra", no fim das contas só prejudica a compreensão da Palavra. Não adianta concorrer numa espécie de "loteria bíblica": a grande maioria sai perdendo.

Imagine o que acontece com alguém que abre a Bíblia em qualquer lugar e lê: "Então Judas, ... retirou-se e foi enforcar-se" (Mt 27.5). O leitor

desconfiado da mensagem abre em outro texto, buscando confirmação, e lê: "Vai e procede tu de igual modo" (Lc 10.37). Assustado, tenta mais uma vez, na esperança de ouvir uma ordem mais suave. Abre o livro uma terceira vez, cheio de expectativa e lê: "O que pretendes fazer, faze-o depressa" (Jo 13.27)!

Os exemplos extremos dados acima não são uma descrição exagerada dos perigos de não estudar o contexto de um texto bíblico. Toda vez que tratamos a Bíblia como se fosse uma lista de oráculos desvinculados de qualquer relacionamento com o contexto, o resultado é algo perigoso.

Estudem agora a importante tarefa do estudioso da Bíblia: a compreensão e determinação do contexto em que se encontra a passagem a ser examinada.

Definição.

Contexto é o ambiente da passagem bíblica. Ele é composto pelos versículos que rodeiam a passagem estudada: os anteriores e posteriores, no livro estudado. É também o mundo que rodeia a passagem, sendo especificamente o mundo do escritor e dos receptores dessa mensagem bíblica. O contexto contém elementos históricos, culturais, literários, lingüísticos, além de espirituais. Em alguns textos o contexto pode ter vários níveis: o contexto histórico (da narrativa), o contexto literário (da narrativa no livro que a contém), e o contexto do autor e dos leitores (que pode ser diferente dos dois primeiros).

Sendo o contexto "o todo do qual o texto é parte", ele é a chave para compreender o argumento inteiro.

Usando a metáfora do teatro, o contexto é principalmente o cenário e o "pano de fundo" onde a peça se desenrola; secundariamente é também o "pano de frente": as cortinas, a reação do público, etc. - tudo o que contribui para a compreensão da peça.

A importância do contexto.

Não é possível falar demais sobre a importância do estudo do texto no seu contexto. Iremos apresentar agora alguns itens para mostrar este fato. Os princípios e exemplos citados servem de incentivo a uma boa pesquisa do contexto, e já ensinam como trabalhar com ele.

1. O contexto ajuda a não torcer a palavra de Deus. Os que deturpam ou torcem a Palavra são chamados de ignorantes e instáveis (2 Pe 3.16).

Estes termos descrevem não apenas o caráter destes “torturadores da Palavra”, mas também seu modo de estudar a Bíblia: são despreparados e sem alicerce para o estudo. O contexto fornece preparo e alicerce sólido para uma boa exegese.

Uma frase como “a ressurreição já se realizou” pode ser a afirmação da verdade que já ocorreu em nosso batismo (Cl 2.12; 3.1) ou a declaração de uma heresia (2 Tm 2.17-18): tudo depende do contexto.

2. O sentido correto da Bíblia vem do contexto. Esta é quase uma repetição do que dissemos acima. Pensemos em um caso específico como exemplo: o que é a “blasfêmia contra o Espírito Santo”? Todo tipo de resposta tem sido dada para esta questão. Há quem associe este pecado com o “mentir ao Espírito Santo” de Atos 5.3,4,9. Outros gostam de responder citando o misterioso “pecado para a morte” de 1 João 5.16-17. Hebreus 6.4-8 também entra na lista das explicações propostas. Qual destas é a melhor explicação?

O problema mencionado acima seria facilmente resolvido se, antes de mais nada, tivéssemos buscado o texto que fala da blasfêmia contra o Espírito e estudado o texto no seu contexto. Marcos 3.28-29 é um dos trechos que falam deste assunto. Observando o contexto notamos que os escribas estavam atribuindo o poder de Jesus sobre os demônios ao próprio diabo. Jesus argumentou mostrando que isto não era lógico, pois o diabo não iria destruir seu próprio domínio. Os exorcismos, ao contrário, apontavam para o fato que ele era mais poderoso que Satanás. Foi neste momento que ele falou sobre o pecado contra o Espírito. No último versículo deste parágrafo há uma explicação (editorial): “Isto porque diziam: Está possesso de um espírito imundo” (Mc 3.30). Grifamos a expressão “isto porque” para mostrar que ela já é uma resposta, mostrando do que se trata a blasfêmia contra o Espírito Santo. Blasfemar contra o Espírito, em Marcos, é atribuir ao diabo a obra do Espírito; é a rebeldia de não aceitar a maior evidência que Deus pode dar, na atuação do seu Espírito.

Poderíamos trabalhar mais ainda com o contexto de Marcos e ampliar a resposta, mas o que foi feito basta para mostrar a importância do contexto e para deixar uma advertência: cuidado com as associações de certos textos com outros que nunca foram escritos para serem ligados com eles. Ligar Atos com Marcos, ou este último com Hebreus ou 1 João, pode ser arriscado. Estas associações só devem ser feitas quando o texto indica e justifica claramente a ligação, sempre em harmonia com os contextos.

Um exemplo de “ligação errada” é relacionar Mateus 3.11 com Atos 2.1-4. O erro não está em ligar os textos com respeito à profecia sobre o batismo no Espírito Santo. O erro de ligação surge quando alguém considera que Atos 2.3 trata do batismo com fogo (línguas de fogo). “Fogo” no contexto de Mateus 3.11 é símbolo de juízo, algo ausente no contexto de Atos 2.3.

3. O sentido correto das palavras vem do contexto. Isto é normal em qualquer língua do mundo. O verbo “apanhar” pode ter sentidos completamente diferentes. Por exemplo: “O menino desobediente apanhou do pai” usa o verbo em um sentido diferente da frase; “O menino apanhou o estilingue e foi ...”.

No estudo bíblico isto é muito importante. Há uma tendência de definir uma palavra de antemão e depois tentar impor este sentido a todos os textos em que ela ocorre. A melhor prática é observar o sentido que a palavra assume em função dos vários contextos em que ela ocorre, e então definir um campo de significado para o termo em questão. Pode ser que esta pesquisa resulte em um sentido único para o verbete, mas geralmente o sentido definido pelo contexto irá prevalecer.

Uma comparação de Tiago 2.24 com Efésios 2.8-9 leva alguns a pensarem em uma contradição. Quem estaria errado: Paulo ou Tiago? Martinho Lutero ficou do lado de Paulo, e considerou o escrito de Tiago como algo de pouco valor. Não precisamos ir a extremos como estes, basta reconhecer que as palavras “fé” e “obras” estão sendo usadas em sentidos diferentes em cada um dos textos. Esta atribuição de significados não é arbitrária: é decorrente de uma análise cuidadosa dos contextos. Isto ilustra bem a importância do contexto até mesmo na definição do sentido das palavras.

4. O contexto é a garantia da verdade na Escritura. “Um texto sem o contexto é um pretexto” diz um adágio dos exegetas. Qualquer um pode ensinar o que quiser usando a Bíblia, se conseguir ignorar o contexto. Até o diabo procurou usar as Escrituras para tentar Jesus. Ele citou parte do Salmo 91 (verso 11 em parte e todo o verso 12) fora do contexto. Ele até omitiu uma parte de sua citação, a fim de favorecer seu argumento. De qualquer forma, o Salmo 91 fala de confiar em Deus e não de usar Deus. É Deus quem decide salvar (v. 14), e não há como “obrigar” Deus a fazê-lo (Lc 4.10-11).

Muitos livros de teologia ou de polêmica religiosa têm esta tendência. No calor da disputa, quase ninguém lembra de perguntar o que o texto

significava no seu contexto, mas apenas se ele é conveniente para “dizer o que eu quero que diga”. O melhor modo de ler a Bíblia é aprender a pensar contextualmente; é aprender a extrair a mensagem inteira de textos longos; é também ler como leram os primeiros leitores.

5. Passagens difíceis são aquelas em que o contexto original é desconhecido para nós ou difícil de precisar. É o caso de 1 Coríntios 15.29: a que se refere Paulo com a frase “batismo por causa dos mortos”? Há literalmente mais interpretações para este versículo do que livros na Bíblia. O problema é que não conhecemos o contexto histórico que gerou esta observação; portanto, o texto fica sem grandes possibilidades de esclarecimento.

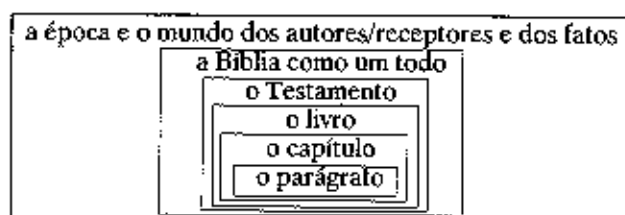
O mesmo ocorre em 2 Tessalonicenses 2.3-8: qual é a “apostasia” mencionada? Quem é o “iníquo”? O que é “aquilo que o detém”? Parece que boa parte das respostas estava no ensino oral (v. 5) que Paulo já havia passado à igreja, e que hoje desconhecemos.

Portanto, se não pesquisarmos bem o contexto de uma passagem bíblica, corremos o perigo de ensiná-la fora de seu sentido original, em interpretações que não passam de tentativas de achar um significado para ela.

Etapas de Trabalho.

Apresentaremos a seguir um modo de organizar, classificar e estudar o contexto de uma passagem bíblica. Em outro estudo mostraremos outros modos de estudar e pesquisar o contexto. O modo agora proposto começa com o maior ambiente e vai descendo para níveis cada vez menores de amplitude de informações: poderíamos dizer que faremos uma viagem do contexto até o texto.

Segue abaixo uma lista dos elementos que constituem o contexto de um texto bíblico:



1. A época e o mundo do autor, dos leitores e dos fatos narrados.

Devemos lembrar que nenhuma parte da Bíblia foi dirigida primariamente a nós. Isto não é uma desvalorização da Escritura, mas a chave para sua verdadeira compreensão. Mas alguém dirá: “Eu pensei que a Bíblia era

a Palavra de Deus para mim. Pelo que está dizendo, não temos orientação de Deus para hoje?” Não estamos dizendo que a Bíblia não é a Palavra de Deus para nós, mas estamos dizendo que ela foi escrita em primeiro lugar para outras pessoas; só secundariamente ela foi escrita para nós.

O trabalho do estudante da Bíblia é determinar o sentido do texto conforme o autor pretendia comunicar aos primeiros leitores de sua obra. A pergunta básica é: “O que este texto significou para eles?” Uma vez entendendo bem este sentido podemos perguntar: “O que ele significa para nós?” Entre estas duas significações deve haver continuidade, coerência, e uma aplicação correta da situação antiga na atual.

A intenção do autor é a mais importante. A compreensão dos leitores vem em segundo lugar, pois há casos em que os leitores não entenderam o que o autor dizia. Por outro lado, a possibilidade de compreensão dos leitores é de grande importância: um texto bíblico não pode significar algo que os leitores originais não pudessem entender. O escritor geralmente escreve para ser entendido, e, portanto, procura usar linguagem e recursos de comunicação que os seus leitores entenderiam. Qualquer tentativa de encontrar exceções para esta regra exige grande cautela, para não dizer desconfiança.

É necessário lembrar que podem haver vários mundos envolvidos no contexto de uma passagem bíblica. Por exemplo, as narrativas de Gênesis 12-49 sobre os patriarcas possuem pelo menos dois “mundos” ou contextos: o mundo e os costumes da época dos patriarcas e o mundo e os costumes da época de Moisés e do povo de Israel. O texto de Gênesis vai falar dos costumes antigos, informando um povo mais moderno que aquele: a linguagem será a destes últimos.

O mesmo ocorre em narrativas como a dos evangelhos. Temos o contexto histórico do ministério de Jesus; temos também, em cada evangelho, um contexto literário diferente para as narrativas; e, finalmente, o contexto do autor/receptores da obra. Todos estes contextos têm que ser levados em conta na hora de estudar a Palavra.

Conhecer o contexto histórico, cultural, literário e lingüístico de um texto é muito importante. Nos exemplos abaixo, vemos como a compreensão do mundo e da época do assunto tratado no texto é essencial.

Qual o significado da proibição de “cozinhar o cabrito no leite da sua própria mãe”? (Ex 23.19; 34.26; Dt 14.21). Será que se trata de uma proibição do “strogonoff”? Seria, como afirmam algumas notas da Bíblia Vida

Nova, um ensino no sentido de que “a gula humana não pode suprimir a compaixão”? Sem as informações do contexto histórico, as interpretações propostas não passam de conjecturas. Mas, sabendo que havia um ritual idólatra cananeu celebrado desta forma, podemos entender o motivo da proibição.

O caso de Deuteronômio 22.5 já é mais atual. É o texto predileto daqueles que dizem ser proibido para as mulheres o uso de calças compridas. Será que é isto que o texto diz? O contexto histórico deve ser consultado. Devemos iniciar nossos pensamentos lembrando que não havia sido inventada a “calça comprida” na época que Moisés escreveu esta lei. Outra informação histórica importante está ligada ao fato de alguns rituais pagãos serem celebrados exatamente com o uso de roupas do sexo oposto. O ponto é que o homem e a mulher têm naturezas e funções distintas que não devem ser esquecidas. A questão da atualização deste mandamento para hoje requer a compreensão do sentido original e de sensibilidade suficiente para não definir “a priori” o que seja roupa de homem ou roupa de mulher.

A questão do sangue em Atos 15.20-21 é um destes regulamentos ligados a um contexto histórico específico. O verso 21 diz que o motivo das “proibições” do verso 20 era o brio dos judeus que liam a lei todos os sábados. Em outros contextos históricos a questão dos alimentos recebe tratamento diferente (1 Co 8-10; Rm 14.1-15.13; 1 Tm 4.1-5; Hb 13.9; Mc 7.1-23).

O livro de Apocalipse é um dos que mais sofrem ao ser alienado da situação histórica que o gerou. Ao invés de ser entendido como livro de consolo para cristãos oprimidos (havia uma perseguição oficial), ele é encarado como um “mapa do fim do mundo” e estudado pelos que querem saber o que vai acontecer no futuro.

Poderíamos multiplicar os exemplos de situações onde o conhecimento do contexto histórico ajuda a compreensão do texto bíblico, mas acreditamos que os acima mencionados são suficientes. O melhor modo de aprender o contexto histórico vem da leitura contínua e cuidadosa da própria Bíblia. Ela se antecipa às descobertas arqueológicas em muitos casos e, desta forma, constitui uma rica fonte de instrução sobre a vida e costumes dos povos antigos. É bom sempre lembrar que foi escrita em outra língua, para outra cultura, em outra época, sem, contudo, perder a relevância e importância para hoje.

É importante informar-se sobre a história e geografia dos tempos bíblicos. Há livros que tratam deste assunto, em português, e devem ser lidos e consultados constantemente. Deve-se, porém assegurar que a fonte histórica seja autêntica, pois muita lenda tem sido usada para interpretar o texto bíblico. É o caso da chamada "porta da agulha" que supostamente seria uma porta estreita pela qual um camelo só poderia passar descarregado, ajoelhado e com grande dificuldade. Esta porta imaginária tem sido apontada como a solução para a difícil afirmação de Jesus em Marcos 10.25. Comentaristas conhecidos (como W. Barclay) têm aceito esta lenda e diluído o ensino de Jesus sobre a impossibilidade da salvação do homem. A única fonte realmente confiável é a Bíblia.

Resumindo: o contexto maior do texto bíblico é o contexto da época de que o autor, os receptores e os fatos fazem parte.

2. A Bíblia como um todo.

A própria Bíblia é o seu principal contexto. Ela é um universo de revelação divina que não se contradiz. Com base nesta unidade e na sua coerência, devemos sempre tomar o ambiente da Escritura como o contexto mais importante do texto que estamos estudando.

Devemos sempre explicar e entender a Bíblia dentro do seu próprio sentido, pois o seu melhor intérprete é ela mesma. Embora a Bíblia seja condicionada pela época e o mundo que se retrata, é importante lembrar que ela não pode ser entendida somente à luz da comparação com o mundo da época. Ela trata da comunicação do Deus vivo e verdadeiro com os homens; e, neste sentido, não tem paralelo em toda a experiência da história humana. Nada do que chegou até nós pela história se compara ao que a Bíblia afirma: ela é o único livro que testemunha a intervenção de Deus na história. Por isso só ela tem a chave do seu próprio sentido.

O que estamos dizendo pode ser entendido melhor por meio de exemplos. Como podemos entender os milagres bíblicos? Por um estudo comparativo da história das religiões? Como entender os milagres autênticos da Bíblia pelo estudo de lendas e milagres falsos das religiões humanas? Não daria certo. Assim como as técnicas cirúrgicas de um médico legista não servem para operar pessoas vivas, assim também qualquer comparação da Bíblia (e das verdades nela reveladas) com "religiões mortas" não irá funcionar. As técnicas de dissecação das lendas religiosas humanas não podem ser usadas para estudar a religião do Deus vivo. Há coisas, como os milagres, que só podem ser definidas pelo contexto geral da Bíblia, visto que qualquer

outro contexto não tem condições de oferecer uma avaliação ou paralelo autêntico.

Existe uma série de assuntos que só podem ser compreendidos corretamente por um apelo à própria Escritura. Portanto, estudemos **todo** o assunto em foco antes de tirar uma conclusão. Isto requer paciência ; a pressa é inimiga da perfeição (e da compreensão). Mesmo que não possamos ler a Bíblia toda para fazer um estudo, é necessário, todos os dias, ir lendo o texto santo: com o tempo, isto nos colocará dentro do contexto bíblico.

Quem escreveu o Pentateuco (modo comum de denominar os primeiros cinco livros da Bíblia)? Tradicionalmente a obra tem sido atribuída a Moisés. Mas o capítulo final de Deuteronômio fala da morte de Moisés: será que ele escreveu sobre a sua própria morte? E, se não escreveu sobre isso, será que não há outras partes que ele não escreveu? O próprio Pentateuco afirma que Moisés foi o seu autor: Êxodo 17.14; 24.4; 34.27; Números 33.1,2; Deuteronômio 31.9,11. Alguns, porém, tentam dissolver esta evidência atribuindo as referências acima apenas a algumas partes do Pentateuco. Neste caso, é necessário um estudo da Bíblia inteira. Todo o Velho Testamento e o Novo Testamento devem ser vasculhados para ouvir o que a própria Bíblia diz sobre o assunto. Faça este estudo e verá que toda a Bíblia afirma que Moisés é o escritor do Pentateuco. O próprio Jesus declarou isso. Portanto, de nada valem as considerações aprendidas de estudos seculares sobre como as tradições religiosas humanas são transmitidas de forma oral ou documentária. A Bíblia não tem igual como livro inspirado por Deus e deve ser interpretada conforme seu próprio contexto.

Embora as próximas regras de estudo venham a enfatizar as diferenças entre livro e livro, entre testamento e testamento, nunca devemos perder de vista a unidade das Escrituras. Marcião, um herege do segundo século, rejeitou todo o Velho Testamento, retendo apenas algumas partes do Novo. O judaísmo rejeitou de forma geral o Novo, ficando com o Antigo, mas pondo a perder o seu significado. Aprendamos a considerar a Bíblia toda como o contexto maior de nossos estudos.

3. O Testamento.

Assim como na igreja há unidade na diversidade (1 Co 12.4-14), também na Bíblia há unidade na diversidade. Esta diversidade, porém, quando se trata da Bíblia, não é apenas de função, mas também de autoridade. Conforme o testamento (ou melhor, aliança) em que um livro se encontra, este livro pode ter ou não autoridade. Em que testamento está o texto em estu-

do? A resposta a esta questão é da maior importância para o entendimento do significado do trecho.

O Velho e o Novo Testamentos fazem parte do drama da revelação, mas cada um tem o seu papel específico neste enredo. O Novo explica e cumpre o Velho; o Velho fundamenta e orienta o Novo. Ambos são palavra de Deus, mas só o Novo tem autoridade. O Velho prepara o caminho, como João Batista, mas o Novo traz a salvação, como Jesus.

É muito importante lembrar também do conceito chamado de revelação progressiva que permeia a Bíblia. Este conceito surge da constatação de que Deus foi revelando, "aos poucos" sua vontade aos homens. Depois da queda do homem no Éden, Deus iniciou um grande processo pedagógico para conduzir a humanidade de volta a ele mesmo. Por isso, embora o Velho Testamento contenha revelações de Deus, não contém a maior e melhor revelação de Deus: Cristo Jesus, nosso Senhor. Em Hebreus 1.1-4 encontramos a idéia de uma revelação progressiva: no passado tivemos uma revelação fragmentária e incompleta, mas em Cristo temos a revelação única e completa de Deus.

Não se deve confundir a idéia de revelação progressiva com uma forma de evolução religiosa, que as vezes é descrita por este termo. Na Bíblia não há evolução de conceitos religiosos, do primitivo ao avançado. Toda a revelação desde o Gênesis até o Apocalipse está sempre além e adiante do seu tempo. O monoteísmo mais puro já é ensinado desde o relato da criação, e não depende do desenvolvimento da sociedade humana para que seja revelado. Revelação progressiva significa que há um progresso e desenvolvimento do plano de Deus para a humanidade.

Um exemplo ajuda a entender o progresso da revelação de Deus. Por que há tantos sacrifícios de sangue no Velho Testamento? Alguém poderia dizer que era um modo primitivo de adorar a Deus, mas que hoje já evoluímos.

Porém, os sacrifícios estavam ensinando, pela pedagogia de Deus, que o salário do pecado é a morte: o pecado custa a vida, o sangue. Uma vez aprendida esta lição, o ser humano teria mais condições de entender o significado do sangue de Cristo, derramado na cruz.

Da mesma forma que as escolas primeiro alfabetizam os alunos, a fim de que possam aprender depois outras coisas, lendo por si mesmos, Deus também usa esse método conosco.

O Novo Testamento é o único que esclarece completamente certos assuntos bíblicos, como no caso do ensino sobre a ressurreição. Embora o tema não esteja de todo ausente no Velho Pacto, só no Novo Testamento ele vai ser compreendido por inteiro. Aprendemos com isto a não atribuir ao Velho Testamento significados que são expostos apenas no Novo. Não devemos "cristianizar" o Velho Testamento.

É costume mencionar três eras, épocas ou dispensações, das quais a Bíblia fala: patriarcal, mosaica e cristã. A primeira seria o modo como Deus se relacionava com os homens desde a queda de Adão até o início do contrato com Israel no Sinai. A segunda começaria no Sinai e iria até a morte de Jesus na cruz, tratando da aliança que Deus fez com um povo - Israel. A última seria a época na qual vivemos, desde a morte de Jesus, e que vai durar até a sua volta.

Esta classificação é simplificada e didática, mas ajuda a entender o progresso e rumo da revelação. Ajuda a ver também que as leis e os contratos de Deus com os homens são mudados conforme a época. Antes de Noé, parece que todos eram vegetarianos (Gn 9.3-4). Mas isto foi depois mudado. Contudo Israel não podia comer qualquer tipo de carne (Lv 11). Na era cristã já não há restrições alimentares (Mc 7.19b). As leis alimentícias mudaram, quando Deus assim determinou.

Um mandamento de Deus no livro de Levítico faz parte da aliança de Deus com Israel, não devendo ser obrigatório para os cristãos que vivem sob uma nova aliança; exceto no caso de sua inclusão específica nesta. O Testamento em que um texto se encontra é decisivo para a sua compreensão.

Interpreta-se o Velho Testamento, em primeiro lugar, em harmonia com o contexto do Velho Testamento; interpreta-se o Novo, pelo Novo. Depois de trabalhar bem neste contexto podemos passar para outro testamento e assim estudar e situar o texto na Bíblia inteira. A mensagem de Gálatas é melhor compreendida pela comparação com Romanos em vez de Gênesis. Dentro do Testamento há mais elementos de identidade entre os livros.

Até mesmo as citações feitas no Novo Testamento sobre o Velho merecem atenção especial. Não devemos interpretar um pelo outro, mas permitir que cada um transmita a sua mensagem sobre a palavra citada. Isaias 7.14 tem um significado próprio em Isaias: o menino cujo nascimento é prometido seria um sinal para o rei Acaz. Mateus toma este versículo e o aplica

a Jesus em 1.23. Qual o significado que deve prevalecer? Nenhum! Em cada Testamento há um significado. Ambos devem ser respeitados.

Já a citação de Êxodo 20.12 em Efésios 6.2 não apresenta esta divergência de sentido, mas sim continuidade e harmonia. Apesar disso, os contextos dão ao mesmo mandamento diferentes conotações que devem ser ponderadas pelo intérprete. O importante é sempre lembrar de fazer um estudo respeitando o Testamento onde o texto se encontra.

A mudança de aliança é algo bem explorado pelo livro de Hebreus (7-10). Esta “mudança de lei” ocorreu na cruz (Cl 2.14). Assim sendo, nas narrativas dos evangelhos temos a Velha Aliança em vigor, embora literariamente estas narrativas pertençam ao Novo Testamento. Assim, o fato de Jesus ordenar sacrifícios mosaicos (Mc 1.44), ou de comemorar a páscoa judaica (Lc 22.14-23), deve ser entendido dentro da aliança vigente: a velha.

Resumindo, o Testamento em que o texto se encontra é importante para a compreensão do texto, e deve ser levado em conta não apenas para obter a mensagem correta do mesmo, mas também para discernir se o texto em questão é obrigatório como mandamento ou exemplo.

4. O livro.

Os escritores bíblicos escreviam em unidades de pensamento e expressão que chamamos de livros. Para entender o sentido de um texto, devemos sempre inseri-los no sentido da obra maior que o contém que é o livro. Para entender o significado de certa peça em um quebra-cabeça, muitas vezes é necessário montar todo o quebra-cabeça, e então apreciar a função e contribuição daquela pequena peça. O livro bíblico tem uma mensagem e unidade que se assemelha a uma pintura. Não se aprecia (nem se entende) um quadro observando-o com o nariz grudado na tela, mas de uma distância tal que se possa ver toda a pintura e ainda apreciar os detalhes. Só podemos entender um texto no contexto do livro que o contém.

A compreensão da mensagem global do livro é essencial para entender suas partes. O livro de Eclesiastes é um grande exemplo da necessidade de ler o livro todo antes de analisar um pedaço dele. Se lermos apenas 3.16-22 pensaremos que o livro ensina uma forma de ateísmo, ou de materialismo. Lendo só 7.28 julgamos ter encontrado um machista repugnante. Eclesiastes 4.2-3 é tão pessimista que, fora do contexto, parece um convite ao suicídio. Poderíamos continuar multiplicando este tipo de exemplo, mas os citados já estabelecem um ponto: para entender corretamente Eclesiastes (e qualquer livro das Escrituras) é necessário ler o livro inteiro e buscar a sua mensagem.

Certamente Eclesiastes é um extremo do entrelaçar de pensamentos. O livro é um raciocínio onde o Pregador passa por "altos e baixos". Se levarmos em conta apenas os "baixos", chegaremos a uma avaliação distorcida da obra. Alguém poderia dizer que não é necessário ler todo o livro dos Salmos para estudar o Salmo 23. É possível. Por outro lado, uma leitura do livro inteiro habilita o intérprete a entender melhor sua mensagem. O Salmo 14 é quase igual ao 53 e o 70 ao final do 40. Uma comparação destes, notando as diferenças, ensina muito sobre a necessidade de ler o livro todo. Os Salmos 42 e 43 originalmente eram um poema só e, portanto, devem ser estudados em conjunto.

Há uma conexão entre os Salmos 9 e 10, a qual, embora seja difícil de definir, merece atenção no estudo.

Portanto, mesmo em um livro onde cada capítulo tem a sua mensagem, o conteúdo do livro todo precisa ser levado em conta.

Este princípio é mais importante ainda no Novo Testamento. Muitos dos livros foram escritos para serem lidos perante a igreja (1 Ts 5.27, Cl 4.16, Ap 1.3). Isto quer dizer que a igreja recebia a mensagem do livro pela leitura integral do mesmo. Portanto, nós também devemos ler o texto todo para entender a mensagem global da obra.

Um auxílio para o estudo de um livro é a análise de outras obras do mesmo autor. Por exemplo, pode-se usar os escritos de João (cartas e Apocalipse) para um estudo do evangelho de João, ou usar Lucas e Atos como uma obra em dois volumes; ou ainda, o conjunto das cartas paulinas para a compreensão de uma delas. Estas unidades de escritos ajudam a evidenciar o contexto do pensamento do autor. Contudo, é importante advertir que o livro em que um texto se encontra é prioritário para a sua interpretação, e que a literatura do autor é sempre secundária no estabelecimento do contexto.

Por exemplo, a metáfora do corpo, usada por Paulo em 1 Coríntios 12.12-31 é mais paralela à de Romanos 12.3-8 do que à de Colossenses 1.18,24; 2.17,19. Interpretar a metáfora do corpo uniformemente dentro dos escritos paulinos é obscurecer o sentido individual de cada passagem. Por outro lado, uma vez entendido o sentido de uma passagem dentro do livro que a contém, uma pesquisa das obras do mesmo autor instrui, tanto pela concordância como pelo contraste.

O que não devemos fazer é interpretar um livro baseado em outro, e nem supor que um autor seja o contexto ou a chave para a compreensão

de outro. Este erro é comum no estudo dos evangelhos sinóticos. Quando temos problemas para entender Marcos, recorremos a Mateus e Lucas e fazemos com que o sentido destes últimos se imponha sobre o primeiro. Marcos não escreveu seu evangelho para uma comunidade que precisasse consultar Mateus e Lucas a fim de entender a sua obra. É muito possível que Mateus e Lucas tenham sido escritos depois de Marcos, logo, não era possível basear-se nestes para entender aquele.

Os evangelhos são um bom exemplo da necessidade de interpretar o texto de um livro dentro do próprio livro. Cada evangelista tinha seu propósito, enfoque, idéias e público específicos: as diferenças de ordem, estilo e conteúdo do material evangélico decorrem disto. Os evangelhos não são simples biografias de Jesus. O interesse dos escritores não era apenas histórico, mas também (alguns diriam "sobretudo") teológico. É mais fácil considerar o evangelho de João como um evangelho "teológico", mas devemos ficar atentos ao fato de que os outros também são obras espirituais. Isto não diminui em nada o conteúdo histórico das narrativas, mas nos ajuda a perceber o significado da história narrada, e não apenas os fatos crus.

Os estudos de uma harmonia dos evangelhos podem ser úteis no sentido de pesquisar o Jesus histórico, mas servem muito pouco para entender a mensagem de cada evangelho. Por outro lado, um estudo comparativo de sinopses dos evangelhos é muito instrutivo. Nas divergências, diferenças, adições e omissões, aprendemos a ver cada um deles no seu sentido próprio.

Devemos respeitar a mensagem e unidade de cada livro. O contexto mais importante de um texto é o livro ou a obra que o contém. Interpretar João pelos escritos de Paulo é errado e anacrônico, pois Paulo escreveu sua obra antes de João começar a dele. Interpretar os evangelhos pelas cartas é igualmente errado, pois as últimas precedem os primeiros (exceto João). Encontrar o "milênio" em qualquer escrito do Novo Testamento que não seja o Apocalipse é como encontrar uma referência a Getúlio Vargas nas cartas de Pêro Vaz de Caminha!

O estudo de cada livro como unidade independente não conduzirá a contradições. Muito pelo contrário, iremos apreciar a unidade na diversidade da revelação bíblica.

5. O Capítulo.

O capítulo forma um ambiente menor que ajuda na compreensão do texto. Embora a divisão em capítulos não seja inspirada nem infalível, na maioria dos casos é útil. A divisão em capítulos nos ajuda a ver uma extensão

do texto bíblico que pode ser lida e analisada detalhadamente, e assim situar a passagem que estamos enfocando.

Para o livro dos Salmos, a divisão em capítulos é, em geral, a mais importante. A divisão em capítulos, também em outros livros, procura separar os diversos assuntos tratados. Por exemplo: 1 Coríntios 5 trata de um problema específico de imoralidade; o capítulo 6 trata de mais dois assuntos específicos; todo o capítulo 7 fala de questões sobre o casamento; o capítulo 15 é sobre a ressurreição. Nestes casos, os capítulos são importantes contextos do assunto tratado, mais específicos do que o resto do livro.

O objeto do estudo (aula, sermão, artigo, etc.) é muitas vezes um capítulo inteiro do texto bíblico. Neste caso, as relações com os outros capítulos e com a obra toda cabem ao estudante. Quando, porém, estamos estudando apenas um parágrafo ou uma frase do texto bíblico, o capítulo que circunda o texto merece tanto estudo quanto o texto que está sendo alvo de nossa atenção. É o caso de Filipenses 3.2. Quem são os “cães”, ou “maus obreiros” e os “da mutilação”? Lendo o capítulo todo recebemos mais informação sobre eles nos versículos 3 e 18-19.

1 Coríntios 15.57 tem sido usado para ensinar todo tipo de “confiança na vitória”; mas, de acordo com o capítulo em que se encontra, o texto fala especificamente da vitória pela ressurreição. O capítulo tira a expressão de seu sentido genérico, dando-lhe um significado específico.

Muitas vezes é útil verificar se um capítulo faz parte de um conjunto dentro de um livro. Os Salmos 120-134 são chamados “cânticos de romagem(?)”, e, portanto, têm certa relação pelo seu uso. Levítico 17-26 é um agrupamento de leis, entendido por alguns como um conjunto denominado “leis de santidade”. Mateus 5-7 compõe o famoso “Sermão da Montanha”. Mateus 24-25 compõe o chamado “sermão profético” de Jesus. 1 Coríntios 12-14 contém a resposta de Paulo aos coríntios para suas questões sobre os dons espirituais. 1 Coríntios 8-10 trata das coisas sacrificadas aos ídolos. Saber situar o capítulo num conjunto destes é muito importante para a exegese do texto.

6. O parágrafo.

As divisões em parágrafos são, em geral, obra dos editores das Bíblias. Mesmo assim, são úteis para situar uma passagem bíblica dentro do seu contexto imediato. Os parágrafos procuram marcar as divisões menores de um texto onde se discute uma mesma idéia. Somente dentro dos parágrafos

é possível obter o sentido correto dos versículos, das frases, e dos períodos do texto.

Os parágrafos estão relacionados entre si, mas dentro de um deles é possível obter uma razoável unidade e inteireza de pensamento. As divisões em parágrafos propostas pelas várias edições e traduções do texto bíblico devem ser comparadas e estudadas para observar qual delas faz mais justiça ao texto (isto está incluído no passo anterior: TEXTO).

O entendimento de uma frase no seu parágrafo é crucial para a exegese. Em 1 Timóteo 5.20 o contexto do parágrafo é a única forma de saber a quem repreender e perante quem esta repreensão deve ser feita. Tirando o texto do parágrafo, alguém sentir-se-ia obrigado a censurar um irmão pecador na frente dos outros. Imagine quanta “roupa suja” iria ser “lavada” nos encontros da igreja! Mas o parágrafo mostra que são os presbíteros que devem ser repreendidos na presença dos outros presbíteros (e não da igreja toda). Todo o parágrafo está falando de como Timóteo deveria lidar com o presbitério (5.17-25).

O conselho de Paulo a Timóteo sobre o silêncio das mulheres (1 Tm 2.11-12) exige o silêncio da mulher em todas as situações (em casa, na rua, no trabalho, etc.)? O parágrafo mostra que não. O parágrafo fala do culto a Deus e especialmente das orações (2.8-15). Portanto, o silêncio (submissão) da mulher tratado neste texto é o do culto a Deus. Usar este texto para impedir que as esposas falem é um absurdo de exegese que isola o texto do seu contexto mais íntimo, o parágrafo.

Sumário.

Os passos mostrados acima são um modo de classificar e compreender o contexto de uma passagem. Podemos ir do contexto ao texto, na ordem que seguimos acima, ou seguir a ordem contrária: parágrafo, capítulo, livro, Testamento, Bíblia, época e mundo.

Este modo de abordar o contexto deve ser complementado com a metodologia que apresentaremos a seguir.

6

O CONTEXTO (II)

O primeiro parágrafo de uma boa reportagem procura responder a seis questões básicas: *que, quem, quando, onde, como, por que?* Este primeiro parágrafo é chamado "lead". Ele é de importância fundamental na boa reportagem, pois através dele o leitor recebe todo o impacto (contexto) da notícia. A partir da informação básica contida no mesmo, ele decide se vai ler os detalhes (o resto) da notícia ou não. De qualquer forma, ele já tomou conhecimento do contexto da notícia e tem condições de entender o resto, se quiser.

Um grupo de perguntas quase igual a essas é a chave para a boa compreensão do contexto de uma passagem bíblica. O método anteriormente proposto dá mais ênfase ao enquadramento literário do texto; este método diz mais respeito aos personagens e à situação do contexto.

As perguntas a serem feitas para determinar o contexto bíblico de uma passagem são:

Quem ?

Para Quem ?

Quando ?

Onde ?

Como ?

Por Que ?

Em alguns casos estas perguntas são feitas em vários níveis e repetidas vezes. Em outras situações, algumas delas não são tão importantes. O im-

portante, porém, é perguntar pelas informações e ficar assim melhor inteirado sobre o texto a ser estudado.

QUEM ?

Esta pergunta pode assumir várias formas diferentes: **quem escreveu?** **quem falou?** **quem é retratado?** No caso de uma carta como Colossenses, a primeira pergunta é a que deve ser feita, e as outras não fazem sentido. Já no livro de Jó, cuja autoria não é clara, a segunda forma é a mais pertinente. No caso do livro de Isaías, há textos como o capítulo 53 onde a terceira maneira de questionar é muito importante. Há textos em que as três questões são requeridas na compreensão do contexto.

Buscar quem escreveu o texto que estamos lendo é buscar a autoria do texto bíblico. A autoria é importante para poder compreender melhor a mensagem de um livro. Uma vez que conhecemos o autor da obra, podemos usar outros conhecimentos que temos sobre ele para interpretar a sua obra. Lembre-se que a tarefa da exegese é determinar o sentido de um texto conforme a intenção do autor. Se o Salmo 23 é de Davi, como sugere o título, então a metáfora do pastor em que o salmo se baseia é algo oriundo das experiências do próprio Davi com o rebanho de seu pai. Do mesmo modo, o Salmo 51 se ajusta bem à experiência de arrependimento pela qual Davi passou depois de pecar com Bate-Seba. O livro de Eclesiastes fica muito mais forte e eloquente quando se admite a autoria de Salomão. As experiências narradas no livro correspondem muito bem ao que sabemos deste homem, e a conclusão do livro torna-se irrefutável.

Saber que Lucas é o autor do terceiro evangelho e dos Atos é muito importante: faz com que observemos as duas obras como contínuas; podemos apreciar algumas de suas características de cristão-gentio (o único gentio a escrever no Novo Testamento); aprendemos a apreciar seus relatos de testemunha ocular em certas partes do livro de Atos.

É sempre proveitoso saber quem escreveu determinada obra. Apesar disto, nem sempre é possível determinar o autor humano dos livros bíblicos. No Novo Testamento, a maior parte dos escritores é conhecida. Muitos livros neotestamentários trazem o nome dos escritores, e outros têm uma forte atestação tradicional de autoria. Em alguns casos, pelo estudo da obra, é possível determinar seu autor (por exemplo: as obras de João). Há casos como o de Hebreus em que nem a tradição nem as evidências internas da obra ajudam a chegar a uma conclusão.

No Velho Testamento existem igualmente livros cujo autor é desconhecido (por exemplo, os livros de Samuel, Reis e Juizes). Há casos em que sabemos o nome do autor, mas nada sobre ele (por exemplo: Joel e Obadias).

Conhecer o autor nem sempre é absolutamente essencial para entender sua obra. É possível entender o livro pelos elementos que ele mesmo acrescenta à nossa compreensão. Por outro lado, tudo que soubermos sobre o autor, seu modo de viver, pensar e trabalhar, é útil ao estudante.

O melhor modo de determinar a autoria de um livro é ler a obra várias vezes, buscando a evidência da personalidade, vida e experiência do autor. Se o autor é conhecido (como Paulo, Davi ou Isaías), devemos buscar em outros livros bíblicos mais informação sobre ele.

Quando um texto é composto de narrativas ou qualquer descrição da ação humana, é necessário perguntar **quem está falando**. “Amaldiçoa a Deus e morre” é um versículo da Bíblia, e está no imperativo: será que devemos obedecer-lhe? É claro que não, porque essas palavras foram ditas pela mulher de Jó (Jó 2.9). Devemos lembrar que muitas vezes a Bíblia é um registro inspirado de palavras não inspiradas. Nem sempre quem fala é Deus. Há ocasiões em que o diabo está falando; há ocasiões em que alguém está mentindo; há citações de obras não inspiradas como argumento do escritor.

O livro dos Salmos é um exemplo interessante. É um livro de orações e cantos dirigidos a Deus e, ao mesmo tempo, é palavra de Deus para nós. Ele mostra como devemos nos relacionar com Deus, e também apresenta meditações sobre como Deus é. Em tudo isto é importante ver quem fala.

O livro de Jó é recomendado como um conselho para muitas situações. Tomemos cuidado para ver quem fala; pois, no fim, Deus repreende três amigos de Jó pelo que falaram. Muito cuidado então com citações originárias do discurso destes homens. Da mesma forma, o chamado “parecer de Gamaliel” não é inspirado (At 5.34-39) e João 9.31 é a opinião do cego de nascença sobre a oração dos pecadores.

É possível que um homem ímpio diga algo de valor, algo inspirado, como em João 11.49-51. Nestes casos, porém, é necessário que o contexto evidencie esta valorização das palavras da pessoa em foco. Um exemplo do Velho Testamento é o de Balaão.

Muitas vezes é difícil saber quem fala. No evangelho de João este é um problema freqüente. Os versículos 3.16-21 são palavras de Jesus ou do apóstolo João? E 3.31-36 são declarações de João Batista ou do apóstolo João? Em casos como esses devemos tentar encontrar a melhor solução para

o problema. Embora isto não altere a autoridade das palavras, muitas vezes altera o seu significado.

No que diz respeito a esta questão temos de responder também a pergunta: sobre quem se fala? ou quem é retratado? Esta era a dúvida do eunuco etíope em Atos 8.34, e ainda hoje é uma grande dúvida para os estudantes de Isaías. É difícil saber quem é o "iníquo" de 2 Tessalonicenses 2 ou quem é o chifre insolente de Daniel 7.

Determinar o contexto é saber quem fala e sobre quem se fala. Devemos ler algumas linhas ou versículos antes e depois do texto que estamos estudando até termos condições de responder com certeza a estas perguntas. Caso contrário, corremos o risco de ensinar palavras humanas em lugar da Palavra de Deus.

PARA QUEM?

Para entender corretamente qualquer comunicação precisamos saber quem está recebendo (ou deveria receber) a mensagem. Para quem as palavras foram escritas e para quem foram dirigidas são duas formas de montar o contexto original.

Um conhecimento histórico dos coríntios é de grande auxílio na interpretação das cartas escritas a esta igreja. Alguns dos problemas tratados são devidos ao ambiente cosmopolita, imoral e pagão da cidade. Tudo que o exegeta puder saber sobre os leitores de uma epístola poderá ser útil no entendimento da mesma. Uma leitura das cartas às sete igrejas da Ásia (Ap 2-3), sem levar em conta as características dos receptores da mensagem, faz com que boa parte do significado da comunicação se perca.

Muitas das diferenças de evangelho para evangelho são devidas aos diferentes públicos aos quais cada obra se destina. O costume de lavar-se, praticado pelos judeus (Mc 7.3-4), é explicado por Marcos mas não por Mateus. Isto se deve certamente ao fato dos primeiros leitores do evangelho de Marcos não conhecerem o costume, enquanto os de Mateus estavam familiarizados com ele. Os prováveis leitores originais de Marcos eram os romanos. Mateus deve ter escrito para os judeus. Lucas escreveu para um cristão chamado Teófilo: o nome é grego, e o título usado na sua designação é o de um dignitário de alta posição. Em todos estes casos, um estudo cuidadoso dos receptores ou leitores do livro ajuda a compreender a mensagem do mesmo.

Nem sempre é possível determinar com clareza quem são os destinatários de certos livros bíblicos. A Epístola aos Hebreus é um destes cujos destinatários não são completamente conhecidos. Pela leitura do livro somos informados de muitas das características deles, mas é só o que sabemos. Por causa disto, certos textos não podem ser completamente vinculados a uma situação concreta na igreja antiga.

Há também cartas circulares como 1 Pedro e Judas. Até mesmo nestas, porém, existe sempre uma região geográfica ou algumas evidências internas que nos ajudam a identificar os leitores.

A identificação dos destinatários de um escrito bíblico não é mero exercício acadêmico. É importante para a exegese. Exegese é a tentativa de entender um texto conforme a intenção do autor; este, por sua vez, procurava comunicar-se com o seu "público" em uma linguagem e expressão que pudesse entender.

Desse modo, entender e conhecer o público é essencial para acompanhar a maneira de escrever do autor e seus conselhos.

O melhor modo de conhecer "a quem" um documento bíblico foi dirigido é ler a obra várias vezes, buscando a evidência e descrição da pessoa ou grupo. Uma vez obtidas as informações possíveis sobre os receptores, podemos examinar outros documentos bíblicos que nos ensinem mais sobre eles, ou que também façam referências a eles. Finalmente, devemos buscar em fontes históricas mais informações sobre o grupo.

Outra variação desta pergunta é: "A quem se fala?" ou "A quem se dirige esta palavra?" Estas perguntas são especialmente pertinentes em narrativas. É preciso determinar se o mandamento de Mateus 19.21 é universal, ou seja, é para todos os cristãos, e se os mandamentos em 1 Timóteo 5.23 e 2 Timóteo 4.13 são mandamentos para nós. O sentido dos textos, tanto seu sentido primário (exegese) como as aplicações que podemos fazer deles (hermenêutica), depende de entendermos a quem se fala.

As grandes diferenças na abordagem do evangelho, encontradas nos sermões de Paulo em Atos 13.16-41 e em 17.22-31, só podem ser devidamente apreciadas quando entendemos as grandes diferenças de público a quem os sermões foram pregados. Os discursos de Jesus eram geralmente dirigidos a uma comunidade agro-pastoril; logo, sua linguagem foi influenciada por metáforas e temas relativos à vida do campo. Os destinatários explicam o método de comunicação utilizado e são a chave para decifrar a mensagem. Paulo, por outro lado, escrevendo a cristãos de centros urbanos,

usava metáforas mais cosmopolitas, que pudessem ser entendidas pelos ouvintes.

QUANDO?

A data ou a época em que um documento bíblico foi escrito é mais uma importante peça na determinação do contexto. A data do escrito se estabelece em função do autor (ou escritor) e dos destinatários. O livro não pode ter sido escrito depois da morte do autor, ou depois do desaparecimento do público ao qual era dirigido. Em casos de livros de vários autores, como Salmos ou Provérbios, pode-se pesquisar a data dos vários extratos dos documentos e também a data da composição ou edição final da obra.

A data em que um livro foi escrito influencia a interpretação do mesmo. A data vincula o livro a um contexto histórico específico. Todos os dados que formam o contexto histórico do mundo e da época do autor, dos receptores, dependem da época do documento. A data de Apocalipse é um exemplo: foi escrito na época de Nero ou de Domiciano? Cada data altera em alguns aspectos a interpretação. Da mesma forma, a data atribuída a Gálatas altera a interpretação das narrativas históricas dos capítulos 1 e 2.

Pode ocorrer que a data de uma narrativa seja anterior à data de composição do livro. Neste caso, tanto a data dos eventos como a data do registro deles é importante como fonte de contexto histórico. No livro de Rute podemos ver a narrativa de eventos históricos ocorridos antes do livro ser redigido, pois alguns costumes antigos já precisavam ser explicados (Rt 4.7). A data dos eventos ajuda a entender os costumes e a narrativa; a data do livro ajuda a entender o propósito da obra e seu uso pelos primeiros leitores.

O estudante da Bíblia deve procurar familiarizar-se com a história bíblica do Velho e Novo Testamentos, conhecendo a cronologia dos principais eventos. Todo conhecimento histórico sobre o período transforma-se em ferramenta de interpretação. Muitos dos oráculos dos profetas só podem ser entendidos quando se conhece as condições políticas, militares, religiosas e sociais do povo de Israel e dos povos vizinhos.

No caso do Novo Testamento, o livro de Atos é a melhor fonte da história da igreja; e, portanto, boa parte das datas dos escritos neotestamentários pode ser estabelecida com base num estudo deste livro, em convergência com os dados extraídos do documento em estudo. A morte dos apóstolos (Pedro e Paulo), a queda de Jerusalém, e outras datas marcantes são também importantes para o estudo da data de um documento.

Critérios de datação baseados em pressupostos anti-sobrenaturalistas devem ser rejeitados por não aceitarem o caráter sobrenatural da Bíblia. Por exemplo, datar o livro de Daniel do período dos reis gregos, pressupondo que Daniel não poderia tê-los previsto com tamanha precisão é um preconceito contra o sobrenatural. Os critérios de datação não podem negar ao texto seu caráter divino.

As evidências internas e externas devem ajudar-nos a determinar a data de um livro, sendo que as primeiras têm prioridade. Evidências internas são os elementos contidos na própria obra que servem de orientação quanto à data de sua redação: autor, destinatários, acontecimentos citados cuja data seja conhecida, acontecimentos notáveis omitidos (critério perigoso), ambientação, etc. As evidências externas são tradições antigas e alheias ao livro, mas que merecem consideração por sua autoridade ou antigüidade.

ONDE?

O local onde um livro foi escrito ou onde se desenrola o seu enredo é mais um elemento que auxilia na descoberta do contexto. Dados geográficos são muitas vezes necessários para compreender as narrativas. Em outras ocasiões, o ambiente onde o escritor se achava influencia o conteúdo do texto.

Há quem diga que o quadro de degeneração e pecado em Romanos 1.18-32 é uma descrição exata da cidade onde Paulo estava ao escrever o texto, ou seja, uma descrição de Corinto. O fato de João ter estado em Patmos, quando escreveu o Apocalipse (ou quando teve as visões), talvez influenciasse o cenário do aparecimento do anjo (10.5), da besta, e do falso profeta (13.1,11). Há quem justifique a diferença de estilo, gramática e vocabulário de Apocalipse em relação aos outros escritos joaninos pelo fato de que, por se encontrar preso, João não pôde usar os escribas que o assistiram quando redigiu o evangelho e as cartas. Estes exemplos mostram alguns casos de influência do local de redação no conteúdo da obra.

É necessário pesquisar no livro todo tipo de evidência geográfica que ajude a localizar o local de redação. Os elementos já estudados sobre a autoria, destinatários, data, ajudam na presente pesquisa. Muitas vezes são as informações sobre o local que decidem a data na qual um documento foi escrito.

No caso de narrativas ou referências a lugares, o estudo destas é mais uma contribuição importante ao contexto; e, portanto, à compreensão do texto. Recomenda-se o uso de um bom atlas bíblico durante o estudo de um

texto ou livro que tenha qualquer referência geográfica. É importante aprender os nomes das regiões conforme a Bíblia, para não incorrer em erros grosseiros; como por exemplo, pensar que o evangelho foi pregado entre os habitantes da moderna Ásia por causa de Atos 19.10. Ásia para eles é o que chamamos hoje de Turquia, e mesmo assim, só a parte ocidental.

Há casos em que os nomes geográficos vão além de seu puro significado literal, possuindo conotação teológica dentro da obra. Galiléia em Marcos, Jerusalém para Lucas e a Judéia para João são localidades, mas ao mesmo tempo centros da organização da obra de cada evangelista. Cumpre ao estudante examinar com cuidado até este tipo de conotação dos nomes de locais.

COMO?

Esta questão procura deixar explícito qual o tipo de literatura empregado na comunicação da Palavra de Deus. A Bíblia possui vários livros, cada qual participando de um tipo ou gênero literário; e, mesmo dentro de um livro, de texto para texto, pode haver mudanças de gênero de literatura. A exegese só pode ser realizada com fidelidade quando se reconhece o gênero literário do texto e quando o estudo do mesmo é feito de acordo com este reconhecimento.

O tipo literário é a chave para não tratar um Salmo da mesma forma que se trata uma epístola. A última faz declarações diretas, literais, orientadas diretamente para comunicar um conceito. Já o Salmo é poético, alcançando a mente através do coração, é cheio de metáforas e cada frase faz parte do arranjo poético, não tendo significado quando isolada. Devemos aproximar-nos do texto conforme ele foi construído: para tanto é necessário determinar o seu gênero literário.

No Velho Testamento temos vários tipos gerais de literatura: leis, história ou narrativas, poesia sapiencial, poesia musical, poesia profética, profecias, visões, crônicas históricas. Da mesma forma, no Novo Testamento temos epístolas, evangelhos e narrativas, e um representante da literatura apocalíptica. O exegeta deve procurar determinar com clareza as características da obra que estuda para poder dar-lhe um tratamento adequado.

Ao estudarmos o Apocalipse, devemos reconhecer de que forma João está comunicando sua mensagem: ele usa um gênero literário conhecido como apocalíptico. Este tipo de literatura floresceu em épocas de perseguição e procurava consolar os oprimidos pela visão de um futuro vitorioso mediante a intervenção de Deus na história, em prol do seu povo. O livro

não é só simbólico, mas também dramático e emocional. Este tipo literário fornece quadros de esperança, juízo, consolação e revelação do plano de Deus. Não é um livro de narrativa onde uma cronologia é obedecida; não é um livro de argumentação onde uma idéia se apóia em outra, dirigindo-se a uma conclusão. É um “album de fotografias”, mostrando vários aspectos da vitória do povo de Deus e do juízo dos seus opressores.

No estudo de um texto poético como um Salmo, temos de levar em conta na interpretação as características da poesia hebraica. A mais comumente citada é o paralelismo: as frases da poesia são paralelas e uma completa a outra, quer por identidade, quer por desenvolvimento, quer por contraste. As frases devem ser então interpretadas em conjunto com suas “parceiras”. Os conjuntos paralelos devem ser então entendidos à luz do poema, no qual também podem participar de paralelismo de estrofe para estrofe. Não se pode interpretar a linguagem dos Salmos como se faz com uma lei ou uma epístola, nem tirar o sentido literal de uma frase poética como se fosse um livro de termos técnicos.

Dentro de um mesmo livro bíblico o autor pode ter utilizado vários tipos ou gêneros literários. Embora Gálatas seja uma epístola, temos dentro dela narrativas, discussão teológica, alegoria e exortação. Esta subclassificação de gêneros literários é também a resposta para entender a pergunta “como o autor escreveu?”. Nos evangelhos, as parábolas merecem tratamento diferente dos discursos proféticos; as narrativas precisam ser estudadas diferentemente dos discursos polêmicos. Tudo isto é óbvio, mas nem sempre é observado quando o intérprete não presta atenção ao contexto.

As grandes dúvidas dos intérpretes geralmente giram em torno da questão: “Figurado ou literal?” A compreensão do tipo de literatura já ajuda na resposta e orienta os passos posteriores da exegese. Observações sobre o uso de figuras de linguagem (anteriormente mencionadas) também são essenciais. Geralmente se tem dito que deve ser assumida a interpretação literal, exceto quando ela não fizer sentido. Esta é uma regra geral, mas saber qual o gênero de literatura é uma chave ainda mais importante na resposta a esta questão.

Devemos tomar certos cuidados na interpretação da linguagem figurada. Primeiro, é necessário conhecer a substância da figura usada na comparação. Por exemplo: “O Senhor é o meu pastor... (Sl 23). Em todo este Salmo devemos buscar informações sobre o comportamento do pastor israelita contemporâneo de Davi. É nisto que se baseia a figura. Quanto melhor

compreendermos o que está sendo usado como figura, melhor compreendemos o sentido da lição figurada.

Em segundo lugar, é bom não exagerar nos detalhes que se podem obter com a linguagem figurada. O ideal é usar a idéia central da figura, a idéia que melhor se aplica ao texto. A vinda de Cristo é descrita várias vezes como a vinda de um “ladão de noite” (1 Ts 5.2). A figura quer falar sobre o inesperado de sua volta e não do seu caráter ou de seus propósitos. Não devemos exagerar nos detalhes do significado da linguagem figurada.

Em último lugar, é bom lembrar que a linguagem figurada apresenta apenas uma parte da verdade. A linguagem figurada não pode ser tomada como se fosse uma descrição completa das realidades que pretende ilustrar. Deus é luz (1 Jo 1.5), mas esta é apenas uma forma de ilustrá-lo. Existem muitas outras.

(Na interpretação de diferentes gêneros literários voltamos a recomendar “Entendes o que Lês” de Fee e Stuart. Para o estudo das parábolas, a metodologia de “As Parábolas de Lucas” (antigo “A Poesia e o Camponês”) de K. Bailey é o que há de melhor em português).

POR QUE?

Chegamos a uma das questões mais importantes da descoberta do contexto de um trecho bíblico. Se quisermos interpretar o texto conforme a intenção do autor, a determinação de seus propósitos mais globais é a pista certa para alcançar este alvo.

Por que Paulo escreveu aos Gálatas? Uma leitura do livro mostra que havia um problema doutrinário perturbando a igreja naquela região. Paulo procura sanar o problema. Já a carta aos Romanos, embora trate de muitos assuntos semelhantes, tem um argumento e tonalidade completamente diferentes. A razão da diferença, entre outras coisas, é o motivo para a carta ter sido enviada.

Mesmo cartas extremamente similares como Colossenses e Efésios têm na diferença de propósito a chave para entender as divergências. Efésios é uma exposição, Colossenses é polêmica. O alvo da primeira é informar para prevenir, o da última, combater para remediar.

Muitas vezes o autor diz qual o seu propósito ao escrever a obra (Hb 13.22, Jd 3-4, 2 Pe 1.12-15). Pode ser que esta descrição de propósito não nos satisfaça totalmente, mas já é uma indicação.

O modo de determinar o propósito de um livro é a leitura do mesmo várias vezes, procurando ver o propósito do autor, ver o que ele está querendo provar ou incutir nos leitores. Os raciocínios, elogios, críticas, citações, ensinamentos e conselhos devem ser observados e pesados na busca de uma direção de pensamento que indique o propósito.

No caso de certos livros como o Pentateuco, há um mandamento de Deus no sentido do livro ser registrado para as gerações posteriores. Nos profetas, o alvo pode ser o de anunciar os castigos e ao mesmo tempo incentivar o arrependimento para que o povo possa esperar de Deus a consolação. Nas cartas de Paulo aos coríntios, a razão para escrever aparece em vários momentos. O motivo de uma obra é a chave para sua compreensão.

No estudo de narrativas o porquê de certas palavras e ações é o modo de compreender o sentido de tudo. Esta pesquisa nem sempre é fácil, sendo porém muito importante. É quase a "metade" da interpretação.

A diferença de propósitos dos evangelistas é uma das principais razões para as diferenças entre as suas obras. Devemos aprender a buscar o objetivo de cada um deles e não julgar que todos estejam buscando os mesmos propósitos. No milagre da cura da sogra de Pedro (Mc 1.29-31; Mt 8.14-15; Lc 4.38-39), embora as narrativas concordem substancialmente, cada evangelista tem as suas ênfases, orientadas pelos seus propósitos. Mateus usa o método dos dois personagens: ele omite todos os outros participantes do evento para fixar a atenção no confronto entre Jesus e a sogra de Pedro. Em Lucas, Jesus recebe um pedido para a cura da mesma; dando atenção ao caso, ele repreende então a febre, como se fosse uma enfermidade espiritual. Marcos enfatiza a ação de Jesus fazendo-a levantar como em uma ressurreição. Mateus enfatiza a autoridade de Jesus perante cada indivíduo; Lucas, o seu cuidado salvador; e Marcos, o poder do Filho de Deus.

Sumário.

Quem, Para Quem, Quando, Onde, Como e Por que? são seis bons e valiosos amigos do exegeta bíblico. Quem aprender a fazer estes tipos de pergunta ao texto vai entrar na vida e tempo do texto, como se estivesse usando a famosa "Máquina do Tempo". O melhor modo de aprender é perguntar.

NOTA SOBRE O ESTUDO DO CONTEXTO.

Ao estudarmos o contexto de um livro bíblico, devemos enfatizar a leitura repetida do mesmo como fonte de entendimento do seu contexto. Estas leituras devem ser realizadas, procurando enquadrar a obra nas categorias indicadas acima, ou procurando responder as questões propostas.

O uso da concordância bíblica irá ajudar muito no trabalho de descobrir o contexto de um livro bíblico. Pelo uso da concordância pode-se "perseguir" todas as referências bíblicas sobre um determinado personagem, seja ele o autor ou o protagonista de um livro. Pelo uso da concordância podemos também descobrir que um termo muito repetido em um livro, é, na verdade, uma palavra-chave do mesmo. Ao checar a frequência e uso do termo, esta constatação fica assegurada. Locais geográfico-históricos podem ser melhor entendidos pela consulta à concordância e a sua participação no contexto do livro em estudo fica clara.

Se estivermos estudando o livro de Jonas, uma consulta ao verbete "Jonas" da Concordância Bíblica da Sociedade Bíblica do Brasil irá mostrar a época em que Jonas viveu, por apresentar uma referência a ele no livro de 2 Reis 14.25. O texto apresenta também o fato da profecia de Jonas ter sido uma profecia patriota, pois falava da expansão do reino de Israel. Este fato já nos prepara para entender o preconceito de Jonas contra os assírios, inimigos de Israel. Além disto, o verbete nos leva a versículos do Novo Testamento que falam de Jonas, e que confirmam a historicidade do profeta e de sua missão. Este é apenas um caso que mostra como a concordância é útil no estudo da vida de um personagem ou escritor bíblico.

Se observarmos o verbete "justificar", na referida Concordância, iremos notar que a palavra ocorre 51 vezes em toda a Bíblia. Destas referências, 21 estão nas epístolas de Gálatas e Romanos. Ou seja, 40% de todas as citações. Levando em conta que Gálatas e Romanos não representam nem 2% da Bíblia, fica então evidente que o assunto da justificação é um assunto-chave nas cartas mencionadas. Se suspeitarmos que um certo tema está sendo muito repetido em um livro, a concordância, em alguns casos, poderá esclarecer.

A concordância terá igualmente utilidade se estudarmos sobre um local como Éfeso, Megido, Gileade, Creta, Arábia, etc. O uso de Bíblias com mapas e de atlas bíblicos ou históricos é recomendável.

Outra fonte de dados para o contexto histórico será explorada quando falarmos do estudo das idéias. Ocasão em que iremos mostrar que as referências ao pé e à margem da página das edições da Bíblia oferecem bons recursos ao estudioso da Palavra.

O uso de livros de Introdução ao Novo Testamento, ao Velho, ou à Bíblia toda, como fontes de informação sobre o contexto dos livros bíblicos, exige uma palavra de cautela. As Introduções são obras úteis se consultadas mais tarde, no decorrer do estudo. Em primeiro lugar devemos ler várias vezes o livro que estamos estudando, fazendo também o uso da concordância e de outros recursos mais básicos. Só depois de bastante estudo independente sobre o contexto é que estes livros devem ser consultados.

Caso o estudante não tome este cuidado, seu entendimento do texto bíblico será forçosamente guiado pela concepção da obra que consultou. Esse tipo de livro contém às vezes certos comentários do texto bíblico que podem interferir na interpretação do trecho que está sendo estudado.

O uso de Manuais Bíblicos, Enciclopédias Bíblicas e Dicionários Bíblicos, também deve ser feito com as mesmas ponderações acima.

Caso o estudante use alguma introdução, deve buscar aquelas mais conceituadas, conservadoras, e que tratem das questões mais técnicas do contexto. Introduções de autores liberais (por exemplo: os que não crêem na autoria paulina de algumas cartas de Paulo), podem ser usadas com cuidado por aqueles que sabem "comer o frango sem engolir os ossos".

Nestes casos, urge usar vários livros para poder comparar as opiniões e tomar conhecimento da maneira como cada autor discute os problemas. Certos comentários bíblicos incluem uma extensa introdução do livro que vão comentar. Tanto estas como outras introduções merecem ser consultadas, mas sempre depois de bastante estudo independente e pessoal.

7

AS PALAVRAS

As palavras são os tijolos com os quais a comunicação escrita é construída. Seu significado é a chave da comunicação. Jesus foi chamado de "Palavra" ("Verbo") por resumir o poder e a revelação de Deus em Si mesmo. Na exegese dos textos bíblicos nada é tão importante como o estudo das palavras. Este, porém, deve ser feito no momento certo: depois do estudo do TEXTO e do CONTEXTO.

Definição

O estudo de palavras é a atividade de descobrir, exemplificar e explicar o significado de uma palavra no texto bíblico. As palavras transmitem idéias, sentimentos, ações e qualidades. Nosso alvo é entender o significado que as palavras tinham para o autor bíblico e para os primeiros leitores da obra. Um estudo cuidadoso é necessário, visto que as línguas se modificam de geração para geração, e não desejamos descobrir o que a palavra pode significar hoje; mas, sim, o que ela significou originalmente.

A importância do estudo das palavras.

O estudo das palavras é importante devido ao nosso desejo de encontrar o sentido original das mesmas. Queremos evitar o uso de sentidos aparentemente corretos, mas que não representam muito bem o significado original. O estudo de palavras é então importante por duas razões: 1. Por causa da diferença de significado entre as palavras na Bíblia e em outros ambientes; 2. Para compreender o significado completo, abrangente e pertinente, de uma palavra no contexto.

1. Diferenças de significado das palavras.

Há palavras cujo sentido bíblico difere do sentido moderno. É o caso da palavra "piedade" no Novo Testamento. Conforme o uso neotestamen-

tário, significa temor a Deus, respeito e reverência em relação a Deus. Ou seja, piedade é o que devemos ter em nosso relacionamento com Deus. O sentido moderno do termo é completamente diferente, significando dó, pena, demonstração de compaixão. No Velho Testamento (versão ARA), o uso da palavra tem este segundo sentido. Portanto, estamos também diante de um caso em que, pelo menos nas versões, há **diferença de sentido das palavras de Testamento para Testamento**. O dicionário dá os dois sentidos, mas o mais conhecido e usado é o de piedade como um sentimento pelos outros seres humanos. No Novo Testamento não ocorre este uso, mas apenas aquele em que piedade é o modo certo de relacionar-se com Deus. Este exemplo ilustra a necessidade de fazer um bom estudo de palavras na exegese de trechos bíblicos.

O termo “batismo” é um outro caso onde **o significado bíblico difere do significado religioso do termo**. Para muitos grupos religiosos o termo significa aspergir ou derramar água sobre a cabeça de alguém, geralmente um bebê, com fins religiosos. No Novo Testamento o significado do termo é “imersão” e a administração do batismo fica restrita a pessoas arrependidas, que tenham fé e, portanto, adultas. Estes religiosos com certeza conhecem o sentido original do termo, mas justificam sua tradição por análises preconcebidas da evidência.

O estudo de palavras também é importante pelo fato das nossas versões bíblicas fazerem uso de termos que mudaram de sentido. A palavra “caridade” é um exemplo. Nas versões antigas (como ARC) este termo é o principal para designar o “amor” (ARA). De acordo com o dicionário, este uso é correto: talvez seja entendido como amor a Deus em certas regiões brasileiras. Mas em geral, o termo “caridade” é mais associado a atos de benevolência (dar esmolas) do que com a dedicação e amor a Deus e ao próximo. Os tradutores bíblicos talvez desejassem imprimir um sentido mais nobre a esta palavra, a exemplo do uso que os cristãos fizeram de “agape” (amor no grego). As **diferenças de sentido dos termos das versões no decorrer dos anos** são um forte motivo para o estudo das palavras.

O estudo de palavras não é, porém, feito apenas para evitar usos seculares e errôneos de um termo. É bom lembrar que existem **diferenças no sentido das palavras de contexto para contexto**. A palavra “carne” é um bom exemplo: ela pode significar literalmente a parte do corpo que contrasta com os ossos (Lc 24.39), pode significar o corpo todo (Cl 2.5 no original), pode salientar o fato da pessoa ter carne e ossos (Jo 1.14), pode designar a descendência humana ou mortal (Rm 1.3), pode designar o lado exterior

ou terreno da vida (Fp 3.3-4), pode ser usada para designar o instrumento voluntário do pecado, ou a nossa natureza cheia de pecado (Rm 7.5, 18, 25; Gl 5.13, 16-17; Jd 23). Todos estes sentidos são bíblicos e corretos, mas o significado muda de acordo com o contexto. Não é possível indicar tudo isto em todos os contextos em que o termo aparece. Aqueles que insistem em afirmar que um termo tem sempre um único significado, sem ter feito antes uma boa pesquisa para chegar a esta conclusão, correm o risco de ensinar o erro e cair em contradição. Há termos com um só significado, mas encontrá-los depende de pesquisa. Da mesma forma, afirmar vários sentidos para um termo é algo que tem de ser provado. O contexto é a chave para o sentido das palavras. O estudo de palavras para uma exegese é a tentativa de encontrar o sentido do termo no texto que está sendo analisado.

2. Compreensão completa e abrangente das palavras.

Algumas palavras bíblicas evocam significados próprios à luz de sua história. É o caso da palavra “amor”, que é definida em termos bíblicos pelo ato de Deus ao enviar Jesus ao mundo e sacrificá-lo por nós. Somente à luz da história bíblica é que o termo adquire seu sentido pleno. Assim também termos como “reino”, “sacerdócio” e “unção”. O estudo da sua história é a chave de seu significado mais amplo.

Certas palavras bíblicas têm um significado técnico específico. “Sacrifício” e seus cognatos, sempre evocam e se referem (literal ou figuradamente) às ofertas rituais do Velho Testamento, jamais significando “passar privações” ou “sujeitar-se a uma situação difícil”. O termo é técnico na Bíblia para o abate de animais em oferecimento a Deus. A palavra “Aba”, não traduzida, que quer dizer Pai (Mc 14.36; Rm 8.15; Gl 4.6), é um termo técnico vinculado ao modo de Jesus orar, e posteriormente, da igreja orar.

Há palavras que possuem vários significados e às vezes esta compreensão é essencial para o entendimento do texto. A palavra grega “*diathēkē*” é usada para significar “testamento” e “aliança” em Hebreus 9.15-20. Os dois sentidos do termo são usados em um mesmo contexto para ilustrar um argumento do autor. Só um cuidadoso estudo das palavras pode tornar entendível este tipo de uso.

Há casos em que uma palavra possui um sentido quase intraduzível para o português em apenas uma palavra. A expressão “enviados e até certo ponto acompanhados” que ocorre em Atos 15.3 é tradução de uma só palavra no original. Há casos em que uma mesma palavra é traduzida de vários modos. “Hades, por exemplo é traduzido como “inferno”, “morte” e

“o além”, na versão de Almeida, revista e atualizada no Brasil. Um estudo cuidadoso de tais palavras enriquece a compreensão de suas conotações.

Certas palavras são pictóricas, evocando um quadro na mente do leitor. A palavra grega traduzida “vivei” em Filipenses 1.27 é um bom exemplo. Esse é o termo que estabelece os direitos do cidadão de um reino. Os filipenses eram cidadãos romanos, pois sua cidade era uma colônia romana. O uso da palavra feito por Paulo evoca a idéia dos cristãos como cidadãos do reino de Deus, procurando viver nessa conformidade. O estudo da palavra ajuda a ver o quadro pintado por ela. (ARA coloca uma nota neste verso para tentar preservar a imagem sugerida por Paulo.)

Algumas palavras possuem sinônimos e antônimos que ajudam a conhecer e especificar o seu significado. É o caso da palavra “novo”. Pode ser oriunda de dois termos originais no Novo Testamento grego - “neos” ou “kainos”. A primeira designa mais a idéia de novo em tempo e, a segunda, a idéia de novo em qualidade. Há casos onde as duas palavras têm o mesmo sentido (Mt 9.17), e outros em que os sentidos diferenciados são importantes (2 Pe 3.13)- uma nova qualidade de céus e terra; (Lc 5.39)- um vinho recém-fabricado. Da mesma forma o uso de antônimos facilita o entendimento: velho homem contra o novo homem (Ef 4.22,24 (kainos); Cl 3.9-10 (neos).

Há termos cuja etimologia é importante ou instrutiva. Tomemos por exemplo a palavra santo (hebraico: “qadosh”). Uma origem proposta para o termo é uma raiz que significa “separação” ou “extirpação”. Nesta origem há, portanto, uma boa ilustração no sentido da palavra. Palavras como “igreja”, “longanimidade”, “evangelho” têm origem, formação e história interessantes.

Há termos aparentados cuja relação é útil. As palavras “graça” e “dom” em português, são traduções de “charis” e “charisma”. As palavras vêm da mesma raiz grega, e a definição ou ilustração de uma pela outra ajuda a entendê-las.

Há palavras que não foram traduzidas, mas transliteradas. Batismo, diácono, presbítero, etc., são termos não traduzidos, mas transliterados; ou seja, a palavra é igual (ou quase) ao termo grego original, escrito com letras do nosso alfabeto. A idéia original do termo só aparece através do estudo do mesmo.

Podíamos aumentar esta lista de idéias, mas estas bastam para mostrar a importância do estudo das palavras na exegese. Mediante estudos des-

te tipo é que se aprende a deixar os preconceitos de lado e encarar a verdade bíblica com toda pureza.

Como fazer o estudo de palavras.

Os estudos preliminares do texto e do contexto são, na verdade, a melhor base para o bom estudo das palavras. A análise do texto faz com que não nos afadiguemos no estudo de uma “palavra fantasma”, que na verdade não faz parte do texto bíblico que estamos estudando (como no caso da frase “no sangue do cordeiro”, de Apocalipse 22.14 que não ocorre em nenhum manuscrito grego, mas entrou na ARA e ARC por influência da Vulgata). O estudo do texto fixa a palavra em estudo na estrutura do documento. O contexto já indica o tipo de assunto, e dá a direção do significado do termo. Pelo contexto, podemos perceber se o uso da palavra é literal ou não. Enfim, os estudos preliminares (texto e contexto) formam o alicerce do estudo das palavras.

Alguns manuais de exegese colocam o estudo do contexto depois do estudo das palavras. Isto não é produtor, pois o contexto é mais importante na compreensão do sentido da palavra do que os seus possíveis significados em toda a Bíblia. Em todo caso, se for necessário estudar uma palavra antes de completar o estudo do contexto, deve-se tomar cuidado para não forçar o sentido predominante da mesma em um contexto. O contexto é que modela o sentido das palavras, favorecendo a comunicação. Reafirmamos, pois, a necessidade de estudar as palavras depois de um bom estudo do contexto, e como regra geral nunca fazer o contrário. É bom lembrar também que nenhum item é realmente independente dos outros nesta metodologia, mas o avanço em um deles representa um progresso de todos os outros.

Ferramentas no estudo das palavras.

Para um bom estudo de palavras algumas ferramentas básicas são muito úteis. Sem elas o estudo fica prejudicado e empobrecido. As ferramentas descritas abaixo podem ser adquiridas por qualquer pessoa nas livrarias do país, sendo portanto acessíveis a qualquer estudante. Elas são também úteis para os que não querem ou não podem usar obras em língua estrangeira.

Três ferramentas básicas são importantes: concordância bíblica (Chave Bíblica), dicionário grego ou hebraico-aramaico e dicionário bíblico.

A **concordância bíblica** é a melhor ferramenta do estudo de palavras. Não é possível exagerar a sua utilidade em qualquer fase do estudo das Escrituras. Devemos parafrasear as palavras de Jesus em Lucas 22.36 e dizer: “... e o que não tem concordância, venda o agasalho e compre uma”.

Em nosso estudo (TEXTO, CONTEXTO, PALAVRAS, IDÉIAS, PARÁFRASE), a concordância bíblica deve ser usada nos quatro primeiros passos. No estudo do TEXTO, a concordância pode contribuir para detectar construções gramaticais iguais ou semelhantes àquelas que encontramos em nosso texto.

No estudo do CONTEXTO, a concordância pode ajudar a localizar informações biográficas, geográficas, históricas e até teológicas de um autor em sua obra, bem como dos leitores, dos personagens envolvidos, etc.

No estudo das IDÉIAS, iremos notar que a concordância é muito útil para localizar referências que estão em nossa memória, e que são relativas ao assunto em estudo, mas que não lembramos exatamente onde se encontram.

Além deste uso mais primário, a concordância serve para fazer estudos abrangentes de idéias e doutrinas.

O uso da concordância que queremos enfatizar neste momento é a aplicação desta ferramenta ao estudo das palavras. A rainha no estudo de palavras deve ser a concordância e não os dicionários. Os dicionários ou léxicos (do grego, do hebraico-aramaico) mostram a palavra "na vitrine", enquanto a concordância permite apreciar a palavra "movimentando-se" no meio de textos e contextos, assumindo significados e conotações diferentes. A concordância sempre sugere situações ou ilustrações sobre o uso de um termo. A concordância ajuda a conferir se a idéia da raiz da palavra está ou não presente no uso comum que se fazia dessa palavra. Também é possível verificar a linha de separação de palavras supostamente sinônimas. Muitas vezes uma distinção de palavras em um único dicionário de sinônimos não resiste a um exame do uso dos termos, com o auxílio da concordância. Por outro lado, a concordância pode confirmar a diferenciação entre dois termos, reforçando, desta forma, a declaração feita em outras obras.

Uma das grandes vantagens do uso de concordâncias é o fato de podermos fazer um trabalho que não depende de opiniões e interpretações humanas. Um estudo bem feito esclarece o que a Bíblia diz sobre o assunto ou palavra. Em alguns casos, os dicionários e léxicos tornam-se tendenciosos, favorecendo a teologia do editor ou do grupo que ele representa. Por isto, um bom estudo com a ajuda da concordância é útil para impedir que sejamos influenciados pelo ponto de vista de um dicionarista, buscando no texto e no contexto a melhor definição e tradução do termo.

As concordâncias definem as palavras pelo seu uso. O bom lexicógrafo terá feito uso delas antes de escrever sua obra; e, portanto, cumpre ao estudante da Bíblia buscar as fontes mais primárias possíveis para a realização de seus estudos. Idealmente, o estudioso das Escrituras deveria consultar concordâncias que fossem construídas sobre línguas originais, ou seja, que fizessem distinção entre os vários termos originais (gregos ou hebraicos) subjacentes ao texto de tradução. A palavra “inferno”, por exemplo, é tradução de pelo menos três termos gregos no Novo Testamento: **HADES**, **GEENNA** e do verbo **TARTAROŌ**. O uso de uma concordância que indique as diferenças de palavras no original ajuda a evitar confusão. No caso da palavra “amor”, embora haja distinção de termos no original, nem sempre a distinção entre eles é tão importante ou até mesmo possível. Em português, a melhor concordância é a “Concordância Bíblica” da Sociedade Bíblica do Brasil. Todo estudante da Bíblia precisa ter este volume.

O uso da concordância precisa ser judicioso. Não devemos usar a concordância para impor o sentido mais freqüente de uma palavra a todos os outros contextos em que aparece. Cada citação merece análise e consideração à luz dos seus possíveis usos e, principalmente, à luz do contexto. Portanto, ao estudar uma palavra, devemos primeiro verificar o uso que o autor faz da mesma. Por exemplo, “conhecer” é um verbo muito importante nos escritos de João, e assume neles uma significação especial. É então importante ver o uso que um determinado autor faz do termo antes de iniciar o estudo em toda a concordância.

Depois de estudar o uso que o autor bíblico faz de um termo, é importante observar o que os escritores mais próximos ao seu pensamento e estilo fazem com a mesma palavra (comparar evangelhos com evangelhos, cartas com cartas, etc.). Depois disto, devemos ver o emprego do vocábulo dentro do testamento que corresponde ao texto, e finalmente ampliar o estudo, abrangendo toda a Bíblia. Dica: os autores do Novo Testamento foram muito influenciados pela linguagem dos Salmos, de Isaías, e de Jeremias. Portanto, na impossibilidade de ler todos os textos do Velho Testamento, ao estudar o Novo, pelo menos estes livros devem ser consultados.

É muito importante pesquisar também os termos cognatos e assemelhados ao que estamos analisando. Um estudo sobre “fé” deve abranger o verbo “crer” e palavras tais como “fidelidade”, “fiel”, “confiança” (e o verbo “confiar”).

Quando o estudo é feito na língua original, todos os termos da família devem ser examinados, mesmo que esse estudo somente venha a sedimentar a diferenciação dos termos no final. Em muitos casos, o significado da raiz da palavra ainda comanda todos os vocábulos dela derivados. Este ponto torna-se muito mais importante caso o estudo seja realizado em português. Os tradutores nem sempre usam a mesma palavra para traduzir um certo termo no original; mas, para melhorar a leitura, eles empregam muitas vezes sinônimos ou expressões equivalentes. Por isso, no momento de fazer o estudo das palavras é importante considerar termos sinônimos e expressões sinônimas. Muitas vezes a própria concordância já indica outros vocábulos que devem ser analisados e consultados.

Antes de terminar estes comentários sobre o uso da concordância, não seria demais advertir: "Você aprenderá mais pelo uso constante da concordância, do que pela consulta a muitos comentários" (do prefácio da Concordância do Novo Testamento de Alfred Schmoller).

A próxima ferramenta a ser consultada no estudo de palavras é o **léxico** ou o **dicionário grego-português** (ou o **hebraico/aramaico-português** no caso do Velho Testamento). Mesmo que o aluno não tenha conhecimento das línguas originais, deve fazer um esforço no sentido de descobrir qual a palavra original subjacente ao texto da tradução utilizada. O dicionário grego (ou hebraico) é mais próximo do sentido que o autor quis dar do que qualquer outro tipo de dicionário. Há casos em que o original grego ou hebraico equivale exatamente à tradução em português da palavra em questão. Mesmo nestes casos a consulta ao texto original e a um dicionário grego ou hebraico fornece ilustrações, entendimentos e até sentimentos que não seriam percebidos sem este trabalho. No Novo Testamento grego a palavra juízo é KRISIS. O sentido em grego é o mesmo do português, mas o grego sugere uma ilustração importante para o ensino sobre o juízo de Deus: é a "crise" final para a qual devemos estar preparados. Esta associação de termos KRISIS - "crise" não é tradução, nem possível significado do termo, mas é um destes lampejos mentais que a consulta ao dicionário grego oferece.

Consultar o texto grego e o dicionário (no caso do Novo Testamento) ao invés de usar somente uma tradução portuguesa é equivalente à diferença que existe entre assistir televisão em cores ou em preto e branco. Nos dois casos a imagem é a mesma, mas a percepção na TV colorida é maior. Há casos, no entanto, em que o dicionário grego dá uma definição para um termo que não coincide com o sentido normal deste termo em português.

O verbo “adorar” na língua portuguesa tem uma série de sentidos e usos que não coincidem com o significado deste termo nas línguas originais, nas quais os escritores inspirados procuraram se expressar. Nestes casos, é importante ficar com o significado aprendido do dicionário grego ou do léxico hebraico.

O ideal seria consultar vários dicionários das línguas originais. O alvo desta consulta a várias obras é o de permitir um confronto entre os livros, nos casos em que eles dão diferentes ênfases ao sentido de um vocábulo. Pode acontecer que haja discordância quanto ao sentido de um termo; neste caso, a consulta a vários dicionários nos livra de sermos influenciados pelo pensamento de uma única obra. Geralmente os lexicógrafos concordam entre si; mas, mesmo assim, a consulta a várias obras amplia a compreensão do termo em estudo. Devemos também levar em conta a qualidade e a atualidade da obra que estamos consultando. Há diferença de qualidade e de erudição entre obra e obra. Isto deve ser considerado antes de adquirir ou de consultar cada obra. Autores tendenciosos, favorecendo a sua confissão religiosa, ou autores descuidados e incompletos no tratamento dado ao assunto, devem ser usados com cautela.

A última ferramenta a ser utilizada no estudo das palavras é o **dicionário bíblico**. Nossa sugestão é que o estudante procure consultar o dicionário bíblico no fim do estudo das idéias. Desta forma ele estaria deixando a finalização do estudo das palavras para depois. O propósito desta sugestão é não permitir grande interferência de idéias prontas nos estudos que ainda serão realizados pelo estudante. Os dicionários bíblicos representam o estudo de um homem ou de um grupo de homens; e, portanto, podem estar contaminados por tradições ou dogmas humanos. Se o estudante deixar para consultá-los no final de todo o seu trabalho independente, poderá estar mais capacitado para distinguir entre o “joio e o trigo”. Por outro lado, o estudante da Escritura poderá verificar possíveis erros de sua parte e adicionar ao seu estudo informações que não estavam disponíveis, mas que são agora reveladas pelo dicionário. Quando consultamos o dicionário bíblico logo no início dos estudos, ficamos muito mais inclinados a não continuar pesquisando, ou ainda, seremos induzidos a ler as Escrituras com o significado que o dicionário já impõe.

Todo este cuidado em usar fontes primárias (texto bíblico e concordâncias) antes de usar fontes secundárias (dicionários e comentários) não é apenas fruto do capricho e desconfiança. Cremos que o estudo independente pode levar o estudante a ver coisas que os outros não viram no texto bíblico.

O uso de um dicionário ou de um comentário logo no início do estudo mata ou pelo menos restringe a liberdade e a criatividade do intérprete da Escritura. Não estamos querendo “re-inventar a roda”, mas cremos que nem tudo o que o texto inspirado diz, já foi dito por alguém. Nosso alvo não é desconsiderar os estudiosos da Bíblia do passado, mas aproveitá-los no fim de nosso próprio estudo.

O dicionário bíblico define e discute palavras no contexto bíblico. Deve ser uma obra muito mais confiável na definição dos termos do que um dicionário da língua portuguesa. Mesmo assim, é importante levar em conta os pressupostos religiosos, filosóficos e metodológicos dos autores e dos editores. O dicionário bíblico não é o “dono da verdade”. Deus é o dono de toda a verdade, e as Sagradas Escrituras revelam esta verdade. A Bíblia deve julgar o dicionário e não o dicionário a Bíblia. Isto reafirma a necessidade de bastante estudo antes de abrir um dicionário.

Devemos consultar vários dicionários bíblicos, se for possível. Há diferença de qualidade entre obra e obra. Portanto, aprendamos a distinguir e buscar os melhores. Assim como no caso dos léxicos, a consulta a vários dicionários permite ver discussões diferentes e até divergentes relativas a um tema. Há dicionários cuja ênfase principal são os aspectos históricos e geográficos da Bíblia. Outros, por sua vez, são dicionários teológicos onde a ênfase recai sobre o sentido doutrinário e espiritual de certos vocábulos. Há também obras que procuram fazer um pouco de cada uma destas coisas. Aprendamos a usar todos, reconhecendo as diferentes abordagens e alvos de cada um.

A consulta ao dicionário bíblico finaliza o estudo das palavras e abre espaço para mais pesquisa no estudo das idéias, pois no fim de um verbete pode haver indicação de outros vocábulos que devem ser consultados para completar o estudo.

Finalização do estudo das palavras.

Depois de trabalhar com todas as ferramentas acima mencionadas, o significado da palavra bíblica em foco deve ter ficado esclarecido. Surge uma riqueza de informações, ilustrações e de compreensão do termo estudado que precisa ser então pesada, avaliada e aplicada ao contexto e ao texto em questão.

No caso de haver mais de um significado possível para o termo, é necessário observar qual é o mais adequado ao contexto, e usar o termo nessa conformidade. Como regra geral, é melhor usar somente um sentido

da palavra no entendimento de um texto. Se a palavra pode ter vários significados, devemos buscar qual deles estava na mente do autor ao escrever. Por exemplo: a palavra grega PISTIS pode ser traduzida como “fé” ou como “fidelidade”. O sentido vai depender do contexto. Em Gálatas 5.22 a idéia de fidelidade parece mais adequada. Já em Romanos 1.16-17 ou Gálatas 3.2,5 o melhor significado é fé. Cada contexto deve governar o sentido dos vocábulos nele contidos.

Isto não impede que num mesmo contexto as palavras mudem de sentido, como em Lucas 9.60. Neste caso a palavra “mortos” é usada em dois sentidos, primeiramente em um sentido figurado e depois em um sentido literal. Estas situações não são a regra, mas a exceção. Estas mudanças precisam estar sinalizadas ou ser necessárias ao texto para que possamos dizer que estão realmente ocorrendo.

A regra geral é cada palavra ter apenas um significado no contexto em que ocorre. Quando, porém, os vários significados da mesma se agrupam de forma a dar à palavra um sentido mais amplo, isto não contradiz a regra acima. É o caso da expressão “Paz seja convosco” João 20.21. O sentido de “paz” é sem dúvida o mais amplo possível: paz com Deus, paz com os irmãos, paz interior, progresso espiritual e em todos os sentidos. Este é um exemplo de um termo usado em sentido amplo. Já em Efésios 2.14,15,17 o sentido de “paz” é bem mais específico. É importante notar, mais uma vez, que o sentido mais estrito ou mais amplo da palavra é regido pelo contexto.

A tendência de usar todos os sentidos para dar todas as lições possíveis do texto deve ser evitada. O texto não foi escrito para significar quatro ou cinco coisas, mas foi escrito para ter um só sentido. Podemos discutir os possíveis significados, mas devemos optar pelo mais compatível com o contexto, o modo como o autor usa o termo. Caso não saibamos qual o sentido da palavra em um texto, em função de haver duas ou mais opções possíveis, o que nos resta é aprofundar o estudo, até achar o melhor significado. Se mesmo assim o dilema permanecer, devemos ensinar o texto mostrando todos os melhores significados do termo possíveis. Nunca devemos afirmar que o texto significa determinadas coisas, mas sim que nos foi impossível descobrir qual o melhor modo de ler e entender o vocábulo. O texto tem um sentido só, quer nós o encontremos ou não.

Que palavras escolher para estudar?

O perfeccionista diria que devemos estudar todas as palavras do texto no qual realizamos nossa exegese. Ninguém pode negar que isto seja muito

bom, mas nem sempre é possível. Seria injusto dizer que as palavras “não” e “evangelho” que ocorrem em Romanos 1.16, mereçam a mesma atenção e dispêndio de tempo no estudo; o conceito de “evangelho” é um dos mais importantes de toda a Bíblia. Por limitação de tempo, ou para melhor focalizar nossos esforços, devemos optar por estudar profundamente algumas palavras do texto bíblico e não gastar tanto tempo assim com outras. Nesta parte de nossos estudos oferecemos sugestões sobre as palavras que devem ser escolhidas para um estudo de palavras.

1. **Palavras doutrinárias ou teologicamente importantes.** Há palavras que encerram um vasto conteúdo ou implicação doutrinária e, portanto, merecem toda a nossa atenção. A palavra “resgate” em 1 Timóteo 2.6 é importante para compreender a natureza da obra salvadora de Jesus; uma palavra de grande implicação doutrinária ou teológica. Termos como “justificação”, “graça”, “perdão”, “comunhão”, “adorar” e “salvação” sempre merecem estudo e consideração. Não basta supor que o assunto já é conhecido e passar adiante. O bom estudante dá valor aos termos que exprimem grandes pensamentos da revelação da palavra de Deus.

2. **Palavras eticamente importantes.** “Porfias” são condenadas na carta aos Gálatas. É importante saber o que são “porfias” para não incorrer nelas. “No zelo não sejais remissos” é um mandamento para nós (Rm 12.11). As palavras “zelo” e “remissos” merecem atenção. Jesus ordenou que amássemos uns aos outros; o verbo amar é eticamente importante e merece estudo especial. Se temos que obedecer, é preciso primeiro entender.

3. **Palavras difíceis de entender.** Podem ser tanto palavras como expressões inteiras que nos obrigam a estudar e descobrir mais sobre o que elas significam. Já mencionamos anteriormente o fato do português de muitas de nossas versões bíblicas ser erudito e nobre: isto contribui para a existência de um bom número de palavras que não vamos entender. Devemos, porém, lembrar de estudar todo tipo de termo-chave, mesmo que ele não nos pareça difícil: nossa tarefa não é apenas sanar dúvidas, mas também procurar mais esclarecimento, até mesmo sobre temas que já julgamos conhecer. O termo “evangelho” pode ser considerado fácil de entender por

* (Idéias de Walter L. Liefeld em “Exposição do Novo Testamento”, Edições Vida Nova - São Paulo).

alguns, mas deve ser estudado e só depois deste estudo teremos condições de ver tudo o que esta palavra encerra.

4. Palavras-chave do texto ou do livro em estudo. Na epístola aos Efésios a palavra “corpo” é um dos temas mais importantes da carta. Mesmo que o intérprete suponha saber o que Paulo quer dizer com o termo, é bom que ele estude o tema nesta carta e em outras, para notar a riqueza deste conceito e como ele é usado diferentemente em outras cartas. O tema da “alegria” cristã é tão constante na carta aos Filipenses que todas as palavras paralelas e correlatas merecem consideração e sistematização. Da mesma forma, o significado de “profetizar” é importantíssimo para a compreensão de Coríntios 14; esta é uma palavra-chave no texto.

5. Palavras dependentes da forma literária. O “fogo” e o “verme” mencionados em Marcos 9.48 são evidentemente figurados. Um estudo do uso destes vocábulos, buscando inclusive a razão deste uso, é altamente instrutivo a fim de captar a metáfora de Jesus para descrever o inferno. O sentido literal de certas palavras é completamente modificado em textos bíblicos onde a linguagem é figurada. No livro de Apocalipse, cores, números, animais, minerais e pessoas são usados de forma figurada, merecendo especial atenção. Nestes casos, aceitar literalmente as descrições conduz ao absurdo e a mensagem não pode ser entendida. As palavras que devem ser tomadas como figuradas são indicadas como tais pelo contexto e não pelo desejo arbitrário do intérprete de defender seus pontos de vista.

6. Palavras dependentes de condicionamentos culturais. “Bater no peito” que é mencionado algumas vezes na Escritura (Lc 18.13; 23.48) é um costume oriental que precisa ser bem entendido por nós, intérpretes ocidentais. O mesmo se aplica às palavras e expressões: rasgar as vestes, vestir-se de pano de saco, lavar as mãos ou os pés, ungir com óleo, usar véu, comer junto com alguém (que nos parece uma atitude tão sem significado), bater na face direita, etc. Um exemplo comum de interpretação errada de um vocábulo, por não levar em conta o seu significado na cultura dos escritores bíblicos, é o termo “sal”. Entre nós, o sal é usado principalmente para dar sabor; mas, para o povo do primeiro século, ele era utilizado quase sempre como conservante de alimentos. Ser o “sal da terra” não é apenas “dar sentido ao mundo” mas acima de tudo “conservar este mundo, impedindo sua completa corrupção”. Este segundo sentido se conforma muito mais à cultura dos palestinos do primeiro século do que o outro. Um estudo destas palavras condicionadas pela cultura dos povos ligados à história bíblica será importante para entender a mensagem segundo a intenção do autor.

7. Palavras que podem ser melhor compreendidas. Queremos incluir nesse item aquelas palavras que seria bom estudar mais, caso seja possível. Elas se encaixam, a princípio, em qualquer das categorias acima, mas devemos lembrar que o estudo não deve ser feito apenas quando percebemos que haverá um benefício específico no final. O estudo bíblico torna-se produtivo quando abandona a ditadura do pragmatismo, que diz sempre o que vou descobrir se estudar determinado assunto. De vez em quando é bom estudar por estudar; são exatamente nestas situações que surgem lições e pensamentos que de outra forma nunca seriam descobertos. Mesmo assim, pode ser que alguma parte do estudo feito sem muita razão, acabe não produzindo qualquer resultado interessante. Nestes casos, valeram a disciplina e o exercício. Pense, porém, que o garimpeiro nunca sabe qual de suas enxadadas irá atingir o filão de ouro que pode estar ali.

8. Tudo que o tempo permitir. Isto é muito parecido com o que foi dito anteriormente. Trata-se, porém, de um incentivo para arranjar tempo para estudar as palavras do texto bíblico. Quanto mais pudermos estudar, melhor será a nossa compreensão e melhor será a nossa exposição posterior daquilo que estudamos. Tudo o que não usarmos hoje poderá ser útil amanhã. Por outro lado, se deixarmos de estudar algo quando temos oportunidade, pode ser que esta nos falte no futuro. O bom é fazer o estudo, enquanto estamos com "a mão na massa".

Sumário

O estudo de palavras nas Escrituras é, sem sombra de dúvida, um dos estudos mais gratificantes para os que têm fé em Cristo. É possível perceber o impacto da intervenção de Deus na história da humanidade, pelo modo como as palavras faladas pelos homens de Deus atingem dimensões e significados jamais concebidos pelo ser humano. O fato de Jesus ser chamado de Palavra (Verbo) já mostra a importância delas no plano de Deus. Estudemos com afinco a palavra escrita para podermos seguir Jesus, a Palavra (Verbo) revelada, e sermos assim o povo da palavra de Deus.

Uma vez realizado o estudo das palavras, mediante o uso constante e exaustivo da concordância bíblica, estaremos preparados para o estudo das idéias; que, em muitos casos, é uma consequência natural do estudo das palavras.

8

AS IDÉIAS

“No princípio era a idéia...” seria o começo apropriado de um livro sobre a história da comunicação escrita. As mais antigas formas de escrita, chamadas de “escrita pictográfica”, utilizavam sinais e pequenas figuras que representavam as idéias que se queria transmitir. Cada símbolo representava uma idéia inteira, ou até mesmo toda uma frase. Este modo de grafar foi abandonado com o advento do “alfabeto”. Algumas línguas atuais, como o chinês e o japonês, ainda contêm um pouco desta escrita “ideográfica”.

Mesmo com toda esta transformação pela qual passou a escrita, no início do processo de escrever sempre há uma idéia: as idéias do escritor. A escrita é um código de sinais cujo propósito é transmitir, criar ou sugerir idéias conforme o objetivo do escritor. No estudo das idéias que iniciamos agora, iremos fazer o trajeto de “retorno”: viajaremos do texto e das palavras para o porto das idéias que está por trás deles.

Definição.

O estudo das idéias baseia-se no fato das palavras e frases serem o veículo de transmissão de idéias dos escritores da Bíblia. Idéias são assuntos, temas, doutrinas, expressões, ilustrações, referências, etc., que ocorrem no texto em estudo. O estudo das idéias procura explicar e desenvolver a compreensão das idéias tratadas no texto; busca o pensamento que originou o texto e os pensamentos que este provocou nos leitores.

A importância do estudo das idéias.

O estudo das idéias é consequência natural do estudo bíblico. Nele chegamos ao coração da mensagem divina. Em certo sentido, é somente nesta parte de nosso estudo que começamos a tocar na grandeza da revelação celestial que a Bíblia abriga. O vento do Espírito sopra sobre o estudante

e o conduz a descobertas cuja profundidade e grandeza jamais seriam imaginadas pela mente humana. Nos próximos parágrafos iremos citar alguns motivos para o estudo das idéias.

1. Deixar a Bíblia interpretar a Bíblia. Este é um dos principais motivos para se fazer o estudo das idéias conforme a técnica que iremos sugerir. A pressuposição básica deste método de estudo é a inspiração das Escrituras. Um dos resultados desta inspiração pode ser compreendido pela frase de Jesus: "... a Escritura não pode falhar" (Jo 10.35). Outro resultado é o de unidade e harmonia entre os autores e seus escritores. "Havendo Deus, outrora, falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias nos falou pelo Filho..." (Hb 1.1-2), estes versículos tratam da diversidade de autores humanos, épocas, circunstâncias históricas e espirituais, e até mesmo da diferença entre a revelação dos profetas e a revelação do Filho de Deus. Em tudo isto, porém, transparece unidade e harmonia. Toda a Escritura contribui para a consumação do plano de Deus em Cristo, mesmo aqueles textos e livros que não contêm uma referência imediata a Jesus. Há unidade de propósito na Bíblia.

São estes fatores decorrentes da inspiração da Bíblia que nos permitem usar a Escritura para interpretar, ilustrar, equilibrar, contrastar e até desenvolver a Escritura. Um texto explica outro, um fato é entendido à luz de outro, um discurso é cumprido pela vida de algum personagem, etc. A unidade e harmonia da Bíblia serão melhor observadas através do estudo das idéias do que em qualquer outra forma de estudo. Mesmo quando os autores apresentam diferentes ênfases sobre um mesmo assunto, é possível notar uma unidade nos aspectos básicos da questão.

Ao invés de interpretar um texto à luz de um pensamento religioso moderno, o estudo das idéias faz com que interpretemos o texto conforme o pensamento de homens inspirados por Deus.

Podemos observar que esta técnica de usar a Escritura para explicar a Escritura não é nova. Os escritores do Novo Testamento muitas vezes apelam ao Velho para explicar uma verdade de revelação cristã. Paulo usa o caso de Abraão em Romanos 4 para expor a justificação pela fé. O autor de Hebreus lança mão de várias idéias da religião de Israel para mostrar o "maior e melhor" caminho que é o cristianismo. Em casos como estes, os autores nos convidam ao estudo de suas idéias e das relações destas com os textos veterotestamentários utilizados como base de raciocínio.

A Escritura também interpreta a Escritura nos chamados “textos paralelos”. Um exemplo disto seria o estudo do relacionamento senhor-escravo em 1 Timóteo 6.1-2. Há uma série de “textos paralelos” ao mesmo no Novo Testamento: Efésios 6.5-9, Colossenses 3.22-4.1 e Tito 2.9-10. Todos estes trechos mencionados tratam do assunto em foco. O propósito de consultar e comparar estes textos não deve ser o de ler o texto de 1 Timóteo à luz dos outros, mas, sim, pela comparação com os outros, entender a mensagem específica contida nele. Seja ela igual ou não à mensagem dos demais. O estudo das idéias não deve ser usado para descaracterizar a mensagem de um escritor, fazendo-o conformar-se com outros. A comparação deve ajudar a ver a mensagem específica de cada texto em seu contexto. Tomando estes cuidados, teremos a grata surpresa de ver também a unidade e harmonia dos escritores bíblicos em torno do assunto estudado.

Muitos dos preceitos morais que a Bíblia aponta são enriquecidos em sua definição e aplicação pelo estudo das idéias. O mandamento de amar a Deus em Marcos 12.30 fica mais claro e prático quando, pelo estudo das idéias, observamos todo tipo de aplicação e implicação do ato de amar. Um estudo da idéia de “amar a Deus”, tanto no Velho como no Novo Testamento, dissipa quaisquer conceitos românticos e inadequados sobre o amor de Deus. Neste caso alguém poderá confundir o estudo das idéias com o estudo das palavras. A confusão é apenas aparente: a ênfase do estudo das idéias é mais abrangente do que no estudo de palavras; também a diferença de metodologia trará seus dividendos.

2. **Dar flexibilidade ao estudo bíblico** é a segunda razão da importância do estudo das idéias. Ao estudar uma idéia, ao invés de uma palavra apenas, podemos abranger melhor o escopo do que o escritor diz. O estudo das idéias é feito depois do estudo das palavras e tem o alvo de ser mais abrangente do que aquele. Muitas vezes o pensamento de um autor está centralizado em uma idéia e não no vocabulário. O estudo das idéias resulta em flexibilidade, permitindo a pesquisa de um tema sugerido pelo texto, embora as próprias palavras do texto não enunciem claramente o mesmo.

É o caso de Lucas 7.15 que narra a ressurreição do filho da viúva de Naim. Pelo estudo das idéias podemos observar o paralelo entre este milagre e os narrados em 1 Reis 17.23 e 2 Reis 4.36. Também o termo “ressurreição”, que não aparece em nossas versões, deve ser analisado como parte do estudo das idéias. A palavra ressurreição descreve a idéia do que ocorreu e, embora não apareça nas versões em português, é uma idéia principal do texto. O

estudo das idéias permite trabalhar estes temas que estão presentes no texto, embora não confinados a uma palavra dele.

Outro exemplo é o enforcamento de Judas descrito em Mateus 27.5. Pelo estudo das idéias notamos que Aitofel também enforcou-se (2 Sm 17.23), fornecendo um triste paralelo ao texto que menciona a ação de Judas. Esta ilustração, contraste ou aplicação de texto com texto fornece ao pregador, professor e estudante, uma série de informações para ajudá-los a entender e explicar o texto.

A flexibilidade oriunda do estudo das idéias não deve ser usada para deturpar as Escrituras. O alvo do estudo das idéias é ficar com a verdade que o texto ensina e encontrar outros locais onde a mesma idéia pode ser ilustrada, explicada, etc.

O estudo das idéias permite perceber os vínculos existentes entre várias declarações cujo vocabulário difere sensivelmente. O estudo das idéias descobre a ligação que existe entre “nascer de novo” e “nascer da água e do Espírito” (Jo 3.3,5) com o batismo (At 2.38); com o “lavar regenerador e renovador do Espírito Santo” (Tt 3.5); e finalmente com o “converter-se e tornar-se como criança” (Mt 18.4). Não há muitos vocábulos comuns entre estes temas, mas uma nítida e forte ligação das idéias: os vários escritores estavam falando da mesma idéia básica, mas expressa de várias maneiras.

O vocabulário dos escritores do Novo Testamento, por exemplo, não é uniforme na descrição do inferno eterno. Os evangelhos sinópticos usam o termo GEENNA. Este termo não é usado em nenhum outro lugar do Novo Testamento, exceto em Tiago 3.6. Apesar disto, seria precipitado concluir que os outros escritos do Novo Testamento nada tenham a dizer sobre o assunto. Cada autor, a seu modo, fala da mesma idéia. 2 Tessalonicenses 1.8 tem sido chamado de a melhor definição do inferno no Novo Testamento. João usa termos como “morte”, “permanecer sob a ira de Deus”, “juízo ou condenação”. Paulo fala da “morte”, “condenação”, “ser anátema”, etc. No estudo das idéias é possível perseguir em um autor uma idéia encontrada em outro que usa um vocabulário diferente.

Outro caso semelhante é o da advertência joanina contra “ultrapassar a doutrina de Cristo” (2 Jo 9). Ela é muito parecida com a advertência de Paulo sobre “um evangelho que vai além” do verdadeiro (Gl 1.8-9). Tudo é diferente de um texto para o outro; o contexto histórico, as heresias combatidas, os leitores, etc. Apesar disto, o espírito do conselho é o mesmo:

“não aceitar ensino falso”. A mesma idéia básica emerge de textos e autores diferentes.

O estudo de sinônimos, antônimos e das expressões correlatas, relativas ao assunto revelado no texto é obrigatório para o estudante da Bíblia. As traduções de boa qualidade são aquelas que transmitem com exatidão as idéias originais do escritor, e não aquelas que procuram ser “fiéis” traduzindo “palavra por palavra”. Por isso, no estudo das idéias, devemos procurar entender a mensagem dos escritores, a qual pode ser transmitida de vários modos, através de várias expressões. Em vez de nos apegarmos a uma única forma de expressão de um assunto, devemos então buscar todas as formas nas quais ele é expresso.

3. Dar importância aos conceitos centrais do texto é a razão de estudar as idéias. Nem sempre uma palavra que ocorre num texto é a chave que resume o ponto central ali tratado. Muitas vezes a idéia principal é descrita por um vocábulo que não está no texto. Por exemplo: a oferta de Barnabé em Atos 4.36-37 evoca temas como o da oferta a Deus, a idéia de “deixar tudo” para seguir o Jesus dos Evangelhos, a idéia do tesouro nos céus (Lc 12.31-34), etc. Veja que nenhum destes termos aparece literalmente no texto de Atos 4, mas a idéia está ali. Isso também ocorre no caso da parábola do amigo importuno (Lc 11.5-8). O contexto mostra claramente que o assunto é oração. Qual a lição da parábola? Poderíamos dizer que uma delas é “perseverança na oração”. Esta idéia é encontrada em outros textos e deve ser estudada para ajudar na compreensão deste tema. Nota-se que a palavra “perseverança” não ocorre no texto nem no contexto, mas é uma idéia presente e importante para entender a parábola.

Todo estudioso corre o risco de “olhar tanto para a árvore que acaba esquecendo de notar toda a floresta”. É possível ficar com a mente fixa em um vocabulário ou em uma única idéia e esquecer de abrir os olhos para ver que há muito mais no trecho bíblico em estudo. No estudo das idéias temos uma boa oportunidade para refletir: qual a idéia central do texto? Quais são as outras idéias igualmente importantes? Que temas são tratados incidentalmente no trecho? Estas perguntas nos levam a buscar e pesquisar, para descobrir qual a mensagem principal do texto, sem olvidar outros temas coadjuvantes. Se o estudo enveredar para um assunto que não é a lição principal do texto, o exegeta deve ter consciência deste fato e não distorcer a mensagem original do autor inspirado.

O estudo das idéias não deve ser usado para transformar em uma mensagem principal uma idéia secundária ou incidental da passagem bíblica. O texto de Romanos 1.18-32 tem como idéia principal a degradação dos homens no pecado e a condenação divina dos mesmos. A condenação da homossexualidade é um assunto presente no texto, e merece um bom estudo; é contudo, um tema secundário. No estudo das idéias devemos aprender a focalizar o principal sem deixar de estudar temas menores presentes: tudo isto sem mudar a tônica do autor original.

4. Perceber a interligação dos temas bíblicos é a quarta razão para o estudo das idéias. Os diferentes contextos em que uma idéia ocorre podem mostrar como um mesmo tema tem diversas ligações. Cada contexto confere a uma mesma doutrina ou ensino uma conotação diferente, ou uma nova aplicação. A doutrina bíblica do batismo pode ser usada como exemplo. O batismo é utilizado como argumento para a santificação do cristão em Romanos 6; em 1 Coríntios 12.13 é usado como base da unidade orgânica e espiritual da igreja, num contexto que fala dos dons espirituais; o seu aspecto salvífico é mencionado em 1 Pedro 3.21 em paralelo com a salvação de Noé e sua família; o batismo também é utilizado como base para aniquilar as distinções entre os seres humanos em Gálatas 3.27 (todos um com Cristo pelo batismo). Veja como um único assunto tem inúmeras implicações e ligações com outros temas.

No estudo das idéias temos a oportunidade de verificar que os temas da Bíblia são interligados. Se entendermos um, progredimos na compreensão de outros. Se deturpamos um, deturparemos outros.

As narrativas estão cheias de ensinamentos morais e espirituais. Que grande advertência é para todos nós a leitura de 2 Samuel 11, que narra o pecado de Davi com Bate-Seba! A ociosidade de Davi, a falta de pudor de uma mulher, a falta de pessoal fiel entre os servos de Davi, que não o repreenderam quando mandou chamar a mulher, são lições marcantes. Quantas lições dadas em uma simples narrativa! E há muito mais. A descrição de José em Gênesis 39 também ajuda a definir o que é um jovem puro. Essa história bem pode ser a explicação da "pureza" que Paulo pede de Timóteo em 1 Timóteo 5.2. Devemos tomar cuidado para não ver demais nas narrativas, mas também não devemos desprezá-las. As narrativas não são mandamentos, mas mostram a obediência ou desobediência aos mandamentos.

As biografias tornam-se "definições" de atitudes e de virtudes. Barnabé já era reconhecido na igreja de Jerusalém como alguém que tinha o dom

de exortar (At 4.36 e Rm 12.8). Jó torna-se exemplo de paciência (Tg 5.11). Acabe é o paradigma do homem fraco, controlado por outros. O Senhor Jesus Cristo é o exemplo supremo de tudo o que é bom e digno de imitação: como discípulos somos chamados a aprender dele e imitá-lo.

As doutrinas e ensinamentos bíblicos não podem ser isolados uns dos outros. A compreensão de um tema envolve pesquisa e aprendizado em outros. Quem estudar a tarefa dos bispos nas cartas pastorais, se fizer um bom estudo, vai ter que consultar os evangelhos e o ensino de Jesus sobre o serviço. Quando estiver nesta parte do estudo vai verificar que Jesus é o modelo de serviço, especialmente pela sua morte na cruz. Verá finalmente que a tarefa dos pastores (bispos, ou presbíteros) tem ligação com o sacrifício de Cristo na cruz. Esse é só um exemplo da grande interligação e interpenetração dos temas da Palavra de Deus.

5. Trabalhar as pressuposições teológicas dos escritores inspirados é outro motivo do estudo das idéias. Pressuposições teológicas de um autor são as coisas nas quais ele crê e que supõe serem aceitas e conhecidas pelos leitores de sua obra. É o caso das alusões a Deus no livro de Gálatas. Nesta epístola, Paulo não pretende provar a existência de Deus, e nem procura defini-lo metafisicamente. Não obstante, Paulo cita cerca de 30 vezes a palavra Deus, e faz muitas alusões a ele. O ensino sobre Deus que se pode tirar da carta não faz parte do ensino primário da obra, mas sim das pressuposições teológicas do autor. O objetivo da carta era o de combater um erro doutrinário e não o de instruir sobre a natureza de Deus. Mesmo assim, a pesquisa deste tema nesta carta e em outras é útil: ela fala sobre a fé que este apóstolo tinha e que deve ser também a nossa fé.

Nesta pesquisa de “pressupostos” dos escritores bíblicos, vários cuidados precisam ser tomados. O primeiro é lembrar que a informação reunida não é completa. As alusões são ocasionais e não devem ser encaradas como um todo sistemático que represente o pensamento do escritor. O ensino obtido é verdadeiro; mas, necessariamente, incompleto.

Também é importante tomar cuidado para não “ser imaginoso demais”, vendo no texto o que não existe; ou ainda, vendo nele o reflexo de nossas próprias pressuposições. Temos que levar em conta os textos bíblicos, seu contexto e os outros dados escriturísticos; estes dados não podem ser “atropelados” para que vença o nosso modo de ver o texto. Impor ao texto conceitos que lhe são estranhos é algo imperdoável para quem quer realmente entender o que o texto diz. Tentar fazer de Paulo um “calvinista”,

ou de João um “pré-milenista”, ou de Lucas um “pentecostal” é colocar o texto em uma “prensa” ou em uma “camisa de força”. Devemos trabalhar com cuidado, humildade e simplicidade, buscando o que é possível tirar do texto sem impor nada a ele.

Tomando estes cuidados podemos reunir, pelo estudo das idéias, um tesouro de fé e conhecimento espalhado em meio a tantos ensinamentos diretos. Desta forma iremos aprender não apenas o que o autor inspirado queria revelar, mas também o que ele julgava já conhecido e divulgado.

Ao assumir as pressuposições teológicas dos escritores bíblicos, não somos obrigados a aceitar suas pressuposições metodológicas. O raciocínio deles pode ser diferente do nosso e, neste caso, não é necessário assumir este aspecto cultural da vida do escritor. Por exemplo: em Gálatas 4.21-31 Paulo usa uma alegoria para provar que os seus ouvintes não estão sujeitos à lei mosaica. Este texto não nos autoriza alegorizar a Bíblia inteira. Devemos entender a alegoria de Paulo dentro do contexto histórico da epístola e também dentro dos pressupostos metodológicos aceitos por Paulo e, principalmente, pelos seus opositores. Paulo usou uma alegoria para aqueles que aceitavam alegorias: o método era aceito no tempo de Paulo. O método estava condicionado ao momento histórico, tanto quanto o uso da língua grega era adequado à comunicação naquela época. Insistir no uso de alegorias hoje, por terem sido usadas por Paulo, é o mesmo que tentar pregar em grego, por ser esse o idioma daquele tempo.

É importante entender e seguir o raciocínio dos escritores bíblicos. Não é, contudo, obrigatório raciocinar como eles.

6. Sistematizar o ensino bíblico sobre um assunto. O estudo das idéias nos permitirá colher este fruto. Toda sistematização de idéias deve ser encarada como provisória e parcial, quando estamos falando da Bíblia. Cada vez aprendemos mais, e nossos estudos não conseguem exaurir o tesouro insondável da revelação divina. Por outro lado, o estudo das idéias permite a sistematização de algumas conclusões de ensinamentos bíblicos. Teremos condições de entender o que a Bíblia diz sobre determinado assunto e também de apreciar qual a contribuição de nosso texto (em estudo) para o quadro global do ensino.

O estudo das idéias é a base de uma boa “teologia bíblica”. O estudo das idéias parte do texto, baseia-se no contexto e no sentido das palavras. Não é oriundo de categorias filosóficas “empurradas” para o texto, como no caso de muitas teologias sistemáticas e dogmáticas. O estudo das idéias pro-

cura abrir a visão do intérprete para que veja com amplitude os ensinamentos citados no texto.

7. Verificar a verdade das nossas conclusões sobre o texto é provavelmente a função mais importante do estudo das idéias. Qualquer conclusão que não concorde com o ensino claro do resto da Bíblia precisa ser reestudada. Grandes “novidades” ou “descobertas” ou verdades que “mais ninguém viu”, normalmente são descartadas ou reformuladas à luz de outras passagens. Por exemplo, a suposta liberdade para praticar qualquer coisa (inclusive pecados) com a única condição de fazê-la “de todo o coração” (Cl 3.23) é corrigida rapidamente com referências às muitas proibições de pecar na Bíblia (além, é claro, do próprio contexto do versículo).

Como fazer o estudo das idéias.

Uma vez apercebidos do valor do estudo das idéias, observemos a metodologia sugerida para a realização deste estudo. O princípio orientador desta etapa de trabalho é o mesmo sugerido para todas as etapas anteriores: consultar primeiro as fontes primárias (textos originais, versões bíblicas de boa qualidade, concordâncias bíblicas) e depois as obras ou fontes secundárias (léxicos, dicionários, comentários e monografias).

Podemos dividir o estudo das idéias em duas partes básicas. Na primeira, o trabalho será colecionar e correlacionar as referências bíblicas ligadas com a idéia que estamos tratando. Na segunda etapa iremos consultar obras de referência, onde todo tipo de referência bíblica, histórica ou moderna irá aparecer. Portanto, é necessário trabalhar bastante na primeira etapa antes de passar para a segunda. Teremos uma forte “tentação” de ir logo para o dicionário ou para o comentário, depois de trabalhar um pouco por conta própria: é preciso resistir a essa tentação. Para estudar a Bíblia com seriedade é necessário pensar, antes de “ser conduzido” por outros. É necessário que o estudante da Bíblia faça sua própria busca de referências bíblicas e trabalhe com elas, que procure entender a idéia (ou idéias) do texto sozinho, e que só depois de ter algumas respostas (e também algumas perguntas) vá aos dicionários, comentários e outras fontes secundárias.

A sequência proposta é dividida em quatro partes: 1) Busca de referências bíblicas e estudo das referências em relação ao texto em estudo; 2) Consulta de dicionários bíblicos; 3) Consulta de comentários bíblicos; 4) Consulta de monografias e artigos.

1. Busca de referências bíblicas. O alvo deste passo é encontrar outros textos bíblicos semelhantes ou explanadores do assunto em estudo. Devemos

perguntar: “Que outros versículos bíblicos tratam deste mesmo assunto que estou estudando?” Uma vez feita a pergunta, o estudante deve procurar e estudar todas as referências bíblicas que lhe sejam úteis e relacionadas com o texto que ele quer estudar.

Como encontrar estes outros trechos bíblicos para fazer o estudo das idéias? Vamos sugerir pelo menos quatro modos de encontrar referências bíblicas para o estudo das idéias. Queremos ir também mostrando como fazer este tipo de estudo e que ferramentas utilizar para realizá-lo.

A primeira fonte de referências bíblicas para o estudo das idéias é a **memória** do estudante da Bíblia. Ou seja, devemos procurar lembrar outros textos escriturísticos que falam do mesmo assunto que estamos estudando. Por exemplo: se estivermos estudando Colossenses 4.2, que fala de perseverar na oração, nossa mente pode lembrar que Jesus contou uma parábola (de fato duas) sobre o dever de orar sempre sem esmorecer em Lucas 18.1-8. Esta referência vem da memória do estudante, mas está estritamente relacionada com o assunto do versículo de Colossenses em estudo. Cabe agora ao estudante o escrutínio cuidadoso de Lucas 18.1-8 para entender sua contribuição para o entendimento de Colossenses 4.2.

À primeira vista este recurso pode parecer um pouco difícil, especialmente para o principiante. É bom lembrar que ele vai desenvolver-se e aprimorar-se durante anos de leitura bíblica, estudo, e, principalmente, de ensino da Palavra de Deus. Cada aula bíblica que assistimos e cada sermão que ouvimos será uma fonte de referências bíblicas para o estudo das idéias. Portanto, o melhor memorizador de textos bíblicos para o estudo das idéias será a pessoa cujo “prazer está na lei do Senhor, e na sua lei medita de dia e de noite”.

Existe sempre o risco de associarmos textos que não têm relação nenhuma. A memória associa coisas que nem sempre guardam entre si uma verdadeira ligação. Como evitar isto? Pelo estudo do contexto de cada referência que a memória nos indicar. Vamos dar um exemplo de como isto funciona. Ao estudar Mateus 3.11 que fala de “batizar com Espírito Santo e com fogo”, a memória do estudante é induzida a pensar que o cumprimento desta profecia está em Atos 2.1-4, pois neste trecho temos os dois elementos: Espírito Santo e fogo. Mas o estudante está errado! Sua memória fez uma associação errada! Por que? Porque a referência a fogo no contexto de Mateus 3.11, refere-se ao fogo da condenação; ou seja, fala do fogo do inferno. O fogo de Atos 2.1-4 não é o fogo da condenação; logo, não pode

estar diretamente relacionado com o fogo de Mateus 3.11. Portanto, o estudo do contexto de cada passagem irá ajudar a perceber se a referência bíblica recomendada pela memória é pertinente ou não.

Usar sempre todos os textos bíblicos em seu contexto é essencial. Esta regra tão importante para o estudo bíblico nunca deve ser abandonada no estudo das referências bíblicas trazidas para elucidar o texto, no estudo das idéias.

Usar a memória no estudo das idéias pode gerar alguns dos estudos mais originais e criativos de que se tem notícia, incentivando o estudante a meditar e refletir sobre a Palavra de Deus e produzindo todo tipo de bons frutos para a vida espiritual dele. É trabalho independente, que garante, em muitos casos, a honestidade dos resultados obtidos. Finalmente, será também um trabalho compensador, pois o estudante vai notar que os textos que ele colecionou mediante a sua memória, também serão sugeridos por outras ferramentas de estudo e por outros estudiosos da Sagrada Escritura. Nisto ele verá a confirmação de seus esforços e a autenticação de suas conclusões.

A segunda fonte de referências bíblicas para o estudo das idéias é a **concordância bíblica**. Já mencionamos anteriormente os usos diversos e importantes da concordância bíblica. Nesta fase do estudo, o estudo das palavras já foi realizado, mas a concordância ainda será útil. O texto de Colossenses 3.5-11 fala de uma completa mudança de comportamento depois da conversão. Portanto, o estudo de idéias como arrependimento ou conversão trará mais luz sobre o texto. Veja que estas duas palavras não ocorrem no trecho mencionado, mas a idéia delas está presente. Assim, neste caso, usaríamos a concordância bíblica para pesquisar as idéias de arrependimento e conversão e confirmaríamos (ou não) a hipótese de que o texto em estudo fala destes conceitos. O mesmo texto pode sugerir o estudo de temas tais como santidade de vida e transformação. Em todos estes casos, a concordância bíblica será a ferramenta essencial da pesquisa.

O exemplo mencionado no parágrafo anterior mostra a necessidade de buscar a idéia central do texto e pesquisá-la na concordância bíblica. Este conceito central pode ser expresso de vários modos, e, portanto, a pesquisa não deve restringir-se a um único deles.

A busca de referências bíblicas na concordância também deve abranger sinônimos, antônimos, e todo tipo de expressão correlata, relacionada com o texto. Embora a palavra "pecado" não ocorra em Colossenses 2.13-15, ela

deve ser pesquisada, pois os seus sinônimos “transgressão” e “delito” ocorrem.

Neste trabalho é também necessário respeitar o contexto de cada referência bíblica colecionada. É importante notar aquelas que mais se aproximam da idéia descrita em nosso texto e as outras que guardam uma relação mais distante no que diz respeito a ele. É de esperar que uma mesma idéia se repita com maior uniformidade em um mesmo autor. Por exemplo: as metáforas de Paulo sobre o batismo nas suas cartas se aproximam mais entre si. As palavras de Jesus nos evangelhos devem ser associadas, em primeiro lugar com outras palavras de Jesus, e só depois com outros escritores.

Aconselhamos que o aluno faça o estudo na concordância sem pressa, que pesquise vários verbetes e que pense em outros possíveis assuntos nos quais a concordância poderia contribuir para o estudo. Isso sem dúvida ampliará muito o seu entendimento do texto bíblico, oriundo de um trabalho independente.

A terceira fonte de referências bíblicas para o estudo das idéias são as referências de pé de página e nas margens das Bíblias. Esta já é uma fonte que chamaríamos de secundária, pois as referências colocadas em nossas edições da Bíblia representam a opinião dos editores. Por outro lado, este recurso tem muita validade e importância para o estudo da Palavra de Deus e deve ser utilizado.

Não se deve, contudo, confundir estas referências de pé de página (ou de margem) com as Bíblias anotadas ou Bíblias de estudo. Consideramos as Bíblias com nota de rodapé como verdadeiros comentários do texto bíblico: estas Bíblias só devem ser consultadas no momento que o estudante estiver pronto para a consulta dos comentários, ou seja, quando ele já tiver feito todo o estudo independente que puder fazer. A “Bíblia Vida Nova”, a “Bíblia de Scofield”, a “Bíblia de Jerusalém”, e outras versões católicas e protestantes de Bíblias anotadas devem ser consultadas (se conveniente) junto com a leitura de comentários, pois é isto que são.

As referências que queremos pesquisar para o estudo das idéias são do tipo das encontradas no rodapé da versão de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil (publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil). Esta versão (que chamaremos de ARA) segue um antigo princípio das Sociedades Bíblicas que é o de publicar o texto bíblico sem notas explicativas e com poucas referências de margem ou de pé de página. No estudo das idéias, o estudante deve checar cada referência sugerida nesta edição da Bíblia. No caso da

ARA, pequenas letras suspensas no texto bíblico remetem o estudante para as referências de pé de página.

A versão de Almeida, Revista e Corrigida (que chamaremos de ARC) e a versão de Almeida, Revisada (que chamaremos de AVR), possuem mais referências que a ARA, mas por isto mesmo merecem um estudo cuidadoso para verificar se a correlação de textos proposta pelos editores é verdadeira. ARC e AVR são muito semelhantes, no que diz respeito às referências de pé e margem de página, e nota-se que AVR é uma revisão de ARC.

A Bíblia na Linguagem de Hoje (que chamaremos de BLH) também possui um sistema de notas ao pé da página muito parecido com ARA, porém não idêntico a esta. Vale a pena ao estudante consultar ambas, pois o resultado será um volume maior de referências bíblicas úteis ao estudo das idéias.

A Bíblia de Jerusalém (que chamaremos de BJ) tem em suas margens externas um bom sistema de referências bíblicas. Se o estudante quiser consultá-la deverá certificar-se de não “cair na tentação” de ler as notas de rodapé que são verdadeiros comentários ao texto bíblico.

Outras Bíblias anotadas não devem ser consultadas, nem mesmo o seu aparato de referências, pois geralmente são por demais tendenciosas, e induzem o estudante a relacionar textos que não guardam nenhuma relação verdadeira entre si.

A melhor fonte de referências bíblicas que existe para os estudantes do Novo Testamento são as margens externas do texto grego de Nestle-Aland²⁶. Mesmo o estudante que não saiba ler perfeitamente o grego pode, com um pouco de esforço, aprender a usar a margem externa do texto de Nestle-Aland. As vantagens deste sistema de anotações sobre os outros são muitas. A principal vantagem está ligada ao fato dos paralelos sugeridos por ele geralmente se basearem em semelhanças encontradas no texto grego, que não são notadas quando se estuda somente as versões em português.

A quarta fonte de referências bíblicas para o estudo das idéias são as chamadas *sinopses*. As sinopses são livros que procuram dar ao leitor uma “visão conjunta” de uma série de textos. As sinopses são geralmente preparadas utilizando-se os evangelhos, colocando em paralelo os textos que tratam do mesmo episódio da vida e ministério de Jesus. Há contudo sinopses das outras partes do Novo Testamento, mas infelizmente estas não têm muita aceitação ou circulação. Em português, a melhor que existe é a “Sinopse dos Três Primeiros Evangelhos” elaborada por Ilson Kayser com base na

obra clássica de Albert Huck (Editora Sinodal, São Leopoldo, RS). Há também as chamadas “Harmonias” dos evangelhos, que são úteis, mas pecam por tentar fazer com que um texto se amolde a outro e por destruir a ordem original da obra de cada evangelista, favorecendo alguma teoria do relacionamento entre os evangelhos. Ao consultar uma sinopse, o alvo deve ser notar as diferenças e semelhanças no modo de tratar uma certa matéria, passando então a entender cada escritor segundo o seu próprio objetivo.

A edição de Almeida, Revista e Atualizada, para os livros históricos do Velho Testamento e para os Evangelhos, tem o costume de colocar abaixo dos títulos dos parágrafos os textos paralelos àqueles que o título anuncia. O mesmo ocorre na ARC, AVR e outras. A BJ coloca os chamados “textos paralelos” na margem do texto, com um sinal de duas barras verticais paralelas para indicar que se trata de um texto paralelo.

Resumindo, devemos começar o estudo das idéias, colecionando e associando referências bíblicas que nos ajudem a entender o texto em que estamos trabalhando. A Escritura é o melhor intérprete da Escritura. As ferramentas utilizadas nesta tarefa são: a memória, a concordância bíblica, as referências no pé de página e nas margens das edições da Bíblia, e as sinopses.

2. Consulta aos dicionários bíblicos. Depois de ter feito todo o nosso estudo pessoal, podemos consultar o dicionário bíblico. Neste momento o estudante terá terminado o estudo das palavras; pois, conforme nossa sugestão, é bom só abrir os dicionários no fim do estudo das idéias. Isto evita que o estudo pessoal seja intimidado pela “autoridade” do dicionário. O estudante da Bíblia irá constatar que, ao fazer um estudo pessoal bem feito, a consulta ao dicionário fica mais proveitosa. Em várias ocasiões vai verificar que suas conclusões são muito semelhantes às do dicionarista.

É de grande importância aprender a separar o que é bíblico da opinião do autor do dicionário (ou do verbete). Somente um estudo prévio, bem feito e honesto, irá permitir avaliar o que o dicionário diz sem cair no erro de seguir cegamente o escritor, e sem cair no erro de ter preconceitos infundados contra uma declaração do dicionário. Tanto a credulidade cega como o preconceito infundado são prejudiciais ao estudo da Palavra de Deus. É necessário aprender a ler criticamente, separando as opiniões da verdade revelada, os fatos das suposições. O único modo de fazer isto é com o estudo prévio.

Certamente o dicionário vai ajudar muito. Trará à luz novas informações bíblicas, históricas e teológicas que não possuíamos antes. Será de ajuda, ensinando a organizar e discutir o assunto, mostrando ao estudante como se organizar e como classificar e ordenar todo o material do estudo das palavras e do estudo das idéias. O dicionarista citará fatos e documentos aos quais o estudante comum nunca terá acesso. O dicionarista irá discutir as várias opções de interpretação de uma palavra ou de uma idéia. Haverá assim muita oportunidade de enriquecimento na consulta ao dicionário bíblico, mesmo para aqueles que fizeram um bom estudo independente.

Nem todos os dicionários são do mesmo tipo, e nem todos têm a mesma qualidade. Observamos em primeiro lugar os diferentes tipos de dicionários bíblicos disponíveis ao estudante. As obras mais gerais são os dicionários bíblicos ou dicionários enciclopédicos da Bíblia. Estas obras contêm informações histórico-geográficas, arqueológicas e até científicas. Incluem também discussões sobre assuntos teológicos e estudos de palavras. Os dicionários ou enciclopédias bíblicas são as obras mais abrangentes, no que diz respeito à variedade de conteúdo. Já os chamados dicionários teológicos (ou dicionários de teologia) e os vocabulários teológicos são obras que praticamente não se interessam pela história, geografia ou outros assuntos que não sejam ligados à teologia bíblica. Os dicionários teológicos procuram estudar palavras de importância para a formulação e entendimento da teologia da Bíblia. Como o alvo deste tipo de dicionário é mais restrito, isso possibilita uma concentração maior no estudo de palavras e de idéias do que o dicionário bíblico comum. Dentro desta categoria é possível incluir também os estudos de palavras, publicados em livros ou em periódicos.

Estes tipos de dicionários nem sempre se ajustam completamente às categorias que apresentamos, mas a obra sempre se inclina para uma direção. O "Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento", publicado por Edições Vida Nova, é um exemplo típico de um dicionário teológico. Já o "Dicionário Enciclopédico da Bíblia" publicado pela Editora Vozes é uma obra mais geral, discutindo tanto teologia como também outros assuntos. O estudante deve adquirir várias obras de cada um destes tipos, para que sua pesquisa conte com todos os recursos disponíveis.

Cabe observar aqui que nem todas as obras têm a mesma qualidade e valor. Existem dicionários muito bons, mas que devido à sua data de publicação antiga estão desatualizados. Devemos buscar obras que não estejam defasadas em relação às últimas descobertas e estudos. Há outros dicionários cuja origem não os recomenda. Este é o caso de dicionários publicados por

um único autor, de erudição e conhecimento duvidosos. Embora não devamos nutrir preconceitos, é necessário cautela com o que parece ter autoridade, mas não passa de ficção. Para avaliar a qualidade de um dicionário é bom conhecer a filiação religiosa da casa editora, dos editores-chefes e dos articulistas. Este tipo de informação ajudará a entender a obra dentro do seu contexto religioso e teológico. Por exemplo, se um dicionário de origem católico-romana discutir a respeito de Pedro ou Maria, o estudante deve lembrar as razões dos escritores para apresentarem algumas de suas idéias. É necessário avaliar as evidências fornecidas pela obra sem esquecer de avaliar os pressupostos do autor.

O estudante deve consultar vários dicionários ao terminar o estudo das palavras e também ao fazer o estudo das idéias. Somente assim ele poderá notar a discussão e debate entre os dicionaristas. Ao mesmo tempo, uma obra irá suplementar outra, trazendo novas informações. Se tiver pouco tempo, somente os melhores devem ser consultados.

Há ainda outros tipos mais específicos de dicionários, alguns dedicados à biografia de personagens religiosos, outros à história e teologia da igreja, e outros explorando o vocabulário de um único escritor do Novo Testamento. Cabe ao estudante estar sempre avaliando estes livros, a fim de perceber a possibilidade de sua utilização em estudos bíblicos.

3. Consultando comentários bíblicos. Finalmente podemos abrir os comentários, as Bíblias anotadas e todo tipo de obra mais "mastigada". Só tem direito de consultar o comentário aquele que já fez o seu trabalho independente. Por outro lado, como no caso dos dicionários, somente o estudante que já se esforçou por entender o texto terá condições de apreciar e aproveitar tudo que um bom comentário pode oferecer. Suponhamos que dois estudantes da Bíblia estejam pesquisando sobre o mesmo texto bíblico: o primeiro foi direto ao comentário bíblico e o segundo só o consultou depois de fazer todo o estudo preliminar que sugerimos. O segundo estudante vai aprender bem mais, através do comentário, do que o primeiro. O estudo preliminar vai aguçar sua sensibilidade para os problemas e questões envolvidas no texto. O estudo prévio vai colocar o estudante mais próximo do comentarista e, portanto, deixá-lo mais apto a ouvir seus conselhos sobre o texto. O segundo estudante entra em diálogo com o comentarista, enquanto o primeiro é um ouvinte passivo. Quem não trabalhou sobre o texto, não terá condições de valorizar o trabalho feito pelo comentarista.

A maior tentação do estudante da Escritura é uma voz que parece sair dos comentários para dizer: "Tudo isto te darei se, prostrado, me consultares". O estudante raciocina: "Se o comentarista já fez todo o trabalho, porque devo eu ficar aqui tentando inventar a roda?" O ponto é que ninguém deve ficar "prostrado" perante um comentário bíblico. Este tipo de livro é obra humana; apesar de baseada na palavra de Deus ela continua sendo obra humana. Devemos ler e consultar os comentários "de pé", baseados nos estudos já realizados. De fato, nenhum bom comentarista ensina a subordinação cega, mas incentiva o estudo independente. O bom comentário bíblico diz: "Ergue-te, que eu também sou homem".

Os comentários disponíveis na língua portuguesa ainda são poucos, e nem sempre dão boa qualidade. O estudante deverá entender os diferentes tipos e as diferentes qualidades dos comentários, assim como ele fez com os dicionários.

Observemos primeiramente os tipos de comentários. Os mais úteis para o estudo do texto bíblico são os comentários exegéticos, ou seja, comentários que procuram determinar ou indicar o sentido original do texto em seu contexto. Há comentários homiléticos, cujo objetivo é mostrar como usar um referido texto na pregação pública. Há também comentários devocionais, cujo propósito é o de inspirar para uma vida cristã mais espiritual ou esclarecida. Há ainda comentários de ênfase doutrinária, onde o comentarista está interessado em extrair do texto doutrinas e pensamentos, geralmente relativos a questões religiosas atuais ou importantes para ele. Os comentários homiléticos, devocionais e doutrinários devem ser usados com certo cuidado, pois o seu objetivo de serem aproveitados em sermão, devoção ou disputa teológica, respectivamente, pode distorcer o sentido original do autor inspirado. Em todo caso, é sempre interessante ler estas obras.

Existem diferenças até mesmo entre os comentários exegéticos. Os melhores são aqueles que se baseiam no texto original da Bíblia e não apenas em versões. Se o comentário acompanha o texto em português, é bom verificar se o autor teve condições de consultar os originais em seu trabalho e se o comentarista discute, pelo menos em parte, os problemas críticos textuais que se apresentam. Há também necessidade de observar se a sua introdução ao livro comentado, assim como se o próprio comentário, discute e leva em conta o ambiente da época. Outros itens que podem ser utilizados para avaliar um comentário são: o índice, a orelha do livro (sinopse do livro - geralmente nas contra-capas ou no verso do livro), erudição do autor, fi-

liação religiosa do autor ou da casa publicadora, bibliografia, notas e data da primeira publicação.

Um bom modo de avaliar um comentário é verificar como ele comenta um texto difícil. Por exemplo, quando for comprar um comentário sobre 1 Pedro, verificar o que o autor diz sobre 1 Pe 3.19 e 4.6.

Infelizmente há muito “lixo” com o nome de comentário ou de interpretação “versículo por versículo”. É necessário aprender a “reter o que é bom e abster-se de toda forma de mal”.

É sempre aconselhável consultar vários comentários de boa qualidade e não ficar dependente de um único recurso. No geral, é melhor começar consultando irmãos fiéis: isto não garante a verdade, mas ajuda a não ficar assustado com os relativismos sobre a palavra de Deus impressos em muitas obras. É possível aprender boas coisas nos comentários de nível médio. Por isso consulte a maior variedade possível sempre que puder - sem esquecer que tipo de obra está consultando.

O conteúdo do comentário irá depender do tipo e da qualidade da obra; mas, a princípio, procuramos nele o mesmo tipo de informação já trabalhada: informações sobre o TEXTO, sobre o CONTEXTO e sobre PALAVRAS e IDÉIAS. Em alguns casos o estudante encontrará uma tradução do próprio autor ou uma PARÁFRASE. Haverá sugestões de lições e aplicações para a vida espiritual: tudo isto adianta um pouco o trabalho da próxima etapa do estudo.

Repetimos: é necessário ler criticamente. O papel aceita tudo, mas nós só devemos aceitar o que vem do Senhor Jesus. A erudição de um escritor não pode ser a única base para a aceitação das idéias propostas. O juiz de todas as idéias tem que ser a própria Escritura.

4. Consultando monografias. Estaremos chamando de monografias a toda sorte de livro ou artigo que trate de um assunto em particular. Suponhamos que o nosso estudo textual esteja baseado em Colossenses 2.9. Depois de ter feito todo o trabalho até este ponto, talvez o estudante queira consultar um livro, ou um artigo que trate especificamente do tema “A Divindade de Jesus”. Seria então uma boa hora para fazer este tipo de consulta.

No que diz respeito à consulta de monografias, muito vai depender dos recursos à disposição do estudante. Certos assuntos são bastante explorados pela literatura religiosa e bíblica, mas outros não oferecem quase nada em nosso idioma. A visita constante a uma boa biblioteca deve ajudar neste

trabalho. O estudante precisa ficar atento às novas publicações, a fim de utilizar o que já existe no mercado.

A informação sobre o tipo e a qualidade das obras de consulta deve ser relembrada aqui. Apenas as melhores obras devem ser consultadas para não perder tempo, e também para não ficar confuso. A leitura de uma monografia pode consumir bastante tempo. Se for então fazê-la, certifique-se primeiro de que vai valer a pena.

Seguem-se agora algumas sugestões sobre onde encontrar monografias úteis ao estudo bíblico. Já citamos os livros que dizem respeito a determinados temas, servindo de ajuda ao estudante. Uma segunda fonte são os artigos em revistas teológicas ou de estudo bíblico. Para a consulta efetiva de revistas teológicas é necessário ter acesso a uma biblioteca especializada ou estar de posse do artigo desejado. Apesar da dificuldade de trabalhar com este tipo de material, geralmente restrito a revistas especializadas, não devemos descartá-lo, pois este tipo de literatura costuma atingir grande nível de profundidade e oferece detalhes em torno de um ponto específico. Se este for o ponto ou idéia que estamos estudando, receberemos muita ajuda.

Outra fonte de monografias ou de estudos sobre assuntos específicos são os compêndios de teologia, ou teologias do Velho e Novo Testamentos. Conforme o assunto ou idéia que estamos estudando, estas obras podem ajudar muito a examinar uma idéia bíblica no seu sentido mais abrangente. É preciso saber usar bem este tipo de literatura. Os teólogos geralmente arranjam o material de estudo conforme pressupostos filosóficos e metodológicos com os quais nem sempre iremos concordar. No caso de teologias sistemáticas, existe a tendência de favorecer a filiação religiosa do autor na exposição.

Os resultados do estudo das idéias.

Em primeiro lugar, o estudo das idéias completará todos os estudos anteriores. No fim do estudo das idéias, o estudante estará recolhendo novos dados para todas as etapas de estudo anteriormente realizadas. A busca de referências bíblicas vai confirmar ou abrir horizontes sobre o estudo das palavras já realizado. O uso dos dicionários bíblicos irá terminar este estudo. Os comentários e monografias trarão mais informações sobre o texto, o contexto e as palavras.

Em segundo lugar, o estudo das idéias é o momento de entrar em diálogo com os livros consultados. Se nossas conclusões se aproximam daquelas esposadas pela literatura, devemos verificar a razão disto, antes de

comemorar o acerto. Há casos em que concordar com certo autor é sinal de erro, e não de acerto. Se, por outro lado, nossas conclusões divergem dos escritores humanos consultados, devemos estudar para ver se há erro nosso, deles, ou de ambos. Não precisamos mudar nossa conclusão, somente pelo fato de um comentarista famoso pensar de outra forma. Devemos avaliar as evidências que ele apresenta para sustentar sua posição, e verificar as nossas. Se, em último caso, as nossas conclusões forem complementadas e aprofundadas pelas obras que consultamos, ainda é hora de fazer uma análise para verificar a consistência de tudo o que se afirma.

Em terceiro lugar, o estudo das idéias nos ajudará a compreender as idéias propriamente ditas. Além de ser de auxílio em todos os outros passos do nosso estudo, o estudo das idéias desenvolve aquilo que se propõe fazer: entender e enfatizar a mensagem do texto. Vamos entender melhor as doutrinas bíblicas mencionadas ou pressupostas. Vamos verificar a harmonia e complementação dos temas bíblicos. Deixaremos a Escritura interpretar a Escritura.

Sumário.

Com o estudo das idéias terminamos o trabalho de pesquisa e de coleta de material. Estamos prontos para a próxima etapa que usará como matéria-prima tudo o que foi obtido até aqui. O trabalho até este ponto deve ter sido grande, mas perde o sentido sem a próxima etapa.

Nota sobre o uso do texto grego para o estudo das idéias.

Apresentamos a seguir seis bons recursos encontrados nas margens externas do texto grego de Nestle-Aland, que devem ser utilizados no estudo das idéias (seguimos idéias de F. W. Danker).

Em primeiro lugar o texto de Nestle-Aland oferece uma "mini-concordância" para o estudante do Novo Testamento. Ao estudar Colossenses 2.17, a margem do texto de Nestle-Aland indica Hebreus 10.1 com um ponto de exclamação depois da referência (!). Isto quer dizer que a passagem de Hebreus 10.1 tem ligação com Colossenses 2.17 e que há mais textos para serem incluídos nesta relação. Ao consultar a margem do texto em Hebreus 10.1 - o ponto de exclamação que acompanha a referência indica que na sua margem existem ainda outras passagens. De fato, observando Hebreus 10.1 vemos que fala de "sombra" assim como Colossenses 2.17, e ainda indica Hebreus 8.5 como contendo igualmente a mesma palavra com a mesma idéia. Este auxílio de "mini-concordância" pode chegar a abranger expressões como Colossenses 4.5

que menciona os não cristãos como "os de fora". Na margem do texto de Nestle-Aland encontramos a anotação Marcos 4.11, indicando que na referida passagem de Marcos iremos achar novas ocorrências da expressão "os de fora".

Em segundo lugar, as margens externas do texto de Nestle-Aland fornecem muita informação histórica útil ao estudante. Nas margens de Atos 17.28, 1 Coríntios 15.33 e em Tito 1.12, acha-se a indicação de que um poeta ou escritor secular está sendo citado. Possíveis referências à literatura apócrifa são também anotadas. (por exemplo: 1 Pe 1.12 citando o Livro de Enoque; 1 Pe 3.19 citando a mesma obra). Elas contêm informações sobre os escritores dos evangelhos como Lucas e Marcos. Também sobre os autores de certas cartas como Judas, Tiago, etc. Assim como referências sobre os destinatários de vários escritos tais como Timóteo e Tito. As mesmas notas fornecem ainda informação sobre o contexto histórico do livro: em 1 Coríntios, vemos ao lado do título referências a Atos 18.1-11; 19.1; 2 Timóteo 4.20. Toda esta informação é útil, mas deve ser utilizada com cuidado já que Nestle-Aland não peneiram a informação, deixando que o estudante faça sua pesquisa. Este é o caso dos diversos "Gaio" mencionados em 3 João; nem todos são a mesma pessoa.

Em terceiro lugar, as margens do texto de Nestle-Aland fornecem uma miniatura da Sinopse dos Evangelhos feita por Kurt Aland. Mais adiante comentaremos este aspecto. Basta enfatizar no momento que não se deve usar textos paralelos no estudo dos evangelhos para fazer com que o sentido de um texto se imponha sobre os outros. A comparação sinóptica e evangélica deve ser geralmente efetuada com o propósito de ressaltar as idiossincrasias dos evangelistas e nunca de harmonizá-los ou de fazê-los dizer a mesma coisa.

Em quarto lugar, as margens do texto grego de Nestle-Aland fornecem passagens bíblicas de idéias correlatas com as do texto. Este é o uso que mais nos interessa para o estudo das idéias. Existe aqui uma grande riqueza que precisa ser explorada. Citações ou alusões ao Velho Testamento são colocadas na margem. Textos com a mesma mensagem ou informações são apresentados. Até mesmo a solução (ou possíveis soluções) para textos problemáticos são sugeridas. O que seria a "veste nupcial" de Mateus 22.11? Nestle-Aland sugere a leitura de Apocalipse 19.8 como solução para o problema. Na margem de João 7.38 o editor escreve "unde?", que significa "de onde?" ou "de que lugar?" para indicar a dificuldade de saber de onde o autor tirou a citação apresentada. Mesmo assim o texto oferece algumas alternativas. Em geral, as idéias e referências salientadas são de natureza tal que seu aproveitamento é imediato.

Em quinto lugar, a margem do texto grego de Nestle-Aland faz sugestões e associações entre assuntos da Escritura, com o propósito de aumentar a visão do intérprete no sentido de ligar “coisas novas e velhas”. É o caso de Lucas 7.15 onde a margem do texto de Nestle-Aland cita 1 Reis 17.23 e 2 Reis 4.36. (Na 25ª edição os dois textos são citados, na 26ª só o primeiro). Com isto, os editores dão a entender o paralelo da atuação de Jesus com a dos profetas Elias e Eliseu. Não se trata de citação, nem de uma alusão, mas de uma “observação interessante”. O texto de Nestle-Aland está cheio deste tipo de recurso espiritual.

Em sexto lugar, o texto de Nestle-Aland oferece dois sistemas de sinopse para os evangelhos. O primeiro está na mencionada margem externa do texto, junto com as referências bíblicas. O outro está na margem interna, e é chamado “Sinopse de Eusébio”, ou “Cânones de Eusébio”. O uso do sistema está explicado no prefácio do texto de Nestle-Aland, mas poderíamos resumir em poucas palavras o sistema de consulta da seguinte forma. Na margem interna do texto, ao lado de uma passagem do Novo Testamento, iremos encontrar um algarismo arábico escrito sobre um romano (usando a 26ª edição). Se o texto fosse Mateus 7.28-29 o sinal seria $\frac{62}{11}$, ou seja, na tabela II (Cânon II) iremos encontrar ao lado do número 62, na coluna que corresponde a Mateus, os textos dos outros evangelhos que correspondem a este em Mateus. Voltando ao nosso exemplo, consultando o cânon II, entrando com o número 62 na coluna de Mateus, encontramos o número 13 para o evangelho de Marcos e os números 4 e 24 para Lucas. É preciso voltar então para o texto grego e procurar o parágrafo 13 na margem interna do texto de Nestle-Aland no evangelho de Marcos. Isto nos leva a Marcos 1.22. Buscando em Lucas os parágrafos 4 e 24 encontramos Lucas 2.47-48 e Lucas 4.32. Resumindo, Eusébio associa Mateus 7.28-29 com Marcos 1.22, Lucas 2.47-48 e Lucas 4.32. Pode parecer complicado, mas de vez em quando as associações feitas por Eusébio são geniais e merecem atenção.

9

A PARÁFRASE

“Este homem começou a construir e não pôde acabar” — esta é a descrição de quem estuda, estuda e não chega a fazer uma paráfrase. Depois de tanto esforço e trabalho seria triste deixar tudo sem uma finalização. A paráfrase é o último passo de nossa metodologia; e, por isso, não deve ser mal feita. Caso contrário, todo trabalho anterior fica perdido; ou, pelo menos, prejudicado. Apesar de parecer óbvio e simples, o ato de fazer uma paráfrase merece atenção muito especial. Neste capítulo iremos dar várias sugestões que acreditamos serem úteis para a finalização de um estudo bíblico.

Definição.

Chamaremos de paráfrase o resultado do estudo. Parafrasear é traduzir e explicar o texto nas suas próprias palavras. A paráfrase pode envolver a aplicação da passagem às necessidades atuais ou ser uma descrição fiel, em palavras atuais, da mensagem do texto aos leitores originais. Se a paráfrase envolver a aplicação da mensagem a necessidades atuais, isto sempre deverá ser realizado mantendo-se fiel à mensagem e intenção originais. A paráfrase é muitas vezes apresentada na forma de sermão, aula ou estudo (oral ou escrito). Paráfrase, em muitos casos, é fazer a exegese passar pela hermenêutica.

A palavra “paráfrase” propriamente dita dá a idéia de explicar um texto ou um documento com maior número de palavras. Uma paráfrase usa termos diferentes dos contidos no texto em que se baseia, pois o seu propósito é comunicar a mesma mensagem de modo mais entendível do que o original. Seu alvo é explicar, traduzir, “trocar em miúdos”, falar a linguagem comum. A palavra paráfrase vem do grego PARAPHRASIS. No grego a palavra é composta de: PARA - ao lado de; e de PHRAZO - “propor em

termos claros, dizer", que no Novo Testamento ocorre em Mateus 15.15 significando "explicar, interpretar, expor". Assim, paráfrase são "frases ao lado da frase", tentando explicá-la e torná-la clara aos ouvintes ou leitores.

A importância da paráfrase.

1. A paráfrase é importante para **verificar se entendemos o texto bíblico** que terminamos de estudar. A paráfrase será o "teste" do estudo. Se depois de fazer todo o trabalho exegético, ainda não conseguimos explicar o texto com as nossas próprias palavras, a conclusão óbvia é que não houve real entendimento. Quando entendemos o texto, ele pode ser explicado. Talvez seja uma explicação difícil, no caso de um texto complexo, mas haverá sempre um meio de esclarecer a sua mensagem.

A paráfrase que simplesmente repete as palavras do texto bíblico não tem valor. Se uma palavra do texto for usada na paráfrase é necessário que ela seja compreendida muito bem por todos em sua forma original, ou seja, no próprio texto. Uma paráfrase pode usar o termo "graça de Deus" se todos os leitores da mesma souberem muito bem do que se trata. Caso contrário, é necessário explicar o termo.

Colossenses 4.6 diz: "A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal, para saberdes como deveis responder a cada um". Este texto não pode ser parafraseado como se segue: "O modo cristão de responder a cada pessoa é: primeiro, usar palavras agradáveis, e em segundo lugar, usar palavras temperadas com sal". Isto não é paráfrase! Houve apenas uma inversão da ordem das palavras. Tem-se a nítida impressão que o parafraseador não entendeu o texto. Os termos "palavras agradáveis", "temperada com sal" e até mesmo o verbo "responder" precisam ser explicados, neste contexto.

No caso de considerarmos impossível a paráfrase de um certo texto, isto indica que ele deve ser novamente estudado. Quando percebemos, ao iniciar a paráfrase, que ela contém elementos impossíveis de explicar com as nossas palavras, o texto está então nos "convidando" para novos estudos.

2. **Organizar e resumir as idéias principais** é outra razão da importância da paráfrase. Durante todo o processo de estudo, o estudante acumula uma série de fatos, idéias, conclusões e lições. No momento de fazer a paráfrase ele vai poder sintetizar todo este material, dando ênfase aos elementos relevantes. A paráfrase nos força a ter algo para dizer, e não apenas muitas idéias isoladas das quais queremos falar. O estudo anterior pode ser

comparado à reserva de materiais para construir; a paráfrase é o uso destes materiais na construção.

Justamente neste ponto deve haver uma separação entre o estudo de pontos secundários e dos pontos principais do texto. A paráfrase não deve perder-se nos detalhes e esquecer o ponto principal. Todos os estudos ajudam a compreender o texto, mas a paráfrase dará o peso justo a cada material conforme as exigências do próprio texto.

3. Outra razão da importância da paráfrase é a necessidade de **ser compreensível a todos**. A paráfrase é a garantia da compreensão de um texto. Isto vale tanto para nós, como para os ouvintes ou leitores da paráfrase. Se não fizermos a paráfrase, muitas pessoas não vão compreender o texto bíblico. O episódio no livro de Neemias, capítulo 8, ilustra muito bem a necessidade da paráfrase. "Leram no livro, na lei de Deus, claramente, dando explicações, de maneira que entendessem o que se lia" (Ne 8.8).

Ao usar a linguagem do povo, os eventos do dia e as necessidades do momento, a paráfrase faz com que a palavra eterna de Deus seja entendida pelos homens de hoje. O estudo bíblico tem como alvo a clarificação da mensagem do texto bíblico, de forma que muitos possam aprender dele.

4. A paráfrase também ajuda a **ilustrar a verdade**. Na paráfrase podemos usar idéias e ilustrações que não estão evidentes no texto, mas que o explicam com justiça. Para ilustrar a expressão "árbitro contra vós outros" de Colossenses 2.18, certo comentário contou a história de um "falso-juiz" que interveio em uma corrida, prejudicando muitos atletas por seu rigor excessivo. A ilustração é excelente, pois baseia-se num bom estudo do pensamento de Paulo; e, ao mesmo tempo, transmite bem a idéia da expressão "juizes severos e desautorizados" que ficam criando regras que prejudicam a vida cristã de muitos.

Uma boa paráfrase é uma obra de arte, onde a mensagem original é mantida, mas os elementos para a transmissão da mesma só podem ser obtidos depois de bastante reflexão.

5. **Ser prático com respeito à verdade bíblica** é mais uma das razões de se fazer uma paráfrase. Quando estudamos a Bíblia, não devemos obedecer unicamente a critérios pragmáticos. Quem estuda o texto apenas para achar respostas práticas para as suas questões, corre o risco de transformar a Palavra de Deus em uma forma de espelho onde ele só pode ver sua própria imagem. Por outro lado, é necessário admitir que sempre haverá algo a aprender. O estudo bíblico não é uma disciplina acadêmica cujo alvo

é o intelecto; mas trata-se, acima de tudo, de um confronto com Deus e seu modo de agir com o ser humano.

A paráfrase irá ressaltar o aspecto prático dos textos bíblicos, tanto daqueles de ênfase prática, como também os de feição mais doutrinária. A paráfrase traz o texto da antigüidade para os nossos dias. O estudo bíblico geralmente tem dois horizontes: o primeiro é o horizonte do escritor e dos ouvintes originais; o segundo é o nosso. A paráfrase é a tentativa de aplicar ou entender um texto bíblico no nosso horizonte (hoje), a partir daquilo que o texto diz no seu primeiro horizonte (original).

6. Ligada à idéia acima, outra razão da importância da paráfrase é **falar sobre coisas importantes e interessantes**. O chamado “gnosticismo incipiente” encontrado na igreja de Colossos, e combatido por Paulo na carta àquela igreja, não é importante hoje e realmente não é muito interessante para a maioria dos cristãos. Mas o ensino contra os falsos profetas modernos é importante e interessante. Pela paráfrase chegamos a mostrar a relevância e a importância de um texto para nossos dias.

A paráfrase traz a mensagem de um texto para o presente, de forma a enfatizar sua relevância e frescor. Apesar dos milhares de anos que podem estar nos separando do ambiente original de um texto, a paráfrase mostra que as palavras eram algo que não iria passar (Mt 24.35).

7. A paráfrase nos ajuda a **ser objetivos**. Depois de um bom estudo bíblico, e depois de fazer a paráfrase, ninguém deveria perguntar: “E daí?” A paráfrase já deve ter mostrado as implicações do texto para os dias de hoje. Haverá textos, especialmente do Velho Testamento, que não têm uma aplicação direta para nós, mas devemos ser objetivos ao descrever esta falta de aplicação e, ao mesmo tempo, observar possíveis pontos que tenham aplicação para nós.

A paráfrase ajuda a objetividade, ressaltando o que o texto não significou e o que não significa para nós. É muito comum que certos termos e textos da Escritura venham contaminados com idéias populares ou preconcebidas. A paráfrase é o momento de colocar tudo em “pratos limpos”. A paráfrase ajuda a trocar o modo subjetivo de ler a Bíblia por um modo objetivo. As aplicações e lições de uma boa paráfrase não são introduzidas pela frase subjetiva “eu acho que o texto diz ...”, mas sim com a idéia objetiva da frase: “O texto diz ...”.

Como fazer a paráfrase.

Em alguns parágrafos acima, incidentalmente, já falamos um pouco sobre como fazer a paráfrase. Observemos agora mais detalhadamente algumas sugestões.

1. O segredo de uma boa paráfrase é um bom estudo. Fazer uma paráfrase é uma arte, assim como pregar, ensinar ou escrever. Apesar de ser arte, há um fundamento que não pode ser desprezado: o estudo do texto bíblico. Este estudo é feito em bases objetivas e críticas.

A paráfrase é o esforço de conservar a idéia original e ao mesmo tempo elucidá-la. Se a idéia original, seja ela qual for, não estiver clara na mente de quem está fazendo a paráfrase, o resultado já está comprometido com o erro. A idéia original e correta deve estar bem clara para que a paráfrase possa tomá-la como base. Quanto melhor o estudo realizado, melhor o resultado. Nisto não há engano.

De fato, o bom estudo já fornece idéias, vocabulário, ilustrações, exemplos, aplicações e todo tipo de contribuição para a paráfrase. A má paráfrase é geralmente uma recomendação para mais estudo. A boa paráfrase é a coroa do estudo bem realizado.

2. Preservar as idéias originais. O grande perigo da paráfrase é o de abandonar a idéia original. O estudante precisa então ficar com o texto, fazer um bom estudo e não abandonar o estudo na hora de transportar as idéias para a atualidade.

A autoridade ensinada na Bíblia só existe quando ela é fielmente transmitida. Portanto, a paráfrase precisa ser fiel. É necessário que o estudante entenda a condição original do texto e aplique para a condição de hoje somente o que é aplicável e concorda com as condições originais. Mesmo quando um texto não tem aplicações para hoje, a transmissão de seu significado para os leitores ou ouvintes modernos deve continuar fiel ao sentido original. É preciso cuidado para não “modernizar” tanto o texto que ele não mais transmita a mesma idéia que levou à sua redação original.

3. Traduzir, explicar, contextualizar. O trabalho de preparar a paráfrase de um texto bíblico é um trabalho de tradutor. Não se trata de estarmos lendo para quem não entende a nossa língua, mas o fato é que a linguagem da Bíblia precisa de tradução para a atualidade, mesmo quando usamos uma versão em português. A paráfrase resolve muitas vezes o problema do português difícil das versões bíblicas. Uma palavra difícil ou um problema com-

plicado de gramática são freqüentemente esclarecidos pela paráfrase. Os termos técnicos da Bíblia como “batismo”, “graça” e “sangue” são traduzidos em palavras como “imersão em água para ser purificado por Cristo”, “um presente que não merecemos e que não podemos pagar” e “vida”, respectivamente.

Na paráfrase podemos explicar a Bíblia em tom de conversa. Isto foi o que Filipe fez com o etíope de Atos 8. Portanto, usamos nossas próprias palavras e linguagem simples, contemporânea e forte, conforme a força da mensagem. O objetivo é descomplicar sem tentar parecer erudito, nem assumir ares de autoridade. É conversar com o texto, sobre o texto, e com as pessoas.

A paráfrase envolve a contextualização da mensagem bíblica. Embora este assunto seja muito extenso, falaremos dele resumidamente. Contextualização é o esforço de transpor as barreiras culturais que separam um texto bíblico, no seu contexto original, do nosso mundo, que tem uma cultura completamente diferente. Esta definição adaptada irá servir para nossos esforços de estudo bíblico. Na paráfrase, devemos aprender a deixar para trás o que era da cultura do povo antigo e trazer para o presente só o sentido ou a idéia do texto. Em 1 Timóteo 5.10, Paulo diz a Timóteo que só devem ser aceitas na lista de viúvas da igreja de Éfeso aquelas viúvas que, entre outras coisas, tivessem “lavado os pés dos santos”, referindo-se à prática antiga de assim proceder com os hóspedes que eram recebidos em casa. Para contextualizar esta passagem, precisamos entender que ela ensina sobre a hospitalidade, mas não nos obriga a praticar o ritual de hospitalidade da igreja antiga. Basta que aprendamos a lição principal, e não os veículos culturalmente condicionados de expressão desta lição. A contextualização nos avisa que a nossa cultura é diferente daquela dos escritores originais da Bíblia, e que não é necessário seguir a cultura deles, mas sim seguir a palavra de Deus que eles falaram.

É preciso cuidado neste ponto, porque a idéia de contextualização tem sido usada para tornar relativos os absolutos e os mandamentos da Bíblia. Em nome da contextualização, a proibição da mulher dirigir o culto público da igreja, a proibição do homossexualismo, a prática do batismo, entre outras, têm sido desafiadas por aqueles que dizem que estas proibições e mandamentos só diziam respeito à cultura dos primeiros leitores do Novo Testamento. Segundo estes, a mulher pode pregar em culto público, o homossexualismo não é mais pecado e o batismo é um ritual obsoleto. O pró-

prio texto bíblico resiste a este tipo de relativismo, apresentando fortes razões para continuarmos acreditando nestes absolutos bíblicos.

4. Dialogar com o texto. Quando chegamos a um texto bíblico, provavelmente já tínhamos uma idéia do que ele dizia. Esta idéia podia estar certa ou errada, podia ser superficial ou profunda. O fato é que, no transcorrer do estudo, fatos que estão a favor ou contra o nosso modo de pensar irão surgir. Será este, então, o momento de refletir, meditar e sintonizar com o texto bíblico. O alvo deverá ser o de fazer crescer o entendimento do texto original, analisando ao mesmo tempo a distância que nos separa dele. Na matemática, o método das aproximações sucessivas consiste, basicamente, em fazer sucessivas correções naquilo que se supõe ser certo até que o resultado verdadeiro apareça. Na paráfrase é necessário ir corrigindo nossa pré-compreensão do texto várias vezes, até o ponto de irmos convergindo ou nos aproximando sucessivamente da mensagem correta e verdadeira de um texto.

5. Priorizar a mensagem, aproveitando o veículo, se possível. Na paráfrase devemos nos esforçar para dar a mesma mensagem que o texto original. Muitas vezes o veículo da mensagem ainda tem muita força para transmitir a idéia; nestes casos, tentemos aproveitar o veículo bíblico de transmissão da mensagem. Algumas parábolas são assim, a mensagem e o veículo que as conduziu podem ser aproveitados na paráfrase. A parábola do “filho pródigo” (na verdade, “dos filhos perdidos”) em Lucas 15.11-32 tem mensagem e veículo aproveitáveis: a mensagem é o apelo aos homens que se acham justos para que entendam o amor de Jesus; o veículo é a parábola.

Em certos casos, é mais fácil usar a idéia que o autor original quis transmitir sem utilizar-se de um veículo ou um raciocínio semelhante ao dele. Este é o caso do raciocínio do autor de Hebreus com respeito a Melquisedeque. No capítulo 7 de seu livro, o autor de Hebreus usa o silêncio do Velho Testamento para afirmar que Melquisedeque não nasceu e nem morreu. De fato, o homem Melquisedeque teve um nascimento e chegou a morrer, historicamente falando. Mas como o Velho Testamento não menciona, o autor de Hebreus usa isto como um argumento que diz: “Se as Escrituras não falam que ele morreu, então ele está vivo”. Com base nisto ele afirma que Melquisedeque é semelhante a Jesus, pois Jesus não tem início nem fim. Com este exemplo fica claro que a mensagem da eternidade e da superioridade de Jesus (sobre o sacerdócio levítico) é válida para sempre, mas o raciocínio usado não é válido para o nosso modo ocidental e

moderno de pensar. Na paráfrase deste texto, nossa ênfase não deve ser no modo de raciocinar do autor, mas sim no resultado do seu raciocínio.

6. Aplicar o texto na atualidade. A paráfrase quer trazer o texto para o nosso mundo. Portanto, não se deve falar do Egito antigo, nem do primeiro século, nem dos Estados Unidos da América do Norte, nem dos velhos, se o seu público for jovem. A paráfrase é feita para o seu contexto.

Nossa fixação no primeiro século, quando estudamos o Novo Testamento, ou na antigüidade, quando estudamos o Velho, não deve fazer com que preguemos ou ensinemos para o primeiro século, ou para os antigos israelitas. Nosso cuidado deve ser de estudar bem o sentido original para torná-lo relevante aos nossos dias. As ilustrações atuais e relevantes do texto bíblico entram na paráfrase com este propósito.

O objetivo do texto deve nortear o objetivo da lição que a paráfrase extrai dele. Contudo, este objetivo deve ficar claro aos homens da atualidade para que eles não possam desculpar-se, dizendo: "A Bíblia é um livro antigo para o povo antigo". Pelo contrário, é necessário que todos reconheçam a relevância da Bíblia para os dias de hoje.

7. Resumir e organizar. O estudo é muito importante, mas não precisamos mostrar o nosso estudo na paráfrase. Devemos mostrar nossas conclusões. Na cozinha existem muitos instrumentos e temperos que não vão à mesa quando se serve o jantar. Só o prato pronto vai à mesa. Assim também na paráfrase. Não precisamos ficar citando o hebraico, ou a concordância, ou ainda o dicionário, mas apenas dar a mensagem. Sem dúvida, haverá ocasiões em que será necessário mostrar um pouco do estudo para conferir autoridade a uma das conclusões apresentadas, mas esta não é a regra geral. Retornando ao exemplo da culinária, nenhuma cozinheira fica cozinhando na mesa de jantar, durante o jantar, para mostrar como a comida é boa!

As conclusões do estudo são a matéria-prima da paráfrase. A organização da mesma pode ser: um artigo, uma série de pontos ou idéias, uma aula (esboço ou texto), um sermão (esboço ou texto), etc. Este material pode ser organizado conforme se trate de um ponto principal ou secundário do argumento do texto. Também pode ser avaliado conforme sua relevância atual ou não (especialmente falando de textos veterotestamentários). O resultado deve ser o de uma síntese ou de um resumo de tudo o que é relevante e importante no texto.

Sumário.

Tanto Ezequiel como João tiveram de “comer o livro” antes de pregar a mensagem contida nele. Isso vai acontecer com todo aquele que quer conhecer e transmitir a palavra de Deus para si mesmo e para outros. É necessário muito trabalho e estudo, mas o resultado será compensador. A palavra de Deus será pregada com clareza para quem quiser ouvir. Que Deus nos abençoe no estudo e ensino da sua Sagrada Escritura!

EXEMPLO DE PARÁFRASE.

O que apresentamos agora é um exemplo de paráfrase, retirado do comentário “A Epístola de Paulo aos Colossenses”, de autoria de João Pen-nisi e Bryan Jay Bost (Editora Vida Cristã - São Paulo). O propósito da apresentação deste texto é ilustrar melhor para o estudante o que pode resultar dos seus estudos, ou seja, como pode ser apresentada a paráfrase.

Para melhor aproveitamento deste exemplo, recomendamos ao estudante que leia repetidamente o texto de Colossenses 3.1-4 e depois leia esta paráfrase notando como os autores explicaram, ilustraram e enriqueceram o texto. Procure notar como a paráfrase está fundamentada em um bom estudo do texto, do contexto, das palavras e das idéias. Veja como eles aplicam o texto para os nossos dias. Verifique se a paráfrase apresentada segue os itens que este método sugeriu como características de uma boa paráfrase.

Paráfrase de Colossenses 3.1-4

LÁ DO ALTO.

Cristo tem a primazia! Esta é a afirmação enfática da carta de Paulo aos Colossenses. Nele habita corporalmente toda a plenitude da Divindade. Ele é o mistério de Deus revelado aos homens. Ele é a esperança da glória. Por isso os servos de Cristo não devem desviar-se dele para seguir nenhuma filosofia, nenhum preceito, nenhuma doutrina religiosa humana.

Como é, então, que o cristão deve conduzir-se? Que esperança tem ele de vencer a velha natureza pecaminosa? A única esperança é focalizar toda a atenção em Cristo, lembrando-se de que ele tem a primazia sobre tudo. Devemos andar em Cristo, radicados e edificados nele. Devemos reter Cristo o qual é a cabeça. Devemos lembrar-nos que no batismo morremos

com Cristo, sendo sepultados com ele e ressuscitados mediante a fé para uma nova vida.

Os primeiros quatro versículos do capítulo 3 exortam os cristãos a escolherem Cristo como alvo para a vida. “Buscai as cousas lá do alto, onde Cristo vive”. Essas palavras descrevem o alvo que deve ocupar a atenção do cristão. Ele não deve estar preso à terra ou às coisas da terra. As coisas lá do alto são transcendentais, eternas e sumamente importantes enquanto as da terra são transitórias, insignificantes e vãs.

Cristo deu quase o mesmo conselho em Mateus 6.19-21. O tesouro do cristão está no céu onde Cristo vive, onde o Filho divino está assentado à direita de Deus, o Pai. Pedro pregou no dia de Pentecostes, em Atos 2, que Cristo, ao ser ressuscitado, sentou-se no trono de Davi e foi exaltado à destra de Deus. Cristo, portanto, está no trono como Rei dos reis e Senhor dos senhores. Está reinando sobre o reino espiritual. Este reino se estende ao mundo mas, em seu sentido mais completo, está lá no alto. Assim sendo, a nossa pátria está nos céus (Fp 3.20).

As coisas da terra não têm nenhum valor permanente. Não adiantaria nada ganhar o mundo inteiro e perder o lar eterno que espera a alma. Filipenses 3.19 adverte sobre o destino dos indivíduos que só se preocupam com as coisas terrenas: “O destino deles é a perdição, o deus deles é o ventre e a glória deles está na sua infâmia”.

“Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo” é um pensamento ligado ao significado do batismo, descrito no capítulo 2, versículos 11 a 13. O batismo significa morte e sepultamento da vida carnal anterior e ressurreição espiritual para uma nova vida. Em outras palavras, o batismo cristão tem um significado negativo e um significado positivo. De um lado, indica o fim da maneira anterior de viver. Por outro lado, marca o início de uma nova vida, a ressurreição de uma nova criatura para uma vida diferente.

A expressão “se fostes ressuscitados” não sugere, de forma alguma, que Paulo duvidasse do novo nascimento dos colossenses. É apenas uma maneira de explicar claramente qual deveria ser o resultado da ressurreição espiritual. O que foi realizado no dia em que se submeteram a Cristo, no batismo, deveria ser demonstrado na maneira de viver.

Como pessoas ressuscitadas juntamente com Cristo, os colossenses receberam instruções de buscar incessantemente as coisas lá do alto e pensar continuamente nesse novo alvo celestial. A mente, a atitude, as ambições e o ponto de vista deveriam ser caracterizados pela procura diligente das coisas

lá do alto. Esta era a nova vida em Cristo e o fruto da regeneração. Em vez dos anjos, principados e potestades apontados pelos falsos mestres, os colossenses deveriam buscar o nível mais alto, o de Cristo.

O homem, normalmente, não consegue subir mais alto do que o alvo que busca. Por isso a Salvação em Cristo é apresentada como o alvo mais alto jamais imaginado neste mundo. E, ainda mais, em Cristo temos a possibilidade de alcançar este objetivo tão exaltado. Não é como uma montanha alta e intransponível cujo cume somente os melhores alpinistas podem alcançar. Todas as pessoas podem atingir o alvo espiritual pela fé em Cristo. Ao mesmo tempo, aqueles que buscam o objetivo celestial descrito aqui, descobrem que não é somente o destino final que tem valor mas que a cada passo a vida adquire mais significado, mais segurança e mais bênçãos.

O dedicado seguidor de Cristo é o indivíduo que busca ativa e continuamente as coisas lá do alto, onde Cristo vive. Pensa nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra. Atingiu o ponto de rejeitar os desejos, os apetites e as ambições da própria natureza carnal. Morreu com Cristo para a vida mundana e foi ressuscitado para uma nova vida orientada completamente pela vontade de Cristo. Assim como seu Salvador foi morto e ressuscitado, também o cristão verdadeiro renuncia ao passado para iniciar uma nova vida.

O cristão, portanto, é uma nova pessoa, uma nova criatura transformada pelo milagre da vinda, da morte e da ressurreição do Filho de Deus. Seu rosto está voltado para a luz e com todo o esforço procura andar nela e evitar a escuridão da qual escapou. Para as pessoas do mundo ele parece o mesmo indivíduo. Não há nenhuma coroa luminosa circundando sua cabeça, distinguindo-o dos outros. Pode ser maltratado, mas confia que sua nova vida “está oculta juntamente com Cristo, em Deus” (versículo 3). Ninguém lhe pode roubar o prêmio porque está escondido e guardado em um lugar seguro.

Por esta razão, o cristão busca as coisas lá do alto. Ele é cristão, não simplesmente porque segue leis e ordenanças superiores às que os outros seguem, mas porque em Cristo sua própria vida é transformada. De fato, Cristo é a sua vida. Cristo é a fonte da nova vida e o eixo central que dá sentido e propósito à vida.

O versículo 4 promete que Cristo se manifestará no futuro. Ele voltará! E “todo olho o verá, até quantos o traspassaram” (Ap 1.7). E naquele dia os verdadeiros seguidores de Cristo serão manifestados com ele em gló-

ria. De fato, a Bíblia diz que “todos que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão” (Jo 5.28). Naquele dia tudo será manifestado: a infidelidade dos incrédulos, a falsidade dos hipócritas e a nova vida dos verdadeiros cristãos. Os cristãos serão levados por Cristo para estar com ele na glória. Esta é a esperança cristã. Há muitas bênçãos que o cristão recebe já nesta vida: a libertação do império das trevas, a reconciliação com Deus e os tesouros da sabedoria e do conhecimento ocultos em Cristo. Porém tudo isso não pode ser comparado com a glória que receberá no dia final.

APÊNDICE

I

ROTEIRO PARA O USO DE FERRAMENTAS DE ESTUDO BÍBLICO

Etapas	Ferramentas principais	Obras auxiliares
Texto	Textos originais (Hebraico/Grego) Traduções da Bíblia Gramáticas das línguas originais e da língua portuguesa Dicionários da língua portuguesa Concordância bíblica.	Obras sobre crítica textual e sobre a história da Bíblia e de suas traduções. Obras sobre crítica literária e lingüística.
Contexto	Bíblia (leituras) Concordância bíblica Introduções.	Atlas bíblico e livros sobre arqueologia. Obras sobre a vida, costumes e cultura nos tempos bíblicos.
Palavras	Concordância bíblica Léxicos bíblicos (línguas originais) Traduções da Bíblia Dicionários bíblicos.	
Idéias	Concordância bíblica Referências em Edições da Bíblia Sinopses Dicionários bíblicos Introduções Comentários bíblicos Monografias.	Obras sobre a história da igreja e das doutrinas "cristãs", para avaliar historicamente a interpretação das idéias bíblicas. Obras sobre a história da interpretação.

H. G. Wells escreveu uma obra de ficção chamada "A Máquina do Tempo". Este livro conta as peripécias de um cientista que constrói uma máquina capaz de levá-lo através do passado ou do futuro: uma máquina do tempo. O viajante do tempo resolve ir para o futuro, onde a humanidade dividida em duas raças é, nitidamente, degenerada e decadente. Depois de fazer uma viagem, e passar por muitas aventuras, ele volta ao presente, relata suas experiências aos amigos, e viaja de novo, para nunca mais voltar. Sobre esta obra foi feito um filme, do mesmo título, com roteiro muito semelhante ao trabalho de Wells. No filme, contudo, há um detalhe final muito interessante. Quando o viajante do tempo faz a sua segunda viagem, para o futuro, ele leva dois livros de sua biblioteca. Os seus amigos constatarem o fato e o diálogo que se segue é mais ou menos este:

— Veja! — diz um dos personagens — Ele levou dois livros da biblioteca!"

Outro questiona:

— Que livros será que ele levou?"

Finalmente um terceiro responde:

— Não importa. De fato nunca iremos saber. Mas, se fosse você, que livros você levaria?"

E assim o filme sobre "A Máquina do Tempo" termina. Este final não está na obra de H.G.Wells, mas é extremamente sugestivo. "Se fosse você, que livros levaria?"

Respondendo literalmente à questão formulada no filme, diríamos sem titubear: “Eu levaria a Bíblia e a concordância!” São os dois livros mais importantes de qualquer biblioteca”.

Felizmente, como estudantes da Bíblia, não somos obrigados a optar por apenas dois livros. Vamos apresentar agora uma lista de tipos de livros que devem estar presentes na biblioteca do bom estudante da Escritura. Não iremos citar nomes e títulos específicos para que a lista não fique obsoleta nos próximos anos, após a edição de novas obras em todas as áreas mencionadas.

Antes de continuar, porém, cumpre-nos insistir. Se tivéssemos de salvar apenas dois livros de nossa biblioteca em chamadas, estes dois seriam a Bíblia e a concordância bíblica!

Tipos de livros recomendados.

1. O estudante deve ter acesso aos **textos originais da Bíblia**. Texto hebraico-aramaico do Velho Testamento e texto grego para o Novo Testamento. Isto pode parecer fantástico para a maioria. Afinal de contas, a maior parte das pessoas considera o aprendizado destas línguas como algo inatingível. Existe até uma expressão popular em que alguém diante de algo que não consegue entender, exclama: “Isto pra mim é grego!” É necessário deixar de lado este preconceito contra as línguas bíblicas. O estudante deve ter os textos originais e esforçar-se por aprender o máximo destas línguas que puder. Caso contrário poderá ser acusado, com certa justiça, de estar interpretando um livro que não sabe ler.

2. **Várias traduções ou versões da Bíblia** são outro elemento essencial na boa biblioteca de estudos bíblicos. Procure ter as melhores em português. Se tiver fluência em outras línguas, utilize também boas versões nesses idiomas.

3. **Gramáticas das línguas originais e da língua portuguesa**. Para a exegese as primeiras são muito mais importantes que a segunda. As gramáticas vão ajudar a elucidar o sentido dos textos. São obras de difícil consulta, geralmente, mas trazem muitos benefícios. Cuidado com gramáticas que fazem afirmações doutrinárias e teológicas ao invés de permanecerem simples gramáticas.

4. **Concordâncias bíblicas**. Eis a rainha da biblioteca do estudante. Observa-se uma regra prática para avaliar o estudante da Bíblia. Se o livro mais manuseado e gasto da sua biblioteca for a concordância, temos então

um bom estudante da Bíblia. É melhor ter várias, nas línguas originais e exaustivas, ou seja, aquelas que possuem todas as citações de uma palavra no texto bíblico.

5. **Sinopses** são ferramentas muito úteis para o estudo de textos paralelos. Geralmente encontramos com facilidade as sinopses dos evangelhos. Pode haver também dos livros e textos do Velho Testamento e das Epístolas do Novo. O estudante não deve desprezar este tipo de obra.

6. Não podem faltar os **léxicos**, ou seja, dicionários das línguas originais nas quais a Bíblia foi escrita. Não encontramos muitas dessas obras em português, mas as que existem devem ser usadas. Mesmo que o estudante não tenha domínio completo das línguas originais, os léxicos serão uma boa ajuda.

7. **Dicionários bíblicos**. Podem ser de vários tipos. O estudante deve procurar obter os melhores de cada tipo. O uso de obras de qualidade inferior ou muito antigas é desaconselhado.

8. **Dicionários da língua portuguesa** serão úteis ao estudante da Bíblia. Eles não são autoridades para definir o sentido das palavras na Bíblia, mas indicam como a palavra é usada na atualidade. Fornecem sinônimos, antônimos e outros termos correlatos para o estudante.

9. **Comentários** são as obras mais procuradas pelos que querem estudar a Bíblia. Se usados do modo certo e no momento certo são boas ferramentas. Quando utilizados do modo errado e na hora errada, tornam-se "óculos que provocam cegueira". O estudante não deve comprar coleções completas; mas, sim, ir selecionando os melhores de cada coleção ou série.

10. Os livros de **introdução bíblica** também são ferramentas indispensáveis. Sua abordagem é preparar para o estudo de um certo livro.

11. É muito difícil recomendar livros de **teologia bíblica**. A dificuldade está no fato destes livros serem geralmente dogmáticos demais ou liberais demais. Isto precisa ser explicado. Os dogmáticos são aqueles comprometidos com alguma confissão religiosa ou algum sistema teológico. Nestes casos o escritor estará preocupado em provar seus pontos de vista, ao invés de deixar a Bíblia falar. Os liberais são aqueles que, favoráveis a um pseudocientismo, negam as doutrinas básicas da Escritura, tais como a inspiração dos escritores originais, os milagres e a profecia sobre o futuro. Apesar da dificuldade de achar bons livros, a biblioteca do estudante deve ter volumes de teologia bíblica.

12. **Livros que estudam o cenário da época bíblica.** Ou seja, livros que explicam leis, costumes, vida cotidiana, etc., nos tempos da literatura do Velho e do Novo Testamentos. Estes compêndios vão fornecer o conhecimento do contexto histórico no qual as narrativas ou doutrinas bíblicas estavam inseridas.

13. **Atlas bíblico, livros de geografia bíblica, livros de história bíblica e livros de arqueologia** - Situam histórica e geograficamente os eventos bíblicos, bem como as nações e cidades.

14. **Livros sobre crítica textual e sobre a história da Bíblia e das tradições** irão ajudar o estudante a entender os problemas textuais com os quais está lidando, ao estudar a Bíblia. Ele aprenderá também a avaliar melhor o esforço das traduções e dos divulgadores da Bíblia.

15. **Livros sobre a história da igreja e das doutrinas “cristãs”** irão abrir a mente do estudante para ver de onde vem a maioria dos erros religiosos da atualidade. O mais importante é que ele poderá verificar como os cristãos das épocas sub-apostólicas interpretaram o cristianismo.

16. **Livros de hermenêutica** irão ajudar o estudante a ver com mais cuidado a importância de interpretar corretamente a Bíblia.

17. **Livros sobre comunicação.** O estudo bíblico não é um fim em si mesmo. O estudante deve aprender a comunicar o que aprendeu e descobriu. Aqui estão incluídos livros de pedagogia, homilética, redação e psicologia.

Conclusão.

Quem procurar ter uma biblioteca assim, vai gastar muito tempo e dinheiro até atingir o alvo, mas valerá a pena. Esta biblioteca será uma verdadeira caixa de ferramentas para o estudante da palavra de Deus.

APÊNDICE III

EXEMPLO DE FOLHA DE TRABALHO CI 4.5-6

1. **Texto:** CI 4.5-6.
 - 1.1- Má divisão de capítulos (4).
 - 1.2- Dois parágrafos interrelacionados 4.2-4 4.5-6, tratando de conselhos.
 - 1.3- Não há problemas crítico-textuais.
 - 1.4- Concordância geral das versões. Alguns detalhes diferem.
2. **Contexto**
 - 2.1- Paulo está preso em Roma (At 28; CI 4.3). Nesta prisão escreveu Efésios, Filipenses e Filemon. Sofria por Cristo (2.24).
 - 2.2- Ele não conhecia a igreja em Colossos pessoalmente (2.1). Epafras, colega de Paulo, foi quem a iniciou (1.7; 4.12-13). A igreja ali tinha boa comunicação com as igrejas na região (4.13-17). Uma heresia tentava ganhar adeptos dentro da igreja. Paulo combate os erros nos capítulos 1 e 2.
 - 2.3- A heresia envolvia filosofia (2.8), desvalorização de Cristo (1.13-20), culto de seres espirituais (2.8,15,18), ascetismo (2.16-17) e sabedoria humana (1.28; 2.3). Outros detalhes aparecem no texto da carta.
 - 2.4- O texto CI 4.5-6 não pertence à argumentação da carta, mas à conclusão e aos conselhos finais. Esboço: Cap. 1-2 = Teoria (argumentação); cap. 3-4 = Prática (conclusão/aplicação).

3. Palavras:

3.1- Sabedoria: (concordância grega NT)

Uma palavra importante em Colossenses (6x). Sabedoria é ter e exercer pleno conhecimento da vontade de Deus, entendendo as coisas espirituais (Cl 1.9). Cristo é a chave da sabedoria, pois só nele eles estão guardados (2.3). Pelo evangelho, todos os homens podem ter acesso a esta sabedoria (1.28). Na igreja, instruímos uns aos outros com esta sabedoria de Cristo (3.16). Os falsos mestres têm uma sabedoria de aparência (2.23), mas não é de Deus, e sim sabedoria deste mundo, que não leva a Deus (1 Co 1.19,20,21; 2.5,13; 3.19). A sabedoria de Deus é Cristo (1 Co 1.30-31) e a sua cruz (1 Co 1.18-3.23).

3.2- Agradável (ARA,ARC,BLH,BJ), Amável (BAM), Com graça (VR,MS).— No original o termo é *χαρις*. Léxico do N.T. de Gingrich e Danker mostra que um dos sentidos de *χαρις* (geralmente = graça) é **Atratividade, Graciosidade**.

4. Idéias:

v.5 Portai-vos com “sabedoria” para com os que são de fora; **aproveitai as oportunidades**

- Ef 5.15-16 (texto paralelo). Portar-se com sabedoria é aproveitar o tempo.

- **Aproveitar as oportunidades** vem da mesma expressão grega traduzida **remindo o tempo** em Ef 5.16.

- **Os que são de fora** = não cristãos (Mc 4.11; 1 Co 5.11; 1 Tm 3.7; 1 Ts 4.12).

- Oportunidade maior é a salvação (2 Co 6.2).

v.6 A vossa palavra seja sempre “agradável” **temperada com sal**, para saberdes como deveis responder a cada um.

- Ef 4.29 — Abrir a boca para salvar. O sal que salva, 1 Pe 3.15 — saber responder bem sobre a esperança. **Temperada com sal** - Mc 9.50 — Fazer tudo ficar agradável como sal (Mt 5.13).

Comentário — “Chave Lingüística” - Rienecker/Rogers. Sobre sal
=> A figura de linguagem do sal era usada no mundo antigo para
a conversa espirituosa, dotada de humor ou colocações agudas
(Hendriksen; Moule; Lohse; SB, III, 631). Aqui indica a conversa
que dá um sabor ao discurso e recomenda-se ao ouvinte, bem como
o discurso que preserva da corrupção e se torna benéfico ao ouvinte
(Lightfoot).

5. **Paráfrase:** Depois de observar, em Colossenses, toda a glória de Cristo e entender qual o comportamento cristão, Paulo dá conselhos pessoais sobre como relacionar-se com Deus (4.2-4) e como relacionar-se com o mundo (4.5-6). Estes últimos versos falam especialmente sobre a evangelização.

(1) O comportamento sábio é aquele que reflete Cristo e ao mesmo tempo é compreendido pelos outros.

(2) O comportamento sábio é aquele que aproveita e produz meios de pregar o evangelho.

(3) O que falamos deve ser puro e limpo, mas ao mesmo tempo agradável, espirituoso e gostoso de ouvir.

(4) O que falamos deve satisfazer as necessidades dos que não são cristãos, e levá-los ao conhecimento do evangelho.

(5) Cada um deve ter a oportunidade de receber explicações conforme a sua necessidade.

www.teologiaemcasa.com.br



CATÁLOGO DE DISCIPLINAS DA ESCOLA DE TEOLOGIA EM CASA

Atualizado em maio de 2016

Prof. Me. Álvaro César Pestana

(C) 2016 Álvaro César Pestana

DISCIPLINAS REGULARES

Para curso livre de Teologia Bíblica – modalidade bacharelato

**BB01 – O que é a Bíblia?**

Uma introdução geral à Bíblia com ênfase na forma, na função e na história do texto.

Esta disciplina oferece cerca de 600 páginas de texto e cerca de 70 videoaulas cobrindo toda a Bíblia. Esta é uma disciplina fundamental para todo estudante da Bíblia

HB02- Como entender a Bíblia?

Estudos sobre a história da formação, transmissão e tradução da Bíblia desde suas origens até os tempos atuais. Estudos dos princípios e métodos de estudo e interpretação das Escrituras.

São 26 videoaulas e 500 páginas de texto que abrangem as disciplinas: Bibliologia, Exegese e Hermenêutica.

**LB03 – Qual é a nossa história?**

Um estudo das narrativas bíblicas como descrições teológicas e como revelação divina aos leitores originais e aos atuais.

O assunto é trabalhado em 200 páginas de web-aula e em 18 videoaulas, além dos fóruns e leituras complementares.

Neste curso o estudante aprenderá a fazer uma Bíblia teologicamente consciente.



HH04 – Qual é o nosso pensamento?

Um estudo sobre a história da igreja e a história das doutrinas cristãs. Importante para entender o desenvolvimento dos cristianismo até os dias de hoje.

São cerca de 350 páginas de texto e 26 videoaulas além de recursos adicionais disponibilizados durante a disciplina.



MB05 – Qual é o ambiente?

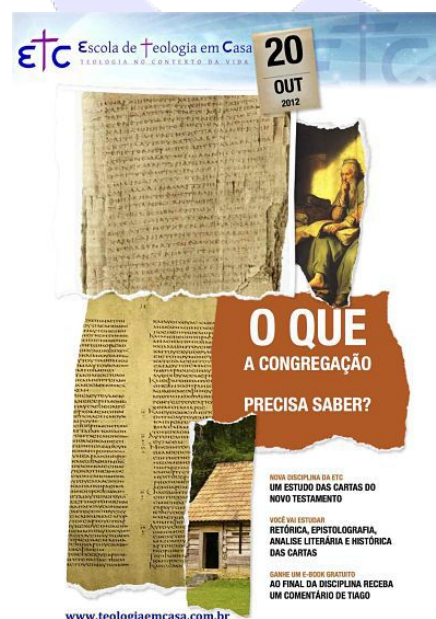
Um estudo da ambientação e do mundo bíblico do Antigo e do Novo Testamentos. Estudaremos história, geografia, arqueologia e sociologia bíblicas.

Todas estas disciplinas são ferramentas para o estudioso das Escrituras. Disponibilizamos 350 páginas de texto e mais de 32 vídeos tratando da matéria.

NT06 – O que a congregação precisa saber?

Um estudo da epistolografia do Novo Testamento. Estudos nas Epístolas de Paulo aos Romanos, Coríntios, Gálatas, Efésios e Colossenses e, também, da Epístola de Tiago.

Uma introdução à análise retórica e epistolar do Novo Testamento em 300 páginas de texto e 21 videoaulas. Um comentário do texto grego de Tiago é disponibilizado nesta disciplina na forma de e-book (pdf).





TP07 – O que queremos comunicar?

Um estudo de evangelização, missiologia, didática e homilética a serviço da comunicação cristã do evangelho.

São 308 páginas de texto acompanhando 17 vídeos sobre estes quatro grandes temas da comunicação cristã. Uma imensa variedade de recursos adicionais são disponibilizados.

TP08-MP – Como exercer cuidado e serviço?

Um estudo da ação terapêutica de Jesus, por meio de seus milagres e ações simbólicas, como modelo para nossa atuação de cuidado e serviço cristãos.

São 400 páginas de texto e 29 videoaulas ligando a vida de Jesus com nossa atuação cristã.



FT09 – Como dialogar com o mundo?

Estudo das evidências à favor da fé cristã e também uma descrição sistêmica da fé cristã, dos sistemas doutrinários existentes na atualidade e, também, de algumas correntes importantes do pensamento das religiões e do mundo não cristão.

São mais de 300 páginas de texto, 17 vídeos e inúmeros textos e recursos adicionais são disponibilizados para os alunos.



GH10 – Como ler a Bíblia nos originais?

Um estudo introdutório das principais línguas originais da Bíblia, o grego e o hebraico, para uma leitura instrumental do texto

bíblico por meio de ferramentas de estudo disponíveis na atualidade.



Esta disciplina, apesar de trabalhosa, oferece grandes surpresas e subsídios aos estudantes da ETC. São quase 300 páginas de texto e 26 vídeos auxiliares, sem contar com os links e recursos adicionais disponibilizados para os alunos

DISCIPLINAS ESPECIAIS

Estudos de interesse específico

DN01 – Tópicos especiais no Livro de Daniel

Um estudo de extratos livro de Daniel, sobretudo das visões proféticas do livro, visando (i) a compreensão do sentido original da obra, (ii) a compreensão do uso cristão das imagens e conceitos no Novo Testamento e (iii) a aplicação atual da mensagem do livro. 88 páginas de texto e 9 videoaulas.



AP07 – Os números misteriosos do Apocalipse

Um estudo do significado simbólico dos números do livro de Apocalipse usando como base o pano de fundo histórico, cultural e religioso do mundo antigo. O estudo visará a compreensão do significado original dos números citados na obra e de sua contribuição para o sentido geral do livro. 100 páginas de texto e 9 videoaulas.

DISCIPLINAS DE TEOLOGIA DA ETC



Conclusão de um projeto de quase 3 anos

50 GB de material – 6.118 itens



13 disciplinas
3.800 páginas de texto e audiolivro, documentado e ilustrado
350 vídeos tratando da matéria
230 usuários do site
50 alunos regulares





CURSO LIVRE DE TEOLOGIA

10 módulos básicos – [12 unidades]

Disciplinas do Curso Livre de Teologia da ETC e aulas planejadas:

#	Tema da disciplina	Aulas
0	Como estudar Teologia à Distância? [optativo – ainda indisponível] ETaD Disciplina opcional que visa ajudar o aluno a usar o ambiente MOODLE e também aprender os princípios básicos para aproveitar ao máximo a Educação à Distância.	1-As diferenças da EaD e do Ensino Presencial 2-As teorias da EaD 3-As formas de EaD 4-EaD na ETC 5-O que a ETC oferecerá 6-O que se espera dos alunos 7-Como usar o AVA 8-Como melhorar o desempenho no uso das TIC 9-Como aproveitar ao máximo os estudos 10-Como continuar progredindo 11-Como ajudar a ETC
1	O que é a Bíblia? BB01 Uma introdução geral à Bíblia com ênfase na forma, função e história do texto.	1- Geral 2- Pentateuco 3- Históricos 4- Poéticos 5- Proféticos 6- Evangelhos+Atos 7- Cartas 8- Cartas + Apocalipse
2	Como entender a Bíblia? HB02 Um estudo da formação, transmissão, preservação e interpretação da Bíblia.	1- História da formação da Bíblia (VT) 2- História da formação da Bíblia (NT) 3- História da transmissão da Bíblia 4- História da preservação da Bíblia 5- História da interpretação da Bíblia 6- Como estudar a Bíblia I 7- Como estudar a Bíblia II 8- Princípios de interpretação bíblica

#	Tema da disciplina	Aulas
3	Qual é a nossa história? LB03 Uma leitura da história bíblica do Antigo e do Novo Testamento visando a apreensão da teologia.	1- Leitura Teológico-Narrativa de Gn 2- Leitura Teológico-Narrativa de Gn 3- Leitura Histórico-Salvífica de Ex 4- Leitura Histórico-Salvífica de Ex 5- Leitura Kerigmática de Mc 6- Leitura Kerigmática de Mc 7- Leitura Histórico-Salvífica de At 8- Leitura Histórico-Salvífica de At
4	Qual é o nosso pensamento? HH04 Uma história da igreja e das doutrinas da cristandade.	1- História da igreja apostólica 2- História da igreja antiga 3- História da igreja imperial 4- História da igreja medieval 5- História da igreja na Renascença e Reforma 6- História da igreja na Reforma e Contrarreforma 7- História da igreja moderna e contemporânea 8- História da Igreja de Cristo no Brasil e na atualidade
5	Qual é o ambiente? MB05 Um estudo da história, geografia, arqueologia e sociologia do mundo bíblico.	1- História e Geografia Bíblicas 2- História e Geografia Bíblicas 3- História e Geografia Bíblicas 4- História e Geografia Bíblicas 5- Arqueologia Bíblica 6- Arqueologia Bíblica 7- Sociologia do Mundo Bíblico 8- Sociologia do Mundo Bíblico
6	O que a congregação precisa saber? NT06 Um estudo da epistolografia do mundo antigo e do Novo Testamento.	1- Epistolografia do mundo antigo 2- Romanos 3- Romanos 4- 1Coríntios 5- 1Coríntios 6- Gálatas 7- Efésios e Colossenses 8- Tiago
*	TCC-1 Início dos trabalhos para a elaboração de TCC pelos alunos optantes pelo Bacharelato no Curso Livre de Teologia.	Orientação para TCC

#	Tema da disciplina	Aulas
7	O que queremos comunicar? TP07 Evangelização, plantio de igrejas e formação de comunidades cristãs no desempenho do serviço cristão.	1- Evangelismo 2- Evangelismo 3- Evangelismo 4- Plantar comunidades 5- Plantar comunidades 6- Homilética 7- Homilética 8- Homilética
8	Como exercer cuidado e serviço? TP08 Como acompanhar novos convertidos; aconselhamento cristão; a igreja como comunidade terapêutica e o ministério cristão como serviço sacrificial e humilde; o uso de dons e a família cristã como base das igrejas.	1- Acompanhamento 2- Aconselhamento 3- Aconselhamento 4- Comunidade terapêutica 5- Comunidade terapêutica 6- Ministério como serviço 7- Ministério como uso de dons 8- A família cristã
9	Como dialogar com o mundo? FT09 Análise do mundo moderno. Evidências da fé cristã. Teologia sistêmica e sistemas doutrinários históricos.	1- Evidências da fé cristã 2- Evidências da fé cristã 3- Evidências da fé cristã 4- Teologia Sistêmica 5- Teologia Sistêmica 6- Teologia Sistêmica 7- Sistemas doutrinários 8- Sistemas doutrinários
10	Como ler a Bíblia no original? GH10 Grego e hebraico bíblicos.	1- Grego 2- Grego 3- Grego 4- Grego 5- Grego 6- Grego 7- Hebraico 8- Hebraico
*	TCC-2 Conclusão, apresentação, avaliação, correção e publicação de TCC, para alunos optantes pelo Bacharelato do Curso Livre de Teologia.	Orientação para TCC



CURSO LIVRE DE TEOLOGIA

Lista de disciplinas: eixos temáticos e equivalências

Para formar-se em no Curso Livre de Teologia pela ETC, o aluno terá que cursar 10 módulos de ensino, distribuídos ao longo de 2 anos e realizar Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

0. Como estudar teologia em EaD?	ETaD
1. O que é a Bíblia?	BB01
2. Como entender a Bíblia?	HB02
3. Qual é a nossa história?	LB03
4. Qual é o nosso pensamento?	HH04
5. Qual é o ambiente?	MB05
<i>TCC-1</i>	
6. O que a igreja precisa saber?	NT06
7. O que queremos comunicar?	TP07
8. Como exercer cuidado e serviço?	TP08
9. Como dialogar com o mundo?	FT09
10. Como ler a Bíblia no original?	GH10
<i>TCC-2</i>	

As disciplinas podem ser feitas em qualquer ordem, não relacionando-se uma com a outra por meio de pré-requisitos. Recomenda-se contudo, seguir a sequência indicada pelos números na sigla das disciplinas: **BB01**, **HB02**, **LB03** etc.

O MEC recomendava que os cursos de teologia tenham suas disciplinas distribuídas em oito (8) eixos temáticos essenciais. No quadro abaixo, apresentamos as disciplinas do Curso Livre de Teologia da ETC, modalidade bacharelato, distribuídas nos 8 eixos indicados pelo MEC:

Eixos recomendados pelo MEC:	Módulos
1. Bíblico	1, 3, 6 BB01, LB03, NT06
2. Metodológico	2, TCC HB02, TCC
3. Histórico	2, 4 HB02, HH04
4. Interdisciplinar	5, 9 MB05, FT09
5. Sociopolítico	5 MB05
6. Teológico-prático	7, 8 TP07, TP08
7. Filosófico	9 FT09
8. Linguístico	10 GH10

Cada curso será ministrado num período de 2 meses (8 a 9 semanas) sendo que cada um deles será composto por 7 ou 8 unidades de ensino (ou 7 a 8 módulos).

Cada módulo, ou unidade semanal de ensino, será composto, idealmente, por: (i) uma web-aula em forma de texto; (ii) uma vídeo-aula de 1h (dividida em 2 ou 3 partes); (iii) uma atividade complementar semanal: uma ressonância sobre um tema ou uma postagem de texto ou participação em fórum ou chat ou questionário etc.

O aluno deverá ocupar de 4 a 6 horas semanais para aproveitar seus estudos conforme o plano de atividades descrito acima. Ocasionalmente, atividades em “tempo real” poderão ser programadas.

Na tabela abaixo, relacionamos as nossas 10 disciplinas, a ementa e o nome das disciplinas de um curso tradicional de teologia que estão sendo tratadas ou tocadas em cada uma das nossas disciplinas:

Nome da disciplina conforme a proposta da ETC	Ementa da ETC	Nomes das disciplinas envolvidas conforme os nomes destas nos cursos tradicionais de teologia
BB01 – O que é a Bíblia?	Uma introdução geral à Bíblia com ênfase na forma, função e história do texto.	Introdução ao Velho Testamento Introdução ao Novo Testamento A Literatura Bíblica A Bíblia como Literatura
HB02 – Como entender a Bíblia?	Um estudo da transmissão, preservação e interpretação da Bíblia	Bibliologia (história da Bíblia) Exegese Hermenêutica
LB03 – Qual é a nossa história?	Uma leitura da história bíblica do Antigo e do Novo Testamento visando a apreensão da teologia	Teologia Narrativa O Pentateuco O Livro de Gênesis O Livro de Êxodo O Livro de Marcos O Livro de Atos
HH04 – Qual é o nosso pensamento	Uma história da igreja e das doutrinas da cristandade	História da Igreja História das Doutrinas Doutrinas da Cristandade
MB05 – Qual é o ambiente?	Um estudo da história, geografia, arqueologia e sociologia do mundo bíblico	História de Israel História dos tempos do NT Geografia Bíblica Ciências Sociais Arqueologia
NT06 – O que a congregação precisa saber?	Um estudo da epistolografia do mundo antigo e do Novo Testamento	Epistolografia do NT Romanos; 1 e 2 Coríntios; Gálatas; Efésios e Colossenses; Tiago

Nome da disciplina conforme a proposta da ETC	Ementa da ETC	Nomes das disciplinas envolvidas conforme os nomes destas nos cursos tradicionais de teologia
TP07 – O que queremos comunicar?	Evangelização, missão, formação de comunidades cristãs no desempenho do serviço cristão	Evangelismo, Missões, Didática e Homilética
TP08 – Como exercer cuidado e serviço?	Como acompanhar novos convertidos, aconselhamento cristão, igreja como comunidade terapêutica e o ministério cristão como serviço sacrificial e humilde; o uso de dons e a família e a casa como base das congregações cristãs	Aconselhamento cristão Eclesiologia Ministério cristão A família cristã
FT09 – Como dialogar com o mundo?	Análise do mundo moderno. Evidências da fé cristã. Teologia sistêmica e sistemas doutrinários históricos. Diálogo inter-religioso.	Doutrinas religiosas Religiões não cristãs Evidências cristãs Teologia sistemática Ciências da religião
GH10 – Como ler a Bíblia no original?	Grego e hebraico bíblicos	Introdução ao Grego Introdução ao Hebraico 1João Rute
TOTAL	10 módulos de ensino e aprendizagem EaD por meio das TI	46 matérias ou disciplinas convencionais

 CLASSE DOMINICAL ONLINE

Um novo serviço da Escola de Teologia em Casa

Dinamize e modernize sua escola dominical!

No segundo semestre de 2014, a Escola de Teologia em Casa irá disponibilizar recursos para professores e classes da Escola Dominical. O alvo é usar na Escola Dominical, as tecnologias virtuais modernas. O professor pode decidir como usar o material disponibilizado: com acesso particular ou compartilhado com os estudantes.

Serão disponibilizados:

1. **Lição** semanal em forma de esboço ou texto: pode ser impressa para os alunos ou utilizada apenas pelo professor.
2. **Videoaula** sobre o tema em estudo: pode ser assistida apenas pelo professor em seu preparo ou ser passada para a classe e utilizada como introdução ao estudo. A brevidade deste vídeo permitirá que ele seja apresentado na classe da Escola Dominical, tanto pelo uso de um data-show ou diretamente da tela do laptop do professor, conforme o tamanho da classe.
3. **Slides** para apresentação e revisão da aula: podem ser usados apenas pelo professor, ou passados em classe, ou como “lição de casa”, assistida pelos alunos no site da ETC.
4. **Sugestões de debates e discussão** em classe: este recurso ajudará o professor a envolver os alunos em conversas e discussões sobre o tema de modo a melhorar o processo de aprendizagem.
5. **Formulários e certificados** para os professores e alunos: listas de presença e de controle de atividades além de certificados para professores e alunos.

Hoje, o uso da Internet, das redes sociais e das Tecnologias da Informação já permeiam todas as atividades humanas, desde a escola e o trabalho até o lazer. A humanidade e suas atividades caminham no mundo real e no mundo virtual. Esta é uma boa oportunidade para usar as Tecnologias da Informação e as novas ferramentas de ensino

virtual em sua classe da Escola Dominical. Você vai motivar os seus alunos e levar o aprendizado do domingo para toda a semana deles!

ETC CLASSE DOMINICAL ONLINE

Um novo serviço da Escola de Teologia em Casa

PROPOSTA:

Dinamize sua classe da Escola Dominical pelo uso das Tecnologias da Informação disponíveis no site da ETC

www.teologiaemcasa.com.br



FUNCIONAMENTO:

O site da ETC oferecerá recursos para dinamizar as aulas dominicais:

1. **Lição** semanal em forma de esboço ou texto
2. **Videoaula** sobre o tema em estudo
3. **Slides** para apresentação e revisão da aula
4. **Sugestões de debates e discussão** em classe
5. **Formulários e certificados** para os professores e alunos

OPÇÕES DE ACESSO AO SITE: Somente professor
ou
Professor e classe

CURRÍCULO: PRIMEIRO ANO (quatro trimestres)

VC226 – Momentos importantes na vida de Jesus

TB237 – A vida após a morte: estudos de escatologia do NT

FC249 – A família do discípulo de Jesus – o lar cristão

TD231a – Estudos sobre o Espírito Santo (I)

MATRÍCULAS NO SITE: www.teologiaemcasa.com.br

Custo total por disciplina:

R\$ 30,00 para cada professor

ETC CONTEÚDO BÍBLICO ONLINE

Um novo serviço lançado no fim de 2015 para a igreja de Cristo no Brasil.

ETC CONTEÚDO BÍBLICO ONLINE

Novo serviço
da ETC para a
igreja no Brasil

ETC Escola de Teologia em Casa
TEOLOGIA NO CONTEXTO DA VIDA

MP266-Os milagres também são parábolas
Um estudo sobre o significado maior dos milagres

Há lições em cada milagre.
Não se trata de "ensino moralizante" ou de "alegorizações" das narrativas.
Os milagres revelam o Jesus divino e humano pois quando ele age, sempre é coerente com sua natureza.
Assim, os milagres são ações simbólicas que revelam Jesus e anunciam sua visão do mundo.

Estudos em grupo, gravados em São Carlos, SP.

Estudos disponíveis durante todo o primeiro semestre de 2013 no site da www.teologiaemcasa.com.br

Sete estudos em vídeos com duração total de sete horas de estudo.

Apenas R\$ 30,00

www.teologiaemcasa.com.br

ETC Escola de Teologia em Casa
TEOLOGIA NO CONTEXTO DA VIDA

O Movimento do Nome Sagrado

Um estudo intensivo e revelador, no hebraico, no grego, no contexto histórico e, principalmente, na Bíblia expando os erros e perigos ocultos deste movimento.

O Movimento do nome Sagrado afirma:

- Para que Deus nos aceite, temos que usar o nome hebraico de Deus e de Jesus.
- Todas as Bíblias cristãs estão corrompidas.
- Os nomes divinos que usamos são nomes pagãos.
- Se não usarmos os nomes hebraicos, não teremos salvação.

O estudo mostrará, com a graça de Deus, que:

- Os nomes de Deus em nossas Bíblias estão corretos e aprovados por Deus.
- O Movimento do Nome Sagrado está equivocado no seu estudo do hebraico e do grego bíblicos.
- A história do movimento mostra as divisões ele sofreu e também causou.

Estudos oferecidos em Aracaju, SE e em Recife, PE, no ano 2015.

ETC

ETC Escola de Teologia em Casa
TEOLOGIA NO CONTEXTO DA VIDA

MP266-Os milagres também são parábolas
Um estudo sobre o significado maior dos milagres

Há lições em cada milagre.
Não se trata de "ensino moralizante" ou de "alegorizações" das narrativas.
Os milagres revelam o Jesus divino e humano pois quando ele age, sempre é coerente com sua natureza.
Assim, os milagres são ações simbólicas que revelam Jesus e anunciam sua visão do mundo.

Estudos em grupo, gravados em São Carlos, SP.

Estudos disponíveis durante todo o primeiro semestre de 2013 no site da www.teologiaemcasa.com.br

Sete estudos em vídeos com duração total de sete horas de estudo.

Apenas R\$ 60,00

MP266 – Os milagres também são parábolas.

Gravação de 7 horas de vídeo de aulas e discussões sobre os milagres de Jesus como ações parabólicas e simbólicas onde ele ensinava e revelava as coisas do Pai.

Este estudo não disponibiliza texto ou outros recursos, mas apenas as aulas gravadas.

NS289 – O movimento do nome sagrado.

Um estudo sobre movimentos modernos que insistem no uso de termos hebraicos para falar de Deus, de Jesus e do Espírito Santo. Este estudo trabalhará termos hebraicos e gregos da Bíblia e mostrará a fraqueza dos argumentos destes grupos e denunciará o espírito de divisão e de erro difundido por eles.

Um curso essencial para quem quer ajudar pessoas que estão sendo enganadas por estes grupos, bem como impedir que eles causem divisões nas igrejas, por meio da divulgação de seus erros como se fossem resultado de grandes saberes.



Escola de Teologia em Casa
TEOLOGIA NO CONTEXTO DA VIDA

O Movimento do Nome Sagrado

Um estudo intensivo e revelador, no hebraico, no grego, no contexto histórico e, principalmente, na Bíblia expondo os erros e perigos ocultos deste movimento.

O Movimento do nome Sagrado afirma: • Para que Deus nos aceite, temos que usar o nome hebraico de Deus e de Jesus. • Todas as Bíblias cristãs estão corrompidas. • Os nomes divinos que usamos são nomes pagãos. • Se não usarmos os nomes hebraicos, não teremos salvação.	O estudo mostrará, com a graça de Deus, que: • Os nomes de Deus em nossas Bíblias estão corretos e aprovados por Deus. • O Movimento do Nome Sagrado está equivocado no seu estudo do hebraico e do grego bíblicos. • A história do movimento mostra as divisões ele sofreu e também causou.
--	--

Estudos oferecidos em Aracaju, SE e em Recife, PE, no ano 2015.



EM PREPARAÇÃO
Conteúdo Bíblico Online

BB66 – 66 horas com a Bíblia

Um minicurso no qual o estudante passará uma hora estudando cada livro da Bíblia.

Ofereceremos digitalizações e reedições de materiais de valor, que deixaram de ser publicados ou que caíram em desuso. Nestes materiais estão muitas antigas apostilas da Escola da Bíblia e do Instituto de Estudos Bíblicos de São Paulo. Também algumas revistas cristãs que foram descontinuadas poderão ser divulgadas e ter seu acesso restaurado.

EM PREPARAÇÃO
Classe Dominical Online

TP262 – Dons no Corpo de Cristo

Um estudo sobre os ministérios das igrejas conforme a concepção do Novo Testamento.

TP242 – O Pai Nosso

Um estudo dos ensinamentos contidos na oração de Jesus

DO TEXTO À PARÁFRASE

Como Estudar a Bíblia

O propósito deste trabalho é ensinar o estudo da Bíblia por si mesmo e obter resultados verdadeiros. O estudo bíblico independente é a única forma de chegar à verdade de Deus, sem a distorção dos erros alheios. Por outro lado, estudar independentemente não permitirá a autenticação de erros pessoais, visto que um estudo honesto evitará dar ao texto um sentido que ele não tem, além de aceitar a correção e as sugestões de outros que já o estudaram antes.

A presente obra oferece estímulo para o estudo bíblico honesto e profundo por parte de todos os servos de Deus, especialmente aqueles incumbidos do ministério da palavra.

**Bryan J. Bost é presbítero da igreja de Cristo
na Avenida Nove de Julho, São Paulo, SP.**

**Álvaro César Pestana é evangelista da igreja
em São José dos Campos, SP.**

**Ambos são professores do Seminário Bíblico Nacional. Eles
têm usado esta metodologia por quase quinze anos, obtendo
resultados muito positivos.**

